

642-4

N.º 1

NOVEMBRO — 1876

A EVOLUÇÃO

REVISTA QUINZENAL DE LITTERATURA, DE CRITICA E DE VULGARISAÇÃO SCIENTIFICA

REDACTOR—ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

SUMMARIO

- | | | | |
|-----|---|-----|---|
| I | INTRODUÇÃO, por Alexandre da Conceição. | V | A VOZ DO SEculo (poesia), por M. Sardenha. |
| II | QUESTÕES SOCIAES, pelo dr. A. Z. Candido. | VI | N'UM TUMULO (poesia), por Alexandre da Conceição. |
| III | No CAMPO (poesia), por Barros de Seixas. | VII | BIBLIOGRAPHIA, por Alexandre da Conceição. |
| IV | MR. RENAN, por Alexandre da Conceição. | | |



COIMBRA
 IMPRENSA ACADEMICA
 1876

1911

1911

A ETIOLOGIA

REVISTA QUINZENA DE LITTERATURA DE LINGUA PORTUGUESA E DE LINGUA FRANCESA

REDAÇÃO: ALEXANDRE DE GONCALVES

SUMARIO

- I. O Problema da Língua Portuguesa
- II. O Problema da Língua Francesa
- III. O Problema da Língua Italiana
- IV. O Problema da Língua Alemã

IMPRESSÃO
LITOGRAFIA DE LIMA
1911

A EVOLUÇÃO

Novembro

1876

NUMERO 1

INTRODUÇÃO

Assistimos na Europa a uma das transformações mais decisivas e brilhantes, que haverá a registar na historia do espirito humano, qual é a da substituição lenta, mas constante e gradual, do velho espirito theologico e metaphysico pelo espirito verdadeiramente scientifico da philosophia positiva. Estamos apenas no começo d'esta gloriosa transfiguração e os seus resultados fazem-se já sentir por toda a parte com uma energia promettedora dos mais fecundos e altissimos triumphos. Começam finalmente os espiritos a penetrar-se da idéa de que a evolução é o grande principio regulador das transformações e dos progressos da sociedade, como o é dos individuos, como o é talvez de toda a serie organica. Principia a comprehender-se que nas instituições, como nos povos, os elementos principaes e caracteristicos da sua vitalidade e do seu desenvolvimento não são systemas de convenção ou productos artificiaes gerados pela vontade individual e consciente, mas o resultado de todas as forças organicas da sociedade, subordinadas na sua actividade evolutiva ás diversas e multiplicadissimas influencias do meio historico, geographico e ethnographico. Da comprehensão d'este alto principio de critica, devido immediatamente aos trabalhos do positivismo contemporaneo, derivam as mais fecundas consequencias.

Banido das consciencias o velho supranaturalismo theologico e as impalpaveis e arbitrarias concepções da metaphysica espiritualista, aquellas adquirem a serena e fecunda tranquillidade que sempre lhes costumam dar as convicções fortes e bem definidas. A grande noção moral e juridica da justiça apossou-se de todos os espiritos elevados e d'estes irradia quotidianamente em esplendores de verdade por sobre todas as almas, elevando-as para o bem e ungiendo-as para o dever.

A sciencia, levantada finalmente acima da atmospheria asphyxiante em que se finam as antigas seitas e as velhas escolas metaphysicas, abandona para sempre o terreno movediço das hypotheses, reduzindo-as á sua verdadeira condição secundaria de concepções provisórias, destinadas, quando muito, a guiar o observador na investigação dos factos, mas nunca a servir de base a theorias scientificas, em quanto hypotheses.

A politica perde de dia para dia o caracter flu-

ctuante, convencional e aventureiro que lhe imprimira o espirito juvenil e impaciente, posto que generoso, de jacobinismo francez, para se tornar uma verdadeira sciencia, cujas leis, como as de todas as sciencias, são rigorosamente deduzidas da observação intelligente e despreocupada dos factos.

A litteratura despe a desbotada tunica romantica, expressão artistica das etherisações incoerciveis do espiritualismo philosophico, e, conscia da sua grande missão evangelisadora, apossa-se das altas verdades da philosophia e do movimento scientifico contemporaneo para as mostrar, adornadas com todos os primores da poesia e com todos os esplendores do enthusiasmo, ás multidões sequiosas de novos ideaes.

Em Portugal—digamol-o sem devaneios de patriotismo obscuro, mas tambem sem pessimismo rabujento—esta immensa transformação nas idéas e no ponto de vista critico acha-se já brilhantemente affirmada nos estudos historicos e litterarios e nas concepções poeticas e artisticas; para o demonstrar bastará, entre muitos, citar os nomes dos srs. Anthero do Quental, Theophilo Braga, Oliveira Martins, Luciano Cordeiro, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, etc., etc.

Ha dez annos apenas que se manifestaram os primeiros symptomas d'esta formosa evolução litteraria e já hoje a nova escola conquistou o direito de cidade, posto que seja ainda olhada como suspeita pelos espiritos timidos e educados no velho regimen auctoritario. E' preciso confessar, porém, que a velha escola romantica alguma razão tem para olhar como desordeira e cegamente revolucionaria a pleiade dos novos conquistadores do ideal.

Acontece com effeito que estes, offuscados pelo enthusiasmo da luta e pelos hymnos dos primeiros triumphos, tratam em geral com tal acrimonia e desdem os representantes mais gloriosos do periodo litterario anterior, que dão bons motivos para serem taxados de injustos. O jacobinismo em litteratura teve o seu tempo, como o teve em politica e em religião; hoje, além de ser de mau gosto, é indicio manifesto de falta de senso critico. E' preciso que todos nos compenestremos da idéa de que as escolas litterarias não realisam o mytho de Minerva, que sabiu armada e prompta para o combate da cabeça de Jupiter. Se ha serie

de phenomenos sociaes em que o principio da evoluçãõ seja rigoroso e palpavel são esses os da producçãõ artistica e litteraria. O laço que prende as diversas escolas é tão visivel e robusto que só os espiritos inteiramente alheios aos processos da critica o podem desconhecer. A ala dos namorados do ideal não caminha para a victoria collocada toda n'uma só linha de batalha. Ha sempre espiritos, que, por indole, por educaçãõ litteraria e até por habitos adquiridos, ou ficam immobilizados na corrente natural da evoluçãõ que impelle os outros para as primeiras filas do combate ou caminham com menos impetuosidade que estes, formando a transiçãõ gradual entre os lutadores mais avançados e os ultimos representantes da escola anterior. O que a critica, a critica imparcial e justa deve exigir de todos é conformaçãõ stricta e honrada entre o que se pensa e o que se escreve. O contrario d'isto produz o convencionalismo, o defeito por excellencia, o defeito capital de todas as instituições e de todas as litteraturas mortas para a consciencia publica.

Sejamos pois justos para com todos os grandes

lutadores que nos prepararam a comprehensãõ dos novos ideaes. Se elles não tivessem sido os românticos, eramol-o nós hoje e estaríamos atrazados meio seculo. Devemos-lhes, por isso, esse meio seculo de lutas e glorias. E' um patrimonio sagrado que devemos receber com o respeito filial e com o orgulho viril com que os antigos fidalgos recebiam a espada gloriosa de seus avós para com ella irem conquistar nas lutas contra os infieis as suas esporas de cavalleiros.

Vae n'estas leves considerações a justificaçãõ do titulo adoptado para este jornal.

Hão de ser estes os principios que nos hão de guiar na derrota mais ou menos curta, mais ou menos obscura que esta publicaçãõ tiver de fazer. Não temos exclusivismos intolerantes de escola, nem rancores obscuros de seita litteraria. O nosso ideal social é a justiça, o nosso ideal artistico é a verdade.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

QUESTÕES SOCIAES

Resumo: Problema sociologico.—Estudo do objecto; exposiçãõ da questãõ.—Mecanica social, como sciencia abstracta.—Fôrmas concretas do problema.—Estado social; desequilibrio d'este estado com a lei.—Evoluçãõ da humanidade; suas phases, e causas determinativas.—Mezologia; sua importancia e estado actual.

A humanidade é um homem que vive sempre, dizia Pascal.

Sentença profunda, que, na sua simplicidade de fôrma, comprehende a apologia completa da nossa especie.

Só o homem vive sempre, porque só elle possui a maravilhosa faculdade de transmittir as condições da sua existencia.

A sociabilidade, multiplicando as forças individuais, creando outras, producto exclusivo da aggregaçãõ, consegue resultados a que nunca chegaria o esforço de cada um. A faculdade da transmissãõ do pensamento, pelos variados modos da sua representaçãõ, permite armazenar, em cada dia, novos meios de desenvolvimento, unificar existencias de todos os tempos e espaços.

Cada geraçãõ recebe da que a precedeu o legado que deve entregar ampliado e enriquecido. A parcella que lhe junctar será o titulo da sua nobreza na justa apreciaçãõ da historia.

Por isso a vida do homem eterno é cada dia mais adulta, em cada hora mais complexa.

As leis da vida social são, pois, variaveis no tempo, como as condições do organismo que ellas regem e encaminham.

As phases da vida collectiva, são as phases da vida individual. A humanidade vestiu as faxas da infancia nos tempos da sua primitiva existencia; alevantou-se gigante na força da juventude porque vae passando; e arrastará, por ventura, no futuro que se não sabe fixar, a decrepitude da velhice, que lhe virá por seu tempo.

O facto da morte é um incidente imperceptivel neste organismo complexo. As condições da vida collectiva são independentes do acto que ahi se repete em cada hora.

Cada homem é uma causa, um agente de cooperaçãõ. Orgãos, em geral, gastos e ociosos, substituem-se por outros, vigorosos e activos. Com o desaparecimento coincide a renovaçãõ; o numero é progressivamente crescente; a resultante é, portanto, uma força que vae crescendo tambem, não obstante, e em consequencia, do desaparecimento de cada membro.

Se a morte não fosse condiçãõ essencial da vida, a mesma civilisaçãõ a crearia, como instrumento indispensavel da sua marcha de progresso.

O problema social tem uma representaçãõ abstracta que fixa o limite de que se deve aproximar o trabalho de cada um, o caminho que nos deve guiar no nosso esforço cooperativo.

A humanidade é um systema mecanico, composto de muitos pontos a que se applicam outras tantas forças. Cada uma d'estas forças representa o estado de cada individuo. Augmental-as é, portanto, aperfeiçoar a vida individual.

As resultantes d'estas forças, duas a duas, tres a tres, etc. dão o estado de cada sociedade elementar. Dão a familia, dão a parochia, o municipio, o distri-

cto, a nacionalidade. A sua resultante universal dá a familia universal, dá a humanidade.

Tornar maxima cada uma das forças elementares, seria attingir o maximo progresso individual.

Tornar maxima cada resultante, seria conseguir o mesmo fim para cada sociedade que essa resultante domina.

Achar o maximo, emfim, da força total, seria determinar a lei do maximo progresso social.

A sociologia é, pois, uma sciencia abstracta.

Difficil e complexa na verdade, no primeiro periodo ainda da sua organização, filha legitima de estudos e investigações, mal feitos ou por fazer, a sciencia social é, por em quanto, mais uma concepção do que uma realidade, uma aspiração do que um facto consummado.

O espirito começa ainda agora a reunir os materiaes donde deduzir com segurança as suas leis.

Mas nem por isso poderá negar-se-lhe o seu character abstracto, que lhe é fixado naturalmente no quadro hierarchico das sciencias, primorosamente desenhado pelo auctor da *Philosophia positiva*.⁽¹⁾

A exposição do problema social, como fica feita, fixa o caminho que nos deve guiar no nosso trabalho. A mecanica social ahi fica desenhada a largos traços, com character conciso e rigoroso.

O caminho analytico começa no individuo para findar na humanidade.

Aperfeiçoar a vida individual, com o fim de tornar o homem órgão proficuo de collectividade; estudar as melhores condições de agrupamento das sociedades fundamentaes pela sua ordem natural; fixar-lhes as leis do seu desenvolvimento, para que cada uma consiga o maximo fim, na esphera que lhe pertence; agrupar as collectividades d'uma certa ordem em grupos de ordem mais elevada, com minimos choques e maximos effeitos; aproximar, emfim, pela communhão de pensamentos, de interesses, de aspirações, os órgãos da familia universal; taes são as diversas formas que reveste o problema sociologico.



Seja qual fôr o estado de cultura do espirito de cada um, o rumo da sua educação, não ha hoje quem desconheça que a grande machina social soffre desarranjos profundos, que ameaçam formidaveis desagregações, traduzidas no movimento das sociedades por esses cataclysmos lamentaveis que a historia nos menciona.

Os que analysam de mais perto este oscillar continuado, ao mesmo tempo que reconhecem a existencia d'este mal, como que respiram no meio que os envolve, como que presentem na atmospha social o fluido d'uma nova vida, o germen d'uma transformação que se antevê, que se reconhece, que é fatal no

¹ A Comte—Cours de Philosophie—Tom. 1.º—Deuxième leçon.

tempo, embora a ninguem seja licito fixar-lhe o momento e o logar da sua primeira aparição.

As idéas atropellam-se; as luzes chocam-se; os systemas centuplicam-se; a critica recrudescce dia a dia; o ataque politico cada vez é mais violento; a luta pessoal dos individuos, das collectividades, das associações, agrava-se; a desconfiança cresce d'uma maneira assustadora; o egoismo estende a sua manta desprezível, pretendendo cobrir a terra; e tudo espreita, e tudo está preparado para o dia de amanhã, que ninguem adivinha, que todos, porém, esperam, que todos receiam.

Que o systema politico que rege o mundo não é o que o mundo reclama, não é o que o estado actual da civilisação exige, como laço que prenda todos os individuos num pensamento, num fim, numa aspiração commum, sabe-o todo o homem; demonstra-o a observação.

A lei é esse iman poderoso que faz gravitar os órgãos d'este grande corpo em torno d'um mesmo ponto.

A lei é a traducção do pensamento commum, do estado social, a que se applica.

Formava-se a lei quando se constituia a primeira sociedade. E' para ella o que é a força para a materia, o alimento para o corpo.

Mas a humanidade caminha; mas as suas forças evolutivas, proprias, impreteriveis, produzem as phases da sua derrota.

A lei, se é a bussola que dirige, se é o pharol que encaminha, não é, nem pôde ser, a força que determina, o impulso que origina a marcha da humanidade.

A lei é essa luz que, atravessando o corpo social, manifesta a immensa variedade das suas côres, como a luz do sol quando atravessa os corpos que a refractam.

Por isso a lei deve modificar-se, revestindo todas as formas conducentes a estabelecer a sua harmonia com os corpos que influencia.

E este desequilibrio averiguado, que existe, que todos reconhecem, ha de provir, em ultima analyse, da desharmonia d'esta força e d'este corpo, da lei social e da sociedade que ella dirige, que ella encaminha, mas que ella não pôde dominar, porque não pôde aniquilar as forças proprias, as actividades naturaes d'este grande organismo social.

Pretendel-o, é ver na historia a humanidade levantar-se gigante, esmagando a lei.

Pretendel-o, é ver a onda terrivel que arrasa todos os diques formados contra o seu caminhar.

Aos homens que se collocam á frente da marcha social compete, pois, o imperioso dever de se affieçoarem a essa marcha, de a estudarem, de conhecerem as forças virtuaes do seu movimento, para lhe não pôrem estorvos, antes aplanarem as difficuldades da sua dorrota.

Quando um certo estado social não comporta uma certa imposição da lei, derogada está ella logo. O governo que decretasse a sua immediata abolição era o

melhor dos governos, como é o peor d'elles o que a conserva e pugna pela sua continuação.

E este desequilibrio actual, e esta alternativa que por toda a parte se observa, provem, como vamos mostrar, de vícios organicos da lei, que não é, como devia ser, o producto do trabalho que acabamos de descrever.

Analysemos para podermos concluir.



No estado primitivo o homem, selvagem, nem tinha leis nem costumes.

A natureza que o cercava era um mysterio insondavel, e devia de ser grande o terror que os seus quadros produzissem nesta imaginação embryonaria.

O instincto da conservação levou-o naturalmente a procurar com que satisfazer as suas necessidades corporaes, e d'ahi vem o seu primitivo agrupamento.

Desarmado, sem instrumentos de trabalho, sem recursos intellectuaes, extremamente reduzido em meios, procurou naturalmente os logares onde a Alma natureza mais lhe podesse produzir. Os climas equatoriais, funcções de calor e humidade, elementos principaes de fertilidade do solo, foram, portanto, os primeiros centros de civilização, como a historia indica e comprova.

O Egypto, a India, a America central, nomeadamente o Peru e o Mexico, são os pontos onde se encontram os primeiros passos da actividade humana, os primeiros vestigios da sua força collectiva, os primeiros focos de civilização.

Neste estado rudimentar o homem pôde ver satisfeitas as suas mais urgentes necessidades, e então começou de adquirir os primeiros instrumentos do seu trabalho. Os poucos momentos que sobravam dos seus labores, deviam, conduzindo-o á contemplação, desenvolver-lhe e pensamento, e com elle os recursos da sua primeira actividade.

A linguagem abria-lhe as portas do seu espirito incipiente; a analyse das coisas ensinava-lhe os meios da sua aquisição; e a união de esforços grangeava-lhe os productos bem remunerados d'este primitivo trabalho.

Procurando descanso d'esta labutação continua, conseguiu-o certamente, quando o producto do seu trabalho excedeu o material preciso para a sua conservação.

A sociedade humana começava ahi a sua vida economica; a civilização recebia o seu primeiro progresso.

O excesso de producto, accumulado cada vez mais, dava o descanso, e só o descanso podia dar o trabalho do pensamento.

As artes, as industrias, os costumes, as leis, deviam de começar todas ahi.

A evolução economica é a primeira evolução.

E quem mais ajuntasse mais descansava.

D'ahi a luta, a conquista, nascida do desejo de possuir mais.

D'ahi o principio do individualismo a destacar-se d'esta comunidade primitiva.

D'ahi a guerra; d'ahi o vencedor e o vencido; d'ahi a imposição da vontade do primeiro ao segundo.

D'ahi, pois, a lei, dictada pelo mais forte, traduzindo a sua vontade e o seu interesse. D'ahi, emfim, o escravo e o senhor.

A escravatura é originaria da civilização. E' um producto necessario d'aquella idade, que não um capricho ou um desvio das sociedades que a receberam.

E' uma das leis sociaes, fataes na sua evolução, que a mesma sociedade devia mais tarde aniquilar, quando lhe fosse antagonica.

E foi o que succedeu, diz a Historia.

Antes que a lei decretasse a alforria do escravo, liberto estava elle na consciencia da humanidade.

Ahi, como sempre, a lei ia atraz da evolução, que se cumpre independentemente da sua existencia.

A idéa que se traduz em principio social pela sancção governativa, respira-se na atmosphera, absorve-a a consciencia, que a cumpre, que a respeita, antes, e depois da sua promulgação.

As condições climatericas, se produziam abundancia, mortificavam o corpo. O calor e a humidade eram o flagello continuo.

D'ahi esse caminhar das primitivas sociedades em procura d'outros logares, onde a vida se passasse mais isenta dos excessos do clima, embora á custa de maiores esforços para substituir a diminuição da riqueza. E era a escravatura quem favorecia este desejo, quem produzia este caminhar.

Sem ella a marcha seria absurda.

A diminuição da fertilidade do solo obrigava o homem a esforço proporcionalmente maior; perderia, pois, em trabalho o que alcançara em allivio climaterico.

A emancipação d'uns, a sujeição d'outros, dá a solução do paradoxo.

Os primeiros sugavam os esforços dos segundos, e felizmente que assim era, porque assim se desenvolvia a curva da peregrinação, e se povoava a terra, e se dilatava a esphera da vida social.

Explicar a dispersão da humanidade pelo unico motivo do augmento da população, é ver as coisas a meio, é não conseguir perfeita representação d'este estado inicial.

Se assim fosse, a dispersão seria um castigo, um acto coagido, e nunca uma expansão livre, um facto meditado dos que se afastavam. E então, nada nos pôde convencer de que esta emigração fosse pacifica. A guerra começaria ahi como unico tribunal que decidisse quem se devia afastar. Os mais fortes ficariam, e os mais fracos seriam os desertores.

E fracos, e pobres, e os mais despreziveis, em clima menos propicio, o seu estado seria em muito inferior ao dos pontos de partida. A curva da evolu-

ção social caminharia para o minimo, em vez de se aproximar cada vez mais do seu maximo.

As costas africanas do mediterraneo, as regiões meridionaes da Europa: Tyro, Carthago, Roma e toda a Italia, a Grecia emfim, não deverião ser, como diz a historia, centros de civilisação, secundarios na ordem do tempo, mas muito superiores aos primitivos.

Assim, pois, a influencia do clima como agente, a escravatura e os primeiros rudimentos de conhecimentos adquiridos como meios, fazem da humanidade esse Asheverus infatigavel, que marcha incessantemente, deixando em cada logar uma testemunha da sua passagem, um documento do seu progresso.

Da zona torrida passa-se á zona temperada, do Oriente ao Occidente.

Da India á Italia, á Grecia, aos paizes meridionaes da Europa, e emfim para o norte, onde hoje se fixam as curvas de maxima civilisação, é sempre primeiro motor o clima, misturado com essas muitas condições, onde a vida economica occupa um dos mais distinctos logares.

O meio climaterico é assim o primeiro objecto de estudo para quem pretende fixar o rumo da civilisação, como, portanto, o deve ser para quem pretende determinar as condições estaticas d'um dado povo, d'uma dada collectividade.

A *Mesologia* é uma sciencia de vastissimos horizontes.

Hippocrates lançára os seus fundamentos, no tractado do ar, agua e logares.

A idéa, porém, adormeceu ignorada, até que o grande reformador moderno, auctor da *Philosophia positiva*, chamou de novo, e com verdadeiro empenho, as atenções sobre ella.

Hoje, se é curto ainda o caminho andado, é claro já no espirito de quem pensa e julga, a importancia de tal estudo, e a avaliar pelo empenho com que tantos espiritos se dedicam ao assumpto, muito devemos esperar em utilissimos conhecimentos que nos estão chegados.

(*Continúa*).

DR. A. ZEFERINO CANDIDO.

NO CAMPO

(Ao sr. Bernardino Pinheiro)

Não ha nuvens no ceu, nem convulsões no mar:

É primavera. O sol começa a despontar.

Por toda a parte a vida. As veigas verdejantes

Parecem plantações bordadas a diamantes,

Batendo-lhes o sol, varridas pelo vento,

Sereno, irregular, triste com um lamento,

—Cortado a intervallos.

Ouvem-se além cantar sonoramente os gallos.

As aldéas ao longe, alegres, rudes, francas,

Parecem estendaes de roupas muito brancas.

Esvoaçam a chilrar em bando as andorinhas;

Accordam nos casaes as meigas criancinhas,

E correm para o campo, alegres e felizes,

Sem sentirem no peito as fundas cicatrizes

Da espada da justiça. E em quanto andam brincando

A' beira dos vallados,

Indiscreto, curioso;—o sol vae espreitando

Maliciosamente ás frestas dos telhados:

As graças da mulher: os seios. . . e depois

Sorri aos aldeãos, que vão atraz dos bois.

Que alegria infinita a natureza encerra!

As sérenas manhãs, a boa paz da terra

No campo onde ha mais ar e as aguas são mais puras!

No emtanto tambem ha no campo desventuras,

Tambem ha afflicções e lagrimas e lutas,

Ha sorrisos de luz e ha trevas absolutas!

Ha dores bem cruéis e ha grandes soffrimentos:

Miseria que soluça os casos macilentos

Da sorte arida e má.

Não são só as cidades

Que sentem no seu seio as fortes tempestades

Da inclemencia e do mal! Tambem pelas aldeias

Circula o mesmo sangue e com as mesmas veias.

Olhae aquella casa alli n'aquelle combro:

Que tristeza lá vae! Que anceios e que assombro!

Lá dentro um velho afflicto, um velho desolado,

E uma mulher que chora amargamente ao lado.

Não sabem se pensar na triste e dura sorte,

Ou se pensar na vida, ou se pensar na morte.

É marido e mulher: tiveram simplesmente

Uma filha: um sorriso,

E viviam assim, felizes como um crente,

Que depois de morrer tem certo o paraíso.

Ella era muito linda e meiga e ingenua e loira!

Um anjo d'affeição, uma criança ideal,

Singela como a flôr, que, meigamente, doira

O sol da primavera em tardes de crystal.

Chamavam-lhe na aldeia a mãe dos desvalidos,

E quando via alguém trazendo os hombros nus,

Com frio, a tiritar, despia os seus vestidos

E dava-os:—uma esmola em nome de Jesus.

Bella! No seu olhar havia um brilho suave!

Grande alma de mulher,

Tão pura, que lembrava a candidez d'uma ave,

A graça do luar e a paz do rosicler.

Mas como tudo acaba, a pobre da criança,
Que era um anjo de luz e um seio d'esperança,
—No abysmo hoje cahiu, deixando n'um casebre
A vergonha, a desgraça e os paes a arder em febre.

Havia alli na aldéa um D. Juan farçante
Devasso, bestial, altivo, petulante,
—Uma alma de malandro: um coração mordaz,
E um cerebro vasio.

—O pae era visconde: o filho era vadio.
E ella amava-o por fim, julgando-o um bom rapaz!
Costumava enconral-o, alli pela tardinha
Ao pé da fonte, e alegre ás vezes se detinha
Um pouquinho mais,

Olhando-o com o ardor dos olhos virginaes.
E fallavam depois das grandes tardes boas,
Da merenda no campo, á beira das lagôas,
Do ar saudavel, puro e fresco das manhãs,
Do aroma dos rosaes, da graça das romãs
E dos quadros reaes da terra grave e seria,
Onde ha quem veja Deus nas formas da materia!
E a elle em vez do amôr profundo e respeitavel,
Vinhã-lhe então á mente os lubricos desejos
D'agarrar-lhe a cintura e como um miseravel
Lançal-a sobre o chão e seduzil-a aos beijos.

Mas como tinha medo, alli, que alguém o visse,
Fazendo por tornar-se o menos saliente,
Tratava-a com meiguice,

E ao mesmo tempo austera, honesta e gravemente,
Até que um dia em fim a hora desejada
Chegou ardente e calma . . .

Ella—vencida então—ouviu-lhe uma risada
—Como um remorso antigo a causticar uma alma!
E assim fugiu de casa, afflicta e contrahida.

Agora está perdida,
Perdida pelo amôr, calcada pelo vicio,
Esquecida, lutando em vão contra o supplicio
Do erro que a lançou na maxima abjecção!
Não foi Romeu beijando a Julietta. Não.
Foi Caim contra Abel! O tigre contra a corça!
A fraqueza d'um lado e do outro lado a força!
A guerra contra a paz! O mal d'encontro ao bem!

Que importa que ella seja em pouco tempo mãe,
E que o seu filho saiba, ou não o que é ter pae?
Elle, o tartufo, ri . . . Ella entretanto chora . . .

É a alma feita noite, e a carne feita aurora!

Bandidos triumphae!

A honra geme? Embora. O vicio tripudia . . .
É noite negra em vez do sol do meio dia.
Aurora que escurece e treva que sorri!
O punhal supplantando o rijo bisturi!

E elle—o devasso—foi que indifferentemente
Fez da mulher ideal—a victima innocente,
Da honra sem ter mancha—o opprobrio não pequeno,
Da taça da saude a taça do veneno,
Da moral e do amor, o desespero e a luta,
D'uma mulher honesta, uma mulher corrupta.

E elle ha de ser feliz e hão de chamar-lhe heróe!
Cuspir n'uma criança os gozos sensuaes,
—Se não houver dinheiro—é coisa que não doe
A' grande corrupção dos nossos tribunaes.

No emtanto ella ha de ouvir a ebria populaça
Chamar-lhe meretriz—n'um rubido epigramma,
Depois de ser lançada aos fossos da desgraça,
Onde a miseria habita em saturnaes de lama.

E os paes gemem a dôr que o seu coração chora!
E lembram-se do Christo e lembram-se da Cruz!
Em quanto pelo azul, o pavilhão da aurora
Espalha sobre o mundo um grande mar de luz.

Largos cantos d'amôr vibram as cotovias!
Sente-se a robustez no ondular das searas!
Ha como que, no ar, alegres melodias
E o ceu tem a attracção das grandes almas raras!

BARROS DE SEIXAS.

MR. RENAN

Mr. Ernesto Renan, que, a par da sua vasta erudicção de orientalista, é seguramente um dos escriptores mais correctos e mais elegantes da França contemporanea, apezar do seu mysticismo philosophico, filho do seu talento essencialmente artistico e entusiasta, termina com estas bellas e eloquentes palavras o seu discurso de abertura do curso, profesoado o anno passado no collegio de França, das linguas hebraica, chaldaica e syriaca:

«Não nos tornaremos a encontrar, meus senhores. Da proxima lição em diante terei de immergir

nos estudos da philologia hebraica, onde a maior parte de vós me não poderá acompanhar. Que os que são moços, porém, e com os quaes por isso posso permittir-me a liberdade d'um conselho, me attendam com benevolencia. O enthusiasmo que vos anima é que se revelou por vezes no decurso d'esta lição em manifestações de apreço que me honram, é louvavel nos seus impulsos e de bom auspicio; não o deixeis, porém, degenerar em agitação frivola. Entregae-vos do coração aos estudos sérios e fecundos, convictos de que a cousa liberal por excellencia é a cultura do

espírito, que dá a nobreza do caracter e a independencia intellectual. Preparaee á França gerações robustas e dignas para tudo o que ha de glorioso e de bello na vida. Fugi dos enthusiasmos irreflectidos e lembrae-vos de que a liberdade só pôde conquistar-se

pelo respeito de si proprio e dos outros e pela dedicação á cousa publica e á obra especial, que cada um de nós está encarregado na terra de fundar ou de continuar».

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A VOZ DO SECULO

(CONFORME UM DISCIPULO DE COMTE)

Um filho das modernas theorias

Ousa dizer aos filhos do Evangelho:

—Ante a cruz postos sempre de joelhos! . . .

Tenho pena de vós, ó almas pias!

Chega a hora das grandes agonias!

Orae, que está a aluir-se o mundo velho. . .

Mas aos sectarios do pendão vermelho.

Oh! não chameis *atheus*, *gentes impias*;

Que nem o grito d'—*Ecrasons l'infâme!*

Nem o *sarcasmo*, nem o *livre exame*

Dizem hoje atheismo, impiedade.

Sim, podeis crer, ó tristes viadores:

Tambem os que são livres pensadores

Tem um Deus, e que Deus!—a Humanidade!

Miranda do Douro.

MANUEL SARDENHA.

N'UM TUMULO

Envolve-se a existencia em dois mysterios

Berço e campa, dois ovulos diversos;

Dos berços faz-se o pó dos cemiterios,

Das campas sae o pollen dos berços.

Mysterioso circulo da vida

Que esmaga em cada giro uma alma, um ente,

Que rasga em cada volta uma ferida,

Que deixa em cada sulco uma semente.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

BIBLIOGRAPHIA

CARICATURAS EM PROSA

A casa Moré editou ha tempos no Porto um livro do sr. Luiz de Andrade, *Caricaturas em prosa*, que tem excitado uma certa curiosidade, graças ao escandalo que os jornaes catholicos, com uma simplicidade de espirito verdadeiramente apostolica, se encarregaram de fazer em volta do livro, apontando-o, rubros de colera e congestionados de horror e de rethorica, como um montão de impiedades, ás almas dos seus angelicos leitores. Seriam virginalmente ingenuos estes grandes catholicos se atravez das chammas da sua colera theatral se não estivesse divisando o sorriso finalmente jesuitico com que elles riem da propria indignação.

Ainda assim é para se lhes agradecer estas grossas e bulhentas coleras, que são a melhor e ás vezes unico *reclame* em favor dos escriptos liberaes.

E' certo que o livro do sr. Luiz de Andrade tem sufficientes merecimentos litterarios para ser digno de

se tornar conhecido e recommendado pela critica despreoccupada. Vive-se, porém, n'uma tal indifferença pelas cousas da arte, é por tal fórma absorvente e despotico o interesse da grande massa do publico portuguez pelas futilidades de noticiario e tão exclusivo e obsecado o amor pelos engrandecimentos materiaes, que o livro do sr. Luiz de Andrade passaria talvez desaperecebido se a descomposta indignação do jornalismo catholico se não encarregasse de o recomendar á consideração d'um certo publico, avido de escandalos pelo embotamento do sentimento moral e guloso de escriptos *voltaireanos* pela ausencia de convicções fortes e de senso critico.

O sr. Luiz de Andrade é com effeito um escriptor sufficientemente jacobino. Elegante na fórma e por vezes original e sempre vivo no traço artistico e na observação critica, falta-lhe a comprehensão scientifica do espirito dos grandes symbolos religiosos.

Ao seu juvenil e impetuoso sentimento de justiça e de verdade repugnam por tal fôrma as altas concepções do catholicismo, que se ergue, como Voltaire, n'um impeto de colera sagrada para esmagar o *infame*. E' por isso irreverentissimo com esses symbolos, pois confunde o convencionalismo meramente politico e baixamente explorador que para ahi temos com o nome de religião official, morta para um grande numero de consciencias, com as grandes concepções primitivas do christianismo espontaneo e vivo, que foi o educador do mundo moderno.

E' um pessimo e errado systema de ataque este, pois provoca na maioria dos espiritos, ainda não desprendidos inteiramente das influencias da nossa geral educação domestica, reacções que atrasam pelo terror esses espiritos no trabalho emancipador da educação extra-official. Este defeito, commum a muitos dos nossos escriptores modernos, parece-nos simplesmente uma illusão de optica. Educados no meio positivo do estudo das sciencias modernas, das quaes foram banidas de uma vez para sempre todas as hypotheses mais ou menos imaginosas e gratuitas de origem e de finalidade, tomam um tal horror ás concepções theologicas do catholicismo, que o consideram simplesmente um systema de absurdos, trabalhosa-mente architectado por uma classe previligada, para com elle explorarem a consciencia e a bolsa da humanidade ignorante. E' falso este ponto de vista, pelo menos na sua generalisação critica. Toma-se aqui o estado da consciencia publica pelo da propria consciencia. A maioria dos espiritos em Portugal e mesmo na Europa vive ainda na atmospha tepida e somnolenta da auctoridade theologica ou, quando muito, na infancia da critica religiosa. Haja vista ás lutas religiosas da nova Allemanha, paiz onde aliás a analyse scientifica applicada ás concepções religiosas e philosophicas mais alto se tem erguido.

E' certo que o character essencialmente revolucionario e negativo d'esta critica aos velhos symbolos do catholicismo, que perderam toda a primitiva significação moral pela sua petrificação dogmatica e pela elevação da consciencia da humanidade, tem uma larga influencia nos espiritos não inteiramente desprendidos do auctoritarismo theologico, mas que não chegaram ainda ás convicções scientificas do positivismo contemporaneo.

Agrada a esses espiritos, envoltos no crepusculo do espiritalismo, a suprema liberdade de exame a que taes processos de critica o auctorisam.

Considerados sob este ponto de vista, os escriptos como o do sr. Luiz de Andrade tem uma certa influencia salutar, porque preparam e affirmam uma das phases necessarias da evolução por que tem de passar o espirito humano para chegar ás convicções positivas. O perigo do emprego de tal arma está apenas na eventualidade do golpe ir até ás raizes do senso critico e tornar assim a consciencia publica, por uma agitação excessiva e frivola, impropria e esteril para a fecundação dos novos principios e das novas affirma-

ções, que tem de ser o trabalho complementar e indispensavel da obra essencialmente destruidora e negativa do jacobinismo.

Em religião, porém, como em tudo, é preciso distinguir entre critica e polemica. A' critica vão mal os enthusiasmos juvenis da polemica, como a esta não diz bem a frieza analytica d'aquella.

Fez o sr. Luiz de Andrade, na parte do seu livro relativo a cousas religiosas, critica ou polemica? Se fez critica foi insufficientissimo, se fez polemica foi excessivamente aggressivo, transigindo talvez um pouco com os grosseiros e atrasados gostos *voltaireanos* do nosso publico mais do que com as tendencias, manifestamente delicadas e superiores, do seu proprio espirito.

Disse alguém que o atheismo é ainda uma seita religiosa, e uma seita, perante a critica positiva, egual em valor scientifico a qualquer outra.

Estou a ver o sr. Luiz de Andrade reclamar indignado contra o termo *atheismo* e envolver-me no mesmo anathema com que fulminou os tartufos da *Palavra*. E' preocupação geral entre os escriptores anti-catholicos protestarem pela pureza e sinceridade das suas convicções espiritalistas, o que, no estado actual do adiantamento do espirito humano, nos parece falta de disciplina intellectual ou ausencia de probidade scientifica. No sr. Luiz de Andrade ha apenas falta de disciplina intellectual. Vê-se que os seus estudos litterarios versaram sobre as generalidades da philosophia, da historia e da litteratura sem a preparação dos estudos scientificos propriamente ditos, que dão á intelligencia a robustez tranquilla e serena de que tanto carecem as organizações artisticas e impetuosas, como a do sr. Luiz de Andrade.

Em quanto á parte meramente litteraria do livro, concordamos com as apreciações do sr. Guerra Junqueiro, expostas na carta que acompanha aquella publicação. O sr. Luiz de Andrade, que se revela em todo o livro uma fina e distinctissima individualidade litteraria, sacrifica por vezes o seu bello estylo moderno e pittoresco a uns effeitos communs de folhetinista domingueiro, transigindo ainda n'este ponto com o mau gosto do nosso publico, que se morre por tudo o que é banalmente espectacular. Um escriptor dos merecimentos do sr. Luiz de Andrade não deve sacrificar o seu bello futuro litterario a estes pequeninos triumphos de occasião. Tem talento para ir adiante do publico e por tanto não vá com o publico, porque podem ás vezes os que o não conhecerem tomalo por um dos da turba, e não o é.

Temos sido demasiadamente exigentes n'esta rapida apreciação do livro do sr. Luiz de Andrade. Não é nossa a culpa, mas sim do talento eminentemente progressivo do auctor das *Caricaturas em prosa*. Exige-se muito sómente de quem muito pode dar.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO

Novembro

NUMERO 2

A INSTRUÇÃO PUBLICA

E

O SR. RAMALHO ORTIGÃO

No ultimo numero das *Farpas* o sr. Ramalho Ortigão faz ao sr. ministro do reino a resenha do estado da nossa instrucção secundaria, e indica os diversos pontos e maneiras como, no seu entender, ella deve ser reformada.

Agora, que os poderes publicos parecem dispostos a olhar com seriedade para esta, mais que todas, importante fonte de prosperidade nacional; agora, que o convencimento da nossa anarchica legislação a este respeito, veio, pela eloquencia dos factos, despertar a apathia assustadora, que nos tem reduzido a um lastimoso viver, as idéas do sr. Ramalho deviam de ser rapidamente assimiladas pelos muitos leitores das *Farpas*, em cujo numero entrámos nós, como um dos maiores admiradores d'esta importante publicação. Bem merece o sr. Ramalho a muita consideração em que é tido por quantos têm visto a variedade dos seus conhecimentos, a liberdade da sua apreciação, e a maneira elegante e clara como nos torna conhecidas as suas variadissimas produções.

No pequeno tempo de existencia d'esta publicação utilissima, temos assistido a uma prodigiosa transformação, operada no espirito do sr. Ramalho pela sua elevada capacidade, sujeita decerto a uma energia e trabalho bem raros no nosso paiz.

D'uma publicação litteraria, reduzida á analyse de factos de mediana cathegoria, vê-se o espirito audacioso do sr. Ramalho Ortigão elevar-se rapidamente nos horisontes indefinidos das concepções scientificas, e, por ultimo, discutir os pontos mais delicados, os problemas mais transcendentales que a sciencia social nos offerece!

Serriamente affeiçãoado á moderna escola franceza fundada por A. Comte, como em varios logares nos declara, vemol-o, intrepido soldado da esplendida cruzada *comteana*, affirmando juizos, traçando reformas, nos pontos mais melindrosos que fazem o objecto das discussões d'esta escola.

Para nós, humilde mas convicto apostolo d'esta re-

ligião sublime, prégada pelo illustre auctor da Philosphia positiva, o sr. Ramalho Ortigão é um dos espiritos mais cultos d'este paiz.

Pena é que a rapidez com que os seus trabalhos são feitos, a accumulacão por ventura d'esses trabalhos, e mesmo, quem sabe, se a rapidez com que se precipitou no estudo d'estes problemas delicados, produzam algumas incorreções, que no sr. Ramalho são tanto mais salientes, quanto é certo que s. ex.^a se considera immaculado d'ellas quando julga a ignorancia geral que, no seu entender, lavra no nosso paiz.

O numero das *Farpas* a que nos estamos referindo, por nós lido com tanto mais cuidado, quanto nos é sympathico o assumpto, é uma das maiores provas do que deixamos dito.

A maneira, realmente severa, porque o sr. Ramalho aprecia a ignorancia do nosso paiz, a ponto de nem ao menos encontrar na nossa terra quem possa estudar os vicios da nossa instrucção, e reformar a sua decadente organisação (1), justificaria, á falta de mais poderosas razões, o trabalho que tivesse por fim mostrar a sua ex.^a a pouca cautela com que escreveu, cahindo em notaveis contradicções com as idéas que pretendeu expôr, em lastimosos absurdos que não podem ser attribuidos senão aos motivos apontados.

Tem muita razão o sr. Ramalho emquanto se limita a descrever o estado anomalo da nossa instrucção secundaria, e egual razão lhe daria eu se o visse descrever no mesmo estylo, verdadeiro e frisante, o estado tambem lastimoso da nossa instrucção primaria e superior. Analysar o que existe, descrevel-o com cores verdadeiras, sabe fazel-o o sr. Ramalho, como se não faria talvez melhor. Facto de primeira necessidade no estudo da questão; facto, porém, que está no espirito de quantos se interessam pela instrucção nacional.

(1) *Farpas*, pagina 23.

Nenhuma das especies de instrucção satisfaz ao seu fim. A primaria, é pouca, e pouco vulgarizada; a secundaria, é pessimamente regulada e pessimamente transmittida; a superior, é velha na sua distribuição, luxuosa em grande parte, omissa n'outras, sempre anachronica e nada regular.

Até aqui estamos de accordo todos os que conhecemos os factos deploraveis que são da analyse constante.

Quando, porém, sahirmos d'esta analyse da doença para procurarmos o remedio que todos reconhecemos urgente, precisamos mais do que espirito investigador, mais do que facilidade de exposição, mais do que severidade da critica; precisa-se uma cultura muito especial, um pensamento muito educado para a formação do diagnostico.

O primeiro ponto da refórma é incontestavelmente a fixação da área de cada especie de instrucção. Os programmas da instrucção primaria, secundaria e superior, hão de fixar-se dentro de certos limites que determinam a extensão de cada uma. E esta área depende de varias circumstancias que é preciso fixar, entre as quaes podemos mencionar: *os fins proprios da instrucção, a idade dos que aprendem, a sua posição social, o estado geral da civilisação, o estado emfim da sociedade particular para que se applica.*

Os fins da instrucção são muitos e muito diversos. E' a instrucção que habilita o homem para ser um membro proficuo de collectividade, ensinando-lhe os seus deveres e os seus direitos, que determinam a norma das suas acções na esphera geral da humanidade, e, mais particularmente, na esphera da sociedade a que pertence. E' ella que, tornando conhecidos os factos do mundo physico, as leis que regem estes factos, as circumstancias especiaes da sua producção, dirige o homem na applicação d'essas leis em seu beneficio e em beneficio commum.

E' ella, enfim, que, além dos utilitarios productos que incessantemente nos alcança, dá ao espirito de quem a cultiva a satisfação mais completa que o homem póde possuir na terra.

A idade dos que se instruem é outra poderosissima circumstancia. A instrucção é o alimento do espirito, como a substancia digerida é o alimento do corpo. Mas, assim como o corpo tem a sua hygiene, e a alimentação deve ser por ella regulada, assim a instrucção deve ser ministrada com cuidado, pouco a pouco, hora a hora, dia a dia, tornando-se cada vez mais complexa conforme a idade e o desenvolvimento do espirito.

A posição social, diversa até ao infinito, é uma variavel de primeira importancia tambem. Os fins que têm a desempenhar os diversos membros da corpo social são extremamente variados, como são variados tambem os elementos de que cada um póde dispôr, a sua comprehensõ, as suas tendencias naturaes. A instrucção hade, portanto, ser diversa para os diversos individuos, habilitando-os a desempenhar muito diversas funcções.

O estado da civilisação em geral, e em particular do paiz para que se legisla são outras causas que modificam a distribuição da instrucção. A verdadeira instrucção, a que produz proficuos resultados, é a que se affeiçoa ao presente. As doutrinas do passado, como as utopias, são extremos necessarios, mas dentro de certos limites, e concentrados em espiritos privilegiados.

Na instrucção completa ha uma primeira parte que todo o homem deve possuir. Esta parte constitue o primeiro grão da instrucção.

Ha outra onde deve chegar quem pretender proseguir no caminho da sciencia com fins mais elevados.

Ha uma terceira onde deve chegar quem quizer completar a sua instrucção com applicações especiaes.

Ha finalmente o estado superior e completo da sciencia que só póde ser seguido por espiritos que se encontrem em condições excepcionaes.

A estas diversas partes corresponde a classificação em tres especies: a instrucção primaria com dois grãos; a instrucção secundaria com dois fins; a instrucção superior com fins diversos. E' esta a classificação geralmente accete por todos os espiritos que se dedicam a este estudo, e geralmente seguida em todos os paizes.

Vejamos como o sr. Ramalho resolve a difficuldade da fixação das diversas especies de instrucção que acabamos de considerar.

■■■

«Na instrucção primaria, diz s. ex.^a a paginas 24, *entra o que ha de puramente elementar na área de todos os conhecimentos humanos.*»

A infinita variedade dos conhecimentos humanos, constitue, como o sr. Ramalho sabe, uma serie, segundo a qual elles devem ser adquiridos por quem procede com methodo. Nesta serie cada termo é o elemento do seguinte. Não se póde convenientemente conhecer um sem conhecer o que o antecede. A proposta do sr. Ramalho significaria a comprehensão na primeira especie do ensino, de toda a serie, com a unica exclusão do ultimo termo.

Segundo a classificação hierarchica das sciencias feita por A. Comte, classificação que o sr. Ramalho accete e reproduz, o alumno da instrucção primaria deve estudar *elementarmente* todos os conhecimentos que compõem a Mathematica, todos os que compõem a Astronomia, a Physica, a Chimica, a Biologia, a Sciencia social, e além disso a parte *elementar* de todos os conhecimentos que constituem as sciencias concretas, como a Mineralogia, a Geologia, a Agricultura, a Medicina, a Arte do engenheiro, etc., etc., etc.

Poderíamos dispensar quaesquer outras provas do absurdo de tal idéa, além do desdobramento que acabamos de fazer.

Quem faria o programma para este estudo? O mesmo sr. Ramalho lutaria com graves difficuldades para o elaborar. Até que ponto estenderia s. ex.^a um

dados conhecimentos para que ficasse com a certeza: 1.º de que esse conhecimento era sufficientemente elementar para que podesse ser comprehendido, 2.º de que esse conhecimento era sufficientemente profundo para que permittisse a aquisição dos conhecimentos mais elevados?

Em que estabelecimentos se deveria professar um curso d'esta natureza? Esta instrucção é universal, pois que universal quer o sr. Ramalho que seja a instrucção secundaria, como diz a paginas 29, e, por força de razão, a sua instrucção primaria. O numero dos estabelecimentos seria pelo menos igual ao numero actual das escolas de instrucção primaria. Estes cursos ou haviam de ser professados por um unico professor ou por muitos. No primeiro caso, aonde encontraria s. ex.ª o numero de homens precisos para todo o paiz? Quando havia de alcançar tanto homem encyclopedico? Quanto deveria dispendir, compensando a estes homens o custo da sua habilitação? E como distribuiria s. ex.ª o serviço d'este unico homem para que podesse preleccionar em aulas de grande concorrência, sobre tal variedade de doutrinas? No segundo caso a falta de pessoal augmentaria; as despezas do mesmo modo; e o tempo dispendido pelos alumnos cresceria prodigiosamente.

Ora o sr. Ramalho deve saber que um dos maiores obstaculos que o nosso povo oppõe ao ensino obrigatorio é justamente a falta que lhes faz o trabalho das creanças no tempo que vão á escola. Calcule por ali a utopia de que se lembrou.

Acreditamos demais nos conhecimentos do sr. Ramalho para ficarmos convencido de que s. ex.ª se equivocou, escrevendo uma coisa e ficando com outra no pensamento. Nem outro pôde ser o nosso juizo, comparando a completa opposição da sua doutrina com a dos sectarios da Philosophia positiva a que tanto se refere no seu trabalho.

A. Comte, como o sr. Ramalho deve saber, insiste constantemente na idéa do estudo e da instrucção segundo a sua fórmula encyclopedica, considerando a ordem hierarchica das seis sciencias fundamentaes, como a unica verdadeiramente methodica e racional porque ellas devem ser estudadas. Mas tambem não deve ignorar que o auctor da Philosophia positiva tinha por fim indicar o caminho que deve seguir o homem na sua educação intellectual e scientifica. «A propriedade mais interessante da nossa fórmula encyclopedica, diz elle a paginas 80 do seu Curso, é determinar directamente o verdadeiro plano geral d'uma educação scientifica inteiramente racional. E' visivel que antes de emprender o estudo *methodico* d'algunha das sciencias fundamentaes, se torna absolutamente preciso estar preparado com o conhecimento das sciencias relativas aos phenomenos anteriores na nossa escala encyclopedica, pois que estes influem d'uma maneira preponderante sobre aquelles cujas leis se pretende conhecer».

E, mais adiante. «Como taes condições não são satisfeitas ainda hoje, não existindo uma instituição

regular organizada para a realizar, podemos asseverar que não existe, *para os sabios*, educação verdadeiramente racional».

Ora decerto o sr. Ramalho não pretende fazer passar rapidamente o nosso paiz, de ignorante, como em varias partes o appellida, ao eden da sabedoria, como o mesmo A. Comte entende que seria aquelle onde todos seguissem a sua formula.

Ainda assim note s. ex.ª que A. Comte é menos difficil de contentar, porque, para os seus *sabios*, limita-se a aconselhar o estudo das sciencias fundamentaes pela sua ordem, ao passo que o sr. Ramalho quer que os seus *ignorantes* estudem *todos os conhecimentos humanos*.

Mas a discordancia das idéas expostas pelo sr. Ramalho com as dos auctores e textos a que se refere, e em geral com as da escola de que se diz discipulo, augmenta e torna-se cada vez mais saliente. No magnifico artigo publicado por Lafargue no tomo X da Revista de Philosophia positiva, sustenta este primoroso apostolo da instrucção a necessidade para a França do ensino encyclopedico. Algumas passagens, porém, convencerão o sr. Ramalho de que seria o sr. Lafargue o primeiro a impugnar as idéas expostas nas *Farpas*, na parte em que allude a este notavel artigo, cuja erudicção foi tão impropriamente reproduzida.

A paginas 221 do volume a que nos referimos faz o sr. Lafargue uma transcripção de A. Comte, que se encontra a paginas 56 do I volume do Curso, a proposito do estabelecimento da differença entre as duas especies de sciencias naturaes que considera.

Esta transcripção não é fiel com o original, como se pôde verificar, e essa differença reproduziu-a o sr. Ramalho a paginas 31 das *Farpas*.

Ha, porém, nesta transcripção um erro, e esse é só do sr. Ramalho que não foi tão cauteloso como o sr. Lafargue.

A. Comte, estabelecendo a differença entre as duas especies de sciencias, abstractas e concretas, diz: «as primeiras, abstractas, geraes, têm por objecto o descobrimento das leis que regem as diversas classes de phenomenos, considerando todos os casos que se podem conceber.» Foi assim que Lafargue reproduziu o pensamento de A. Comte. O sr. Ramalho, para abreviar a phrase talvez, limitou-se a dizer: «uma, geral, abstracta, tem por objecto o descobrimento das leis que regem as diversas classes de phenomenos *que se podem conceber*.»

Se a omissão não é um engano, é indifferente para o sr. Ramalho estudar todos os phenomenos que se sujeitam á analyse da intelligencia humana, encarando-os por todos os aspectos com que elles se podem offerer á sua contemplação, ou estudar todos os phenomenos que se podem conceber.

Toda a intelligencia comprehende, concebe, que entre o crime e a pena ha uma relação, deve existir uma necessaria dependencia; que, averiguada essa relação, o problema da penalidade, que tanto tem

preocupado os sabios de todo o mundo, estava mathematicamente resolvido. Aqui tem o sr. Ramalho um phenomeno, nitidamente concebido, e de impossivel resolução. E como este poderia citar-lhe tantos quantos fossem precisos.

Mas, pondo de parte este visivel erro, ou omisão, prosigamos no confronto com o artigo de Lafargue.

A paginas 231 da Revista, diz o sr. Lafargue, a proposito das *lições das coisas*, tão vantajosamente empregadas pelos americanos do norte: «Mas as lições das coisas não constituirão todo o ensino das escolas primarias superiores. O estudo elementar de *todas as sciencias abstractas*, facilitado por estas lições, deverá ser o seu necessario complemento.»

Talvez que este pensamento de Lafargue fosse uma das inspirações para a proposta do sr. Ramalho, mas é facil de ver a completa opposição dos dois pensamentos.

Lafargue, fazendo notar a immensa lacuna que existe entre a escola primaria e os estabelecimentos de instrucção secundaria, aconselha um segundo gráo de instrucção primaria, que chama *superior*, tendo por fim preencher esta lacuna, preparando convenientemente para o ensino secundario.

E neste curso recommenda o estudo elementar das *sciencias fundamentaes*, mas ainda assim sendo facilitado pelo methodo do *estudo das coisas*. Este methodo é, como o sr. Ramalho sabe, todo analytico, todo independente de qualquer classificação previa dos conhecimentos humanos. Por elle o alumno adquire simultaneamente noções geraes sobre phenomenos de muito diversa cathegoria.

Lafargue, para a França, onde o ensino, mau na verdade, é muito superior ao nosso, mórmente na instrucção primaria, n'um projecto de refórma, que tem por fim levantar a França acima de todas as outras nações do mundo, como diz a paginas 236, por uma aspiração considerada utopia, como geralmente ainda se considera na França o ensino integral proposto por esta escola, pede o ensino elementar das sciencias fundamentaes, como complemento da instrucção *primaria superior*, tendo por fim preparar os alumnos que se destinam aos estudos de ordem mais elevada.

O sr. Ramalho para Portugal, onde ninguem sabe nada, nem sequer medir a profundidade d'aquillo que ignora; onde não ha quem trate uma questão, seja ella qual fôr (1), pede o ensino elementar de *todos os conhecimentos humanos!*

Infeliz substituição foi esta de conhecimentos humanos por sciencias fundamentaes.

IV

«Na instrucção secundaria cabe a parte chamada *abstracta* de todas as grandes sciencias que constituem «a exegese moderna segundo a admiravel genealogia

(1) *Farpas*, pagina 23.

«de A. Comte: a mathematica, a astronomia, a physica, «a chimica, a biologia e a sociologia.

«Na instrucção superior tem lugar a parte concreta das referidas sciencias ou a sua applicação a «qualquer dos ramos da actividade intellectual» (1).

Aqui o sr. Ramalho assumiu as proporções d'um semi-deus. Fugiu da terra com a sua universalidade scientifica, collocou-se á mão direita de Deus Padre Todo Poderoso, e legislou para os bem aventurados espiritos d'aquella celeste mansão!

Desgraçada educação scientifica é esta, colhida nos livros de A. Comte e seus discipulos, se ella leva o homem a taes resultados!

No entender do sr. Ramalho a instrucção secundaria ou ensino medio, que se deve prolongar até aos 18 ou 19 annos, deve ser universal. «E' por meio de um forte ensino medio, commum a todos os cidadãos, qualquer que seja o estado, a profissão ou a gerarchia de cada um, que uma verdadeira democracia se affirma na civilização e no progresso» diz s. ex.^a a paginas 29.

A. Comte escreveu um curso de philosophia positiva, que é um estudo de todas as sciencias fundamentaes por elle classificadas na segunda lição. O curso de philosophia positiva deve ser, portanto, o livro que se deve collocar na mão de todo o cidadão, qualquer que seja o seu estado, profissão ou gerarchia, quando vae estudar a instrucção secundaria. N'um paiz sabiamente governado, como o sr. Ramalho deseja que seja o nosso, deve o livro de A. Comte ser o livro de estudo de todos os portuguezes, desde o filho das serras que tem de cultivar o casal para sustento dos seus, até ao sr. Ramalho que estuda os problemas mais audaciosos da sciencia para nos dizer tudo isto, para nos dirigir e ensinar d'este modo, para ensinar a commissão que o governo encarregou d'estes estudos, para ensinar o governo, para ensinar um paiz onde a ignorancia é universal, crassa e supina.

O sr. Ramalho teve a idéa magestosa de formar do paiz dos ignorantes, um paiz de sabios, como A. Comte se não cança de chamar aos que seguirem e comprehenderem o seu plano de estudo.

Grande e louvavel patriotismo é este que só podia ser produzido «por um banhista da Cruz Quebrada, escrevendo *sobre o Joelho*, á sombra d'um parreiral, sem livros, sem suggestões litterarias, inspirado por um *moinho de vento*, ou pelas rolas que imigram, cortando o sereno azul com a palpitação do seu vôo». A confissão justifica o confessado.

Estes problemas, sr. Ramalho Ortigão, não se estudam á sombra dos parreiraes, com a inspiração dos moinhos de vento e das aves. Estes problemas estudam-se seriamente nos gabinetes.

Colhidos os dados pela observação, pensam-se e discutem-se as leis a que esses dados se sujeitam, contraprovam-se em seguida essas leis pelo juizo d'outros analysadores, e só depois de maduro pensar, de

(1) *Farpas*, paginas 24 e 25.

rigorosa verificação, se entregam ao mundo da publicidade, se expõem á extranha apreciação.

O sr. Ramalho incorre na falta de quem reproduz mais do que produz. Se pelo seu trabalho proprio, pelo seu bem dirigido pensamento, assimilasse a justa idéa do ensino integral, como hoje elle é recommendado e exposto por todos os apóstolos da Philosophia positiva, não viria fazer de tão util medida uma exposição falsa, e tão falsa que seria a sua completa condemnação.

Veja o sr. Ramalho com cuidado os artigos escriptos por Paulo Robin na esplendida exposição d'este ensino, publicados nos numeros 5, 7 e 9, da Revista de Philosophia positiva.

Na exposição que faz Littré no tomo 7.º d'esta mesma publicação, d'um projecto de refôrma apresentado pelo dr. Picot em 1871, tendo por fim a reorganisação da instrucção publica na França, verá o sr. Ramalho que o ensino superior que Picot quer seja professado em dez universidades, é distribuido em sete faculdades, contendo as cinco primeiras o estudo das seis sciencias fundamentaes, a sexta comprehendendo uma faculdade de medicina e a setima uma faculdade de direito.

Nesta exposição diz Littré: «Nos paizes mais adiantados, apenas é obrigatorio o conhecimento da leitura e escripta. O sr. Picot quer aproveitar o ensejo da reorganisação para collocar a França não só ao nivel, mas acima das regiões que têm levado mais longe a diffusão popular da instrucção».

Veja o sr. Ramalho que para tão alto fim o dr. Picot colloca o estudo das seis sciencias fundamentaes na instrucção superior, que é perfeitamente facultativa, ao passo que o sr. Ramalho quer o estudo d'estas sciencias obrigatorio para todos, e o seu estudo unico, completo, na instrucção secundaria!

A instrucção superior, no entender do sr. Ramalho, limita-se ás escolas de applicação!

Falta-nos tempo para proseguirmos neste trabalho. As proporções d'este jornal não nos permitem mostrar ao sr. Ramalho a nossa discordancia em muitos outros pontos.

Perguntariamos ao sr. Ramalho, por exemplo, como uniformisa as suas idéas sobre a escolha de livros para o ensino, expostas a pagina 44, com as idéas a respeito da escolha de professores a pagina 45.

Para os livros quer o sr. Ramalho o monopolio de cinco annos; quer o concurso e o premio ao que escrever melhor. Para os professores nada de concurso; completa liberdade.

Não quer o concurso para o professorado por dois motivos. Em primeiro logar, porque escolhe uns e

põe fóra outros, quando n'um paiz avisado se não deve excluir ninguem que tenha capacidade para ensinar. «Ensinar, diz s. ex.ª, é um direito que o estado não pôde, sob qualquer pretexto que seja, coarctar a ninguem».

Em segundo logar, porque é impossivel aquilatar com segurança o merito do concorrente pela qualidade da prova no acto de um só exame.

«Um sabio modesto, de temperamento nervoso, tímido, *confinado* por muitos annos nos trabalhos do gabinete, sem facilidade de palavra, corre o risco de ser batido n'um exame por um talento mediocre, mas de temperamento arrojado, palavroso, facundo, habituado ás palestras do club e do botequim, e tanto mais ligeiro de argumentos e de palavras quanto mais leve de principios e de idéas».

Ora o primeiro inconveniente dá-se na sua proposta para a adopção dos livros, em mais subido grau. O concurso não exclue senão os inhabeis. O concurso affasta do ensino a perigosa intervenção das incompetencias. O estado tem todo o direito, e obrigação de fazer isto. O direito de ensinar é por certo um direito legitimo, mas que assiste tão sómente aos que têm capacidade para o exercicio de tal direito.

O individuo competente para ensinar, tem o diploma de capacidade que obteve no concurso, de que pôde usar no ensino livre, com direito sancionado pelo Estado, e no ensino publico, onde pôde ser chamado por esse titulo. E na adopção dos compendios por concurso, os livros que forem postos de lado, serão completamente desprezados.

O segundo inconveniente é ainda mais insignificante e contraproducente. O sabio modesto, sem facilidade de palavra, que dá inferior prova no concurso, provou *ipso facto* a sua incompetencia para o ensino, a necessidade da sua exclusão. Ignora o sr. Ramalho que o dom do ensino não é para todos? Que os sabios não são sempre os melhores mestres? E esse inconveniente não se dá na escolha dos livros? Pois ignora o sr. Ramalho que este inconveniente se dá em subido grau na prova escripta? Homens de reconhecido merito, de subida consideração scientifica, escrevem de fórma que ninguem os comprehende, ao passo que outros menos, muito menos instruidos, escrevem com clareza e methodo muito superior.

Pomos ponto aqui, repetindo ao sr. Ramalho os nossos protestos da subida consideração em que o temos, mas pedindo-lhe mais cuidado, mais uniformidade nas suas idéas com os textos e auctores a que se refere, com o bom senso, e com a verdade.

DR. A. ZEFERINO CANDIDO.

A DEBIL

Eu, que sou feio, solido, leal,
A ti, que és bella, fragil, assustada,

Quero estimar-te, sempre, recatada
N'uma existencia honesta, de crystal.

Sentado á mesa d'um café devasso,
Ao avistar te, ha pouco, fraca e loura,
N'esta Babel tão velha e corruptora,
Tive tenções de offerecer-te o braço.

E, quando déste esmola a um miseravel,
Eu, que bebia calices de absintho,
Mandei ir a garrafa, porque sinto
Que me tornas prestante, bom, saudavel.

«Ella ahi vem!» disse eu para os demais;
E puz-me a olhar, vexado e suspirando,
O teu corpo que pulsa, alegre e brando
Na fresquidão dos linhos matinaes.

Via-te pela porta envidraçada;
E invejava,—talvez que o não suspeites!—
Esse vestido simples sem enfeites,
N'essa cintura tenra, immaculada.

La passando, a quatro, o patriarcha.
Triste, eu deixei o botiquim, á pressa;
Uma turba ruidosa, negra, espessa,
Voltava das exequias d'um monarcha.

Adoravel! Tu, muito natural,
Seguias a pensar no teu bordado;
Avultava, n'um largo arborisado,
Uma estatua de rei n'um pedestal.

Sorriam, nos seus trens, os titulares;
E ao claro sol, guardava-te, no emtanto,
A tua boa mãe, que te ama tanto,
Que não te morrerá sem te casares!

Soberbo dia! Impunha-me respeito
A limpidez do teu semblante grego;
E uma familia, um ninho de socego,
Desejava beijar sobre o teu peito.

Com elegancia e sem ostentação,
Atravessavas branca, esvelta e fina,
Uma chusma de padres de batina,
E d'altos funcionarios da nação.

«Mas se a atropella o povo turbulento!
Se fosse, por acaso, ali pisada!»
De repente, paraste embaraçada
Ao pé d'um numeroso ajuntamento.

E eu, que urdia estes faceis esbocetos,
Julguei ver, com a vista de poeta,
Uma pombinha timida e quieta
N'um bando ameaçador de corvos pretos.

E foi, então, que eu homem varonil,
Quiz dedicar-te a minha pobre vida,
A ti, que-és tenue, docil, recolhida,
Eu, que sou habil, pratico, viril.

CEZARIO VERDE.

CHRONICA DRAMATICA

O nosso ideal social é a justiça, o nosso ideal
artístico é a verdade.

EVOLUÇÃO—INTRODUÇÃO.

As musas do theatro andaram quasi sempre
comnosco mal avindas e avaras. Numeramos al-
guns bons talentos, que, por excepção, cultivaram
o drama e a comedia, mas foi sempre n'este ge-
nero mal herdada e quasi mendicante a littera-
tura nacional.

LATINO COELHO. A QUESTÃO DO THEATRO NORMAL

Encetamos hoje a tarefa sobremodo ardua de
chronistas quinzenaes do movimento theatral n'esta
cidade de Lisboa. As condições especialissimas do
theatro contemporaneo em Portugal, as peculiares ao
critico da scena portugueza e as do exiguo espaço
destinado n'este jornal para as revistas theatraes incu-
tem-nos temor de sossobrar nestes encapellados mares
da analyse fria, austera e inspirada pelos inexoraveis
dictames da verdade e da consciencia. O theatro portu-
guez, como avisadamente assevera o eminente escriptor
e erudito critico o sr. Latino Coelho—é a scena franceza
transplantada aos nossos palcos...—os interpretes
das peças, se a natureza os fadou com vocação e talento
a alguns d'elles, pelo geral não possuem a instrucção
artística e litteraria, requerida para tão complexa e

sublime arte. As apreciações do merito das obras re-
presentadas e do de quem as declama, são na gene-
ralidade gafadas de nimia benevolencia, e deleteria
complacencia. O paiz é pequeno. É mister não que-
brar relações d'amizade. Cumpre proteger os artistas;
são pobres, muito bem representam elles... sem es-
cola, sem guia, sem norte... etc... e assim se vão
enumerando todas quantas razões, umas pueris outras
de alguma valia, com que as artes dramatica e a de
representar ficam absolvidas do pouquissimo que dão
em fructos opimos.

Ensaiamos, pois, n'este periodico de critica um
modo de dissecar a obra de theatro, consentaneo com
a divisa que o seu fundador lhe estampou nas linhas
que rematam a *Introdução* Esse criterio temol-o posto
sempre em acção nos nossos juizos criticos, inseridos
na *Democracia*, desde que ha anno e meio n'essa fo-
lha implantamos a analyse das peças representadas
nas palcos da capital. Não fugiremos n'estas chronicas
á investigação dos meios que o actor deve exercer
para crear os seus personagens, e, sempre que vier de
molde, apostolaremos as sans doutrinas sobre uma arte
que tantos exercitam e que tão poucos sabem. Não
molestaremos os leitores com seccantes theorias, que
são de mais particular interesse para quem as devêra

reflectir maduramente e executar discretamente; sem embargo, tentaremos manter n'estes modestos escriptos o caracter de juizos baseados nas regras, preceitos e na propria natureza psychologica e physiologica do homem, apontando sempre para um ideal de nobreza intellectual e de aristocracia artistica, a que o actor deve incessantemente mirar, e arredar-nos-hemos quanto ser possa da critica, que se resume em o auctor d'ella divulgar o que sentiu individualmente no decurso da representação. No crisol das theorias elaboraremos o nosso ponto de vista pessoal, e se d'esse criterio scientifico não dimanarem alguns raios de luz, com que esclareçamos a marcha de auctores nacionaes, quando houvermos de escrever de alguns que surgirem, e dos seus auxiliares na scena, é porque, não o desconhecemos, o clarão do nosso entendimento é mui baço e as nossas facultades analyticas são acanhadas. Intenções sinceras, amor á arte, culto do bello sobejam-nos, e isso por ventura nos indultará, quando errarmos nos pareceres e não acertamos com a nota e com o traço caracteristico da producção subjeita á disseccção.

Iniciando a revista pelo theatro de D. Maria 2.^a, rapidamente registraremos o que tem subido á scena n'aquelle palco, que deu começo á sua existencia na epocha actual, pondo em scena um drama do sr. Cesar de Lacerda—*O Botão d'ancora*. É uma peça de espectáculo maritimo nos 2.^o e 3.^o actos. Tem as qualidades e defeitos inherentes a todas as composições theatraes do sr. Lacerda, o qual sendo habilissimo em urdir a acção, dispor scenas e architectar situações, não vae além d'esse mechanismo, não penetra no dominio da genuina arte dramatica, no estudo da genese, do desenvolvimento, da evolução e do embate das paixões humanas. Outrosim não debuxa com firmeza e verdade os caracteres dos seus personagens. Na peça, de que tractamos, ha o pensamento dominante de engrandecer a profissão do maritimo. Não condemnamos o auctor por alimentar tão sympathica predilecção, e mormente, tendo Portugal sido, por largos annos, potencia naval de primeira ordem e numerando nós tantissimos navegadores illustres. Como o drama tem sido representado innumeradas vezes e o seu entrecho é demasiadamente notorio, tão somente insistiremos em que o desenlace d'elle é absurdo: um pae, o protogonista, cede ao pedido d'um homem que lhe tinha deshonrado a filha, para reparar a feia acção, casando com ella, não por elle ter adquirido esse direito batalhando intrepidamente em longinquos paizes e conquistando as dragonas de official superior através das lutas titanicas com o mar e com o inimigo; mas porque descobre n'esse homem, rehabilitado, um superior! É subtil, talvez sublime, esse fanatismo pela disciplina. Além d'esse desfecho incomprehensivel, os caracteres não são productos naturaes e logicos. Ha comtudo um padre e um contramestre, excellentemente debuxados. E foram precisamente esses dois personagens e a mulher do official, protogonista, os que obtiveram por parte de Pinto de Campos, Cesar de Lima e Carolina Falco, mais fiel interpretação.

Apoz o *Botão* veio o *Genro de Poirier*, um modelo de alta comedia, uma gloria dos dois abalisados dramaturgos e academicos, Augier e Sandeau. É uma obra de primeira plana. Desenho irreprehensivel de caracteres, unidade em cada um d'elles, fluencia e pro-

funda naturalidade de dialogo, desenvolvimento magistral da acção, desfecho eloquente, naturalissimo e contido nas premissas.

Um pae, burguez, ambicioso de honrarias estrepitosas, uma filha casada com um fidalgo arruinado pelo jogo e pelos demais vicios e prodigalidades, em que se atolam e se deshonram innumerados sujeitos, cujos pergaminhos se lhes afiguram arnez onde julgam aparar com segurança os golpes certos que a sociedade indignada lhes vibra a acção resume-se nas antitheses da burguezia, vaidosa dos milhões e gulosa de titulos e distincções, com a fidalguia carcomida pelas dividas e vasia de pensamentos elevados e sentimentos generosos. A mulher é a conciliadora, e representa o bom senso. O burguez continúa, além do ultimo acto, prelibando o pariato que se estampa no horizonte do futuro com as mais seductoras côres, e o patricio, o descendente dos que lidaram tanto e produziram o inepto marquez, entra na vida conjugal, depois de ter observado, ainda que tarde, quão formosa e rica de ternura e abnegação é a mulher até quem elle baixára, pedindo-lhe a mão, a fim de reparar as temerosas avarias do seu estado economico.

O *Genro*, apezar d'esses solidos e delicadissimos dotes e tendo sido representado excellentemente por Pinto de Campos, João Roza e Virginia, sustentou-se pouco tempo em scena.

Este desfavor do publico, manifestado ante uma obra prima, coroada pela academia franceza, é profundamente desalentador. O paladar do espectador demanda, para ser excitado, as especiarias fornecidas pelo adulterio, incesto, e outras tantas torpezas sociaes e domesticas, que inundaram o theatro e n'elle assentaram dominio incontrastado. Além de quasi não haver peças originaes portuguezas, em numero e quilates taes, que nos dêem direito a afirmar que possuímos scena nacional, os dramas francezes de primeira qualidade, as joias da litteratura dramatica actual da França e da Italia são desdenhadas e postergadas, se aos seus merecimentos litterarios não addirem o de aquecer a imaginação ardente das meninas, povoando-lh'a de diabolicos ponsamentos, não produzirem titilações no peito arrefecido das mulheres passantes de 50 annos e não electrísarem os cerebros ossificados dos homens, que tiveram por norma salutar e beatifica da existencia, o prescindir do labor intellectual, que nos espiritalisa e engrandece.

Retirada, como timida e envergonhadamente, para os bastidores a formosa producção dos dois delicados dramaturgos francezes, veio a musa da travessura, da graça d'opera comica consubstanciada na Anna Pereira, e ouvimos esta doidejante e petulante actriz-cantora, em duas peças; o *Capitão Carlota* e as *Tres Estrellas*, em que a fugitiva da Trindade se nos antolha buliçosa, jovial, com o seu talento particular para os papeis *travestis*. Da valia das comedias não diremos nada. São peças sem pretensões litterarias, e, ao que parece, compostas no intento especialissimo de se encontrar uma actriz, que lhes dê vida com a representação.

Tambem o empregario do theatro do Rocio desenterrou a velha, insipida, e mediocre comedia-drama do sr. Mendes Leal—*A Corte na Aldeia*.

Emilia das Neves, representando a protogonista, exhibiu-se com as suas brilhantes qualidades drama-

ticas naturaes e com os seus erros, defeitos e senões pertinazes, que á critica desassombada importa notar e pôr em relevo. É de feito Emilia uma artista de extraordinario talento. Os mentecaptos que lh'o deneguem. Mas o que é mister dizer alto, bem alto e desafogadamente, é que o fulgente resplendor, que pôr vezes como que lhe irradia da fronte e dos olhos negros e scintillantes e traduz as paixões ardentes e borrascosas, não nos offusca tanto que não observemos frequentemente a carencia de comprehensão, de estudo methodico e de identificação do personagem. e que, emballados pelo timbre extremamente sympathico e caracteristico da sua voz, ora meiga e arruadora, ora vibrante e potente, não ouçamos centos de erros de declamação, a qual é quasi sempre emphatica e por isso antinatural. De resto Emilia das Neves proseguirá avante no resto da sua brilhante e dilatada carreira e nós seremos acimados de *aristarchos* e *zoilos*.

Chegamos á *Andréa*. É ella que chama agora ao theatro as multidões, que nunca olvidam o preito de vassalagem ao feiticeiro da scena franceza, Victorien Sardou. Esse dramaturgo não é um homem de letras que ame, verse e trate a lingua de Renan, de George Sand e de Sandeau com subido esmero; é incorrecto, vae até aos erros imperdoaveis na linguagem, tem desmazelos reprehensiveis de estylo. São falsos alguns dos seus personagens, é certo. Arranja situações incongruentes; mas as suas obras tem o cunho do talento poderosamente inventivo e n'algumas ostenta-se a observação sagacissima do escarpellista do coração humano e dos vicios, erros e ridiculos da humanidade. É porém desigualissimo o seu engenho. No que accordam todos os julgadores d'aquelle notavel dramaturgo, é que nenhum sabe tirar mais effeitos d'uma situação, do que elle: todos lamentam que Sardou, depois de escrever a *Patria*, porventura a sua obra prima, não seguisse esse veio inexgotavel.

Andrea é uma das suas mais lindas producções, mas não das melhores. Está criticada até á saciedade. A sua feição mais sympathica é a de ter um alto fim moral, o de proclamar uma verdade, que tem sido a redempção d'alguns casados. A mulher que ama seu marido profunda e persistentemente, e que junta a esse immenso amor, o tacto e a energia na manifestação d'elle, alcança quasi sempre victoria sobre a amante sensual, impudica e venalissima que momentaneamente avassala os sentidos do esposo desvairado. Esse o facto psychologico. Desenvolvel-o, dar-lhe forma, colorido, acção, eis a synthese da *Andrea*.

A traducção do drama é do talentoso auctor da *Alma Nova*, e por ser escripto de tão apreciavel poeta punge-nos termos que registrar-lhe reparos no tocante á construcção syntactica, que é muito afrancesada e até quanto á versão d'algumas phrases, como a de... *bruler ses vaisseaux*, que por forma alguma se traduz litteralmente. Não sômos nimiamente exigentes. Não esperaríamos do illustre poeta uma versão tão aprimorada como a do *Demi-monde*, devida á penna castiga e elegantissima do sr. João Pinto Carneiro, ou como a dos *Solteirões* do grande escriptor o sr. Latino Coelho; todavia ousamos rogar ao espirituoso e intelligente traductor, que expurgue o seu escripto dos erros e lapsos que o inquinam.

A representação da parte de Andréa por Virginia é magnifica, não só quanto ao dezenho e côr do caracter e expressão geral do personagem, mas tambem na manifestação da paixão. Falco tambem traduziu perfeitamente a frieza glacial e a ambição cruel da bailarina. João Roza não comprehendeu mal o seu papel e disse-o com naturalidade. O seu trabalho quando regressa, arrependido, ao lar domestico é finissimo.

Os demais artistas tentaram, e Pinto de Campos conseguiu satisfazer os seus encargos.

ALFREDO OSCAR MAY.

À IMPRENSA

A redacção d'este jornal agradece cordealmente a toda a imprensa portugueza o acolhimento lisonjeiro que ella fez ao 1.º numero d'esta publicação. Tomamos tal acolhimento como um generoso estimulo, e havemos de empregar sinceros esforços para tornar esta revista digna da benevolencia com que o seu apparecimento foi recebido. Um jornal de Coimbra, o *Conimbricense*, dirigindo-nos palavras de muita cortezia, estranha que entre os nomes, apontados na introducção do nosso 1.º numero, dos homens que introduziram em Portugal, nos estudos historicos e nas concepções litterarias e artisticas, os principios da critica moderna, não appareça o nome do sr. dr. Manuel Emygdio Garcia. Conhecemos o sr. Manuel Garcia como um distincto lente da Universidade e como um publicista talentoso, fluente e erudito. Nunca, porém, o sr. Manuel Garcia teve nem, parece-nos, aspirou a ter nome litterario. E sendo a indole d'este jornal essencialmente litteraria—posto que a este campo tente le-

var as suas convicções e os seus principios de critica positivista—é certo que não podiamos citar um nome, aliás glorioso em outra ordem de assumptos, mas alheio ao movimento e á direcção da nossa litteratura. Sabemos ainda que o sr. Manuel Garcia é discipulo de A. Comte, e em Portugal um dos primeiros propugnadores, em data e em merecimento, da philosophia positiva. A *EVOLUÇÃO*, porém, não é um jornal de philosophia, mas simples e modestamente uma revista litteraria, com a comprehensão, talvez vaga e irrealisavel, das elevadas exigencias e responsabilidades da litteratura moderna, toda impregnada do movimento scientifico contemporaneo.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO

Dezembro

1876

NUMERO 3

QUESTÕES SOCIAES

RESUMO: — Novas influencias do meio—Evolução religiosa; suas phases e causas determinativas—Evolução philosophica; suas phases e comprehensão — Vícios sociaes; legados de antigas civilisações—Conclusões da doutrina exposta; origens legitimas da lei; ordem hierarchica do estudo que antecede a sua formação.

(Continuado do numero 1)

IV

A influencia do clima, as multiplices acções do meio, principal agente da dispersão das primitivas sociedades humanas, produzem não menor actividade nas fórmulas do seu pensamento religioso e intellectual.

No estado primitivo para o homem quasi selvagem, nos sitios onde a natureza mais imponente, mais deslumbra os sentidos, a contemplação dos seus quadros, devia de ser motivo de prodigiosos pavores.

O fetichismo foi e devia ser a religião primordial, e o terror a sua primeira affirmação. *Timor fecit deos*, dizia Lucrecio, exprimindo esta verdade.

O homem collectivo era então o infante de todos os tempos, que treme á mais simples apparição.

Pouco a pouco a familiaridade com os espectaculos naturaes, repetidos e multiplicados; a aquisição de meios preservativos dos males, dos perigos que assaltavam o homem por todos os lados, fez comprehender que essa coisa miraculosa, que se impunha á imaginação, não podia ter fórmula conhecida. O homem começava a desenvolver o espirito generalizador. A abstracção produzia o seu primeiro resultado. A fórmula material do pensamento religioso perdia-se pouco a pouco, sendo substituido pela fórmula espirital. A idéa de Deus levanta-se á altura do sobrenatural.

A exploração do homem pelo homem reveste uma nova phase. Os sacerdotes, que se dizem dilectos do Deus invisivel para todos, menos para elles, que são os seus instrumentos, os legitimos vehiculos dos seus mandados, surgem com o privilegio da casta.

D'ahi a primeira fórmula de governo accumulado n'estes procuradores, arrogando-se o direito divino.

Novo vicio social que a mesma civilisação devia de aniquilar a seu tempo.

Nova influencia do meio, agente de tão notaveis effeitos.

E esta religião, filha d'este vicio, proprio das primitivas edades, ahi vinha como imperioso meio de progresso, porque era o laço que prendia os homens, a ordem que os submettia ao mesmo fim, o estimulo que os animava a grandes commettimentos.

O fetichismo cahia diante das transformações polytheistas e monotheistas que se lhe succedem no tempo.

A India torna-se e é ainda hoje a patria das religiões. Todas as fórmulas do pensamento religioso, que se tem especializado no mundo em todas as épocas e logares, lá tem a sua origem. E' que o clima indiano é o mais proprio para esta fascinação do mysticismo.

Os Vedas, primeiros documentos escriptos das primitivas religiões, attestam uma religião universalizada em tempos de remotissima antiguidade para nós. Antes d'este periodo, nada de positivo, nada certo, tudo conjectural e hypothetico, apenas a certeza do fetichismo, de que os mesmos hymnos vedicos são ainda testemunhas (1).

A concepção fundamental, em volta da qual se desenvolvem as lendas encantadoras d'esta poesia oriental, resume-se na idéa da trindade, dos tres elementos, *terra* ou *Agni*, *ar* ou *Vayu* ou *Indua*, e *ceu* ou *Srya*.

A idéa que o Christianismo dogmatizou é uma exacta representação d'esta mythologia indiana. Nem a perfeita egualdade das tres pessoas da trindade falta no código vedico. «Não ha entre vós, ó deuses, nem pequenos, nem novos, sois todos grandes» diz o Rig-Veda (2).

Mais tarde, por uma evolução natural, por uma abstracção legitima e comprehensivel, a primeira trindade, subsistindo na sua representação symbolica, transforma-se e aperfeioa-se, comprehendendo idéas de mais elevada cathegoria.

Brahma, Vischnu e Civa são as tres pessoas divinas, como a *creação*, a *existencia* e a *destruição* são as tres affirmações objectivas da sua realidade.

E' esta nova phase, producto d'uma investigação intellectual, d'um aperfeioamento relativo da classe sacerdotal brahmanica, que amplia os códigos religio-

(1) G. Wyruboff — *Civilisation de l'extreme Orient* — Max Müller — *La Science de la Religion*.

(2) Wyruboff — *Logar citado*.

sos, funda seitas e escolas philosophicas de que se encontram vestigios oito seculos antes de Christo. O celebre codigo de Manu, a Vedanta, e outras producções hoje consideradas como outros tantos attestados eloquentes d'esta remotissima idade, são productos evolucionarios d'este tempo.

Entre esta variedade de seitas philosophicas, uma merece especial menção, porque se torna a origem d'uma nova religião, sem duvida a mais notavel de quantas tem dominado na India.

Notavel pela sua rapida vulgarisação, notavel pelo espantoso numero de seus adeptos, notavel emfim e principalmente pelo seu caracter evolucionario, que a torna perfeita representação d'uma phase caracteristica.

Kapila passa por ser o fundador da notabilissima seita de Sankhja, que rapidamente se divide em muitas escolas, entre as quaes apparece a religião de Buddha, a que nos estamos referindo.

Budda fez na India a mais notavel revolução das antigas civilisações.

A sublimidade das suas practicas de moral, o interesse dos seus preceitos, a sua extrema conformidade com o meio em que se desenvolvia, torna o Buddismo a religião mais seguida do mundo, a despeito da implacavel guerra dos Brahmanes, que durou mais de mil annos, sendo expulsa do seu primitivo berço e reduzindo-se a Ceylão, China e Thibet, *onde ella existe ainda hoje, contando mais crentes do que qualquer outra religião conhecida* (1).

O Buddismo, cuja antiguidade excede oito seculos antes da nossa era, representa o producto mais elevado da civilisação indiana. Similhante em muitos pontos, inteiramente equivalente ao Christianismo pela sua sublime moral, pela reforma social que operou, é completamente distincto d'elle pela materialidade das suas affirmações fundamentaes. O Buddismo não tem Deus, nem nada de sobrenatural.

Esta apathia de tantos seculos, esta constancia miraculosa da civilisação indiana, que tem o Buddismo por mais alto, por unico producto, é um attestado eloquente da lei evolucionaria da civilisação, como o é simultaneamente das influencias caracteristicas do meio.

As civilisações antigas, que precederam a moderna civilisação europea, destacam-se na apreciação historica das suas manifestações, por um frisante caracter de unidade que as torna estacionarias, senão decedentes no seu velho viver.

Parece que cada uma é dominada por um principio unico, exclusiva origem dos seus costumes, instituições e crenças (2).

Na civilisação europea, a multiplicidade dos principios que se atropellam e equilibram, sem conseguirem exclusivo predominio, produzem, no entender de Guizot, a extrema variedade porque ella tem passado, variedade notavel que se traduz nessa multiplicidade

(1) Wirouboff—logar citado.

(2) Guizot—Historia da civilisação na Europa.

de systemas, que todos e promiscuamente se desenvolvem nas lutas continuas que temos presenciado nos dezenove seculos da sua existencia.

Acceitando o facto, com a incontestavel verdade da sua affirmação, não acceitaremos a explicação do sr. Guizot, que não passa d'um adiamento.

As civilisações indianas são hoje marcos da civilisação universal, que attestam a sua passagem n'aquelles climas especiaes. As causas superiores, que determinam a sua peregrinação, são a legitima origem d'esta fórma variada com que ella se apresenta. Essas causas, que n'aquelle primitivo clima tiveram a sua maxima desenvolução, são as mesmas que em novas condições se modificam e produzem novos e multiplicados principios.

O facto que o sr. Guizot contempla sem explicar, é a traducção rigorosa do nosso pensamento evolucionario.

No Egypto, na India, no extremo Oriente, as causas evolucionarias da civilisação dão-nos successivamente os tres periodos, fetichico, polytheista e monothesta da primeira idade humana. As sociedades passam no decurso d'esta peregrinação pela sua phase *theologica* que abrange aquelles tres estados.

Mas n'este grande cyclo, que leva milhares de seculos a percorrer, o pensamento passa por notaveis transformações. Da contemplação passa ao exame, d'aqui eleva-se á explicação, e as seitas succedem-se e desenvolvem-se com uma actividade prodigiosa. Uma vez gravado no espirito o principio da causalidade, como axioma da observação, o entendimento espraia-se, e o pensamento afina-se, apura-se n'este labutar entre causas e effectos.

O homem abusou das proprias forças.

Porque era magestoso o seu juizo sobre as coisas que observava, e porque as pôde comprehender, induziu a magestade da força, que nelle reside, e que lhe alcança esse conhecimento.

A essa força chama-lhe *espirito*, que passa a ser uma entidade sobrenatural; ao principio pensante e cognoscente, chama-lhe *razão*; e, sem reparar no grosseiro circulo vicioso em que se ia perdido, termina por se adorar a si proprio.

Era ao mesmo tempo inconsequente e consequente.

A sublimidade do que observava residia no juizo por elle formado, e, se era magestoso esse juizo, a conclusão legitima a tirar seria a inferioridade relativa dos instrumentos com que o formára. D'ahi a sua inconsequencia. A sua elevação, nivelando-se com o ente sobrenatural da sua adoração, era a consequencia legitima da idéa que erradamente formára.

Para comprehender o infinito era preciso ter infinita comprehensão.

O mesmo homem resolve a difficuldade dividindo-se em duas coisas distinctas, uma das quaes é o reflexo do infinito, a outra toda finita.

A humanidade entrava na sua segunda idade; atravessava a sua *phase metaphysica*.

E' n'esta idade transitoria que os grandes genios apparecem. A abstracção, o repetido trabalho intellectual, consegue productos gigantes. As forças individuaes crescem d'uma maneira prodigiosa.

Bacon, Leibnitz, Descartes, Spinoza, Kant, Hegel, são outros tantos centros onde as forças attingem valores immensamente consideraveis. As raças apuravam-se, e o grande principio da hereditariedade devia produzir grandes maravilhas, se o considerarmos actuando na collectividade.

E esta grande reacção do homem sobre si mesmo, e esta grande abstracção do mundo, ao mesmo tempo que era um desvio, era um grande progresso.

Producto da civilisação, se não dava a expressão da verdade nas coisas sobre que actuava, educava o homem, apressava a sua disposição para o estudo real e scientifico das coisas da natureza.

Levado ao seu ultimo extremo, o homem começou de observar que o terreno que pisava era todo imaginario. A phantasia tinha occupado o lugar da realidade.

A razão, affastada dos objectos sensiveis, criava entes, propriedades, causas, effeitos, que se pediam de balde ao meio, ao mundo physico.

Então começou essa nova época da humanidade. Olhou-se para o passado e a historia alumiu os espiritos. As phases da humanidade attestavam o seu caminhar de progresso em progresso, embora as curvas descriptas passassem por pontos imaginarios. Começou a observação, a experiencia, o exame e a conclusão, tirada dos factos observados.

A reacção, começada nos factos do mundo physico, passava aos factos do mundo social.

Copernico, Kepler, Newton, Laplace fazem a réforma da astronomia. A physica, a chimica têm o seu renascimento com os trabalhos de muitos genios. A biologia perde o character de empirismo para se constituir n'uma sciencia racional.

A sciencia social era a ultima a reformar-se, e grande esforço era preciso para o conseguir.

Aqui a reacção é activa. No proprio objecto encontram-se forças complexas que embaraçam a revolução. Por isso nós vemos, hoje que a humanidade se encontra no seu periodo positivo, ou verdadeiramente scientifico, hoje que a lei da evolução conseguiu já o renascimento das sciencias abstractas em todos os seus ramos, uma diversidade de pensar sobre as coisas sociaes do lugar para lugar.

A organisação social é um producto hybridico onde as idéas theologicas ainda se encontram enraizadas de

em volta com os productos da phase metaphysica, e aluminando este estado um clarão scientifico que por toda a parte vae transparecendo por sobre este montão de heterogeneas concepções.

A lei social é um hybridismo. Aqui reveste a exclusiva fórma theologica; além é um mixto das duas primeiras phases; n'este logar é a traducção d'um racionalismo puro; n'outro accusa a cambiante das tres edades. E no mesmo ponto é mais theologica uma, outra menos, nenhuma completa e verdadeiramente scientifica.

▼

Podemos agora concluir.

O homem individuo, como o homem collectividade, é um producto evolucionario.

A evolução é a lei suprema da marcha da humanidade.

A evolução é a resultante de duas forças capitaes: as forças proprias da especie, as leis organicas, primitivas ou modificadas pelo tempo e transmittidas pela descendencia; e a acção do meio onde as transformações se operam.

Estudar as leis do desenvolvimento social é estudar estas duas forças; é entender as suas manifestações; é determinar os seus effeitos; é emfim aproveitá-los e amplial-los: é constituir a lei.

A Biologia faz o estudo do homem como organismo, como individualidade, como ser natural.

A Historia dá o estado de cada organismo uno, ou multiplo, no tempo e no espaço. Dá a lei da evolução. Dá o sentido da curva.

A Mesologia dá a influencia de cada meio sobre o individuo e sobre a collectividade.

A Sociologia é a synthese d'estes estudos. E proceder d'este modo, é marchar scientificamente.

As leis são em geral, ainda hoje, coacções sobre o individuo. As refórmias sociaes actuam todas sobre elle; e o principio que as determina não vem do estudo do objecto sobre que tem de influenciar.

Por isso as leis produzem os desarranjos e os cataclismos que a historia nos menciona.

A lei deve actuar sobre o individuo, na parte que tem por fim abolir os vicios que vem só d'elle.

Os meios precisam de ser estudados, medidas as suas influencias para se saber até onde a lei ha de ser modificadora d'elles.

DR. A. ZEFERINO CANDIDC.

LYRA-MODERNA

Senhora! E' tempo! O menestrel romantico
Depõe, curvando-se ante vós, a lyra;
Já nos coxins do murmuroso atlantico
A houri celeste a bocejar se estira...

Soprou do norte um vento rijo, agreste,
Que os velhos sonhos arrojou no abysmo;
E á sombra já do tumular cypreste,
Dorme o fatal, o gasto romantismo.

Coveiros-bardos da moderna idade,
Que andámos a enterrar tudo o que é velho
E a cantar, no alaúde da Verdade,
De justiça e de luz novo evangelho,

Fomos nós que as defunctas Julietas
E os lividos Romeus já combalidos
Demos á valla, ungingo-os de violetas,
—Por amor da hygiene e dos sentidos.

Quem dissera, ao deixál-os sepultados,
D'hervas coberta a sepulchral jazida,
Que inda houvera de vêl-os, desgrenhados,
Rôta a mortalha, reclamando a vida!

E, comtudo, é bem certo! Se morreram
Não descansam tranquilos em seus leitos,
Que do fundo jazigo onde os metteram,
Inda se ouvem sahir uns ais desfeitos....

Inda os vemos passar, sombras errantes,
Muda a guitarra nos inertes braços,
Perseguindo os phantasmas das amantes,
Debruçadas de espectros de terraços....

Inda julgam ouvir dôces toadas,
Gemendo á noite na deserta rua....
E empolgar as amantes, desmaiadas
Aos venenos lethargicos da lua!

Mas, ah! esses momentos deliciosos
Passam depressa, que —*les morts vont vite*....
E recolhem-se á campa receosos,
Talvez d'algunha posthuma bronchite...

Hoje os sonhos que embalam os poetas
São da Sciencia os altos devaneios;
Sentimos, sim, as amorosas settas,
Um infinito amor em nossos seios....

Nem renegámos, nem renegaremos
Das nossas afeições o intimo culto,
E os fóros pessoaes sustentaremos,
Mau grado as vaías d'um realismo estulto.

Cavalleiros, porém, da Ala-moderna,
Ungidos para a luta das idéas,
Hoje, adorámos a Beatriz eterna,
Como outr'ora as formosas Dulcinéas.

E, cheios de confiança no futuro,
D'aquella fé que aos bons protege e ampara,
Já presentimos, atravez do escuro
D'esta comprida noite, a aurora clara,

A dôce aurora—esplendida alegria—
Que deve ser madrinha do noivado
Da forte, da viril Democracia
Com o Direito, o heroico expatriado!

É de combate o ar que se respira!
De toda a parte um vento se levanta,
Que as purpuras reaes por terra atira
Para passar a Liberdade santa!

Não são fabulas já, nem phantasias
De utopistas, de imbelles visionarios....
É a guerra ás antigas tyrannias,
Travada pelos novos legionarios.

Guerra de morte e de exterminio! O repto,
Que já nem busca a sombra de um pretexto,
Do movimento ao quietismo inepto,
Do espirito moderno ao velho texto.

Redobram-se as phalanges inimigas,
Que vae ferir-se o ultimo combate!
Já pelo ar as marciaes cantigas
Se casam aos clangores de rebate!

Como os antigos bardos na vanguarda,
Nós entoámos as canções guerreiras;
E, só quando a victoria oscilla ou tarda,
É que vamos unir-nos ás fileiras.

Não que em odios refervam nösses peitos
Ou queiramos que o ferro apostolise!
Se é força correr sangue n'estes pleitos,
Seja o nosso que a terra fertilise!

Não queremos rasgar novas feridas
No coração da triste humanidade;
Podemos ser, sem commoção, deicidas,
Mas, dos homens, só temos—piedade!

Elles trazem comsigo o peso immenso
Dos erros das passadas gerações;
São responsaveis, sim; comtudo, penso
Que nos crimes das cegas multidões,

Nas tendencias dos maus, na Culpa, emfim
Deve antes ver-se a dura condição
D'um estado social que os torna assim,
Do que a sua incuravel preversão.

Eu creio no progresso indefinido.
O movimento historico não cessa!
Das nuvens, que o traziam envolvido,
Ainda agora a despontar começa

O astro-rei, em tórno ao qual gravita
Todo o systema das humanas sciencias,
O fecho d'essa abobada infinita,
A luz d'estas sombrias consciencias!

Sim! a sociologia, em seu percurso,
Que os evos do porvir verão passar,
Ha de mudar inteiramente o curso
Dos nossos velhos modos de pensar!

E ha de levar seu facho luminoso
 Ás mais profundas regiões do Mal,
 E descobrir no facto criminoso
 A simples resultante social,

O producto fatal, indeclinavel,
 De mil causas complexas e geraes:

—A solução que a turba miseravel
 Acha aos graves problemas sociaes!

Porto.

M. DUARTE D'ALMEIDA.

AS ONDINAS

H. HEINE

AO VISCONDE DE CASTILHO II

Na praia tranquilla, murmuram sonoras
 As ondas do mar.

E ao doce das agoas murmurio palreiro,
 Na areia dormita gentil cavalleiro
 Á luz do luar.

As bellas ondinas immergem das grutas
 De vivo coral.

Accorrem ligeiras e apontam, sorrindo,
 O moço que julgam devêras dormindo
 No fulvo areal.

Vem esta e prepassa do gôrro nas plumas
 As mãos de setim.

E aquella com gesto divino e gracioso
 Nos ares levanta do joven formoso
 O aureo telim.

Essa outra, que lava, que fogo não vibram
 Seus olhos de anil!

Debruça-se, e arranca-lhe a rutila espada,
 Nos copos brilhante se apoia azougada,
 Travêssa e gentil.

A quarta, saltando, retouça lasciva
 Do moço em redor.

Suspira mansinho, de manso murmura:
 «Podesse eu em vida gozar a ventura
 Do teu fino amor!»

A quinta rebeija-lhe as mãos enlevada
 N'um sonho feliz.

E a sexta com tremula e doce esquiva
 Perfuma-lhe a bôcca, formosa creança!
 Com beijos febris.

E o joven fingindo que dorme tranquillo,
 Não quer accordar.

E deixa que o abracem as bellas ondinas.
 E languido goza caricias divinas,
 A' luz do luar.

G. CRESPO.

CHRISTO

(IMITAÇÃO D'ARMAND SILVESTRE)

Oh! Christo, a tua cruz insulta os visionarios,
 Que souberam morrer tambem crucificados;
 E ficaram do ceu e da terra ignorados,
 Ao insulto da plebe infame dos falsarios.

Soffreram, como tu, ó Redemptor do mundo,
 N'um sonho divinal das cousas immortaes:

Quem lhes seguiu, ó Christo, os grandes ideaes?
 O que é feito, Jesus, do seu pensar profundo?!

Havia em seu olhar bem vastos horisontes,
 E foram-se sumir n'um mar d'esquecimento!
 Só tiveram do ceu a musica do vento,
 Jazigo sepulchral na vastidão dos montes!

Cercaram-te na morte os entes teus queridos:
O discipulo amado, e tua mãe—Maria. . . .
O sol teve mais luz no doloroso dia,
De Magdalena ouviste os fervidos gemidos. . . .

O sabio Galileo, heroe que ninguem chora,
A sciencia vencida á força pela fé,
Que vence a tradição, e vence Josué,
Só tem na sepultura as lagrimas d'aurora!

SERGIO DE CASTRO.

1.º DE DEZEMBRO

Não temos o patriotismo espectacular e rethorico que se desata em lyrismos sedícios e em discursos apopleticos ao som dos trombones do hymno da Carta: mas temos pela independencia politica do nosso paiz o amôr reflectivo e tranquillo, que nos dá a convicção de que a absorpção da nossa nacionalidade, presentemente e provavelmente por muito tempo, n'um grande estado iberico é um facto extemporaneo, aventureiro, imprudentissimo e evidentemente ruinoso e oppressivo.

As nacionalidades não se fazem por combinações de gabinete ou por ambições de diplomacia. As nações não são seres inertes que possam combinar-se n'um producto estavel e definido, como se combinam dois corpos inorganicos no fundo d'uma retorta.

As leis da vida, com a sua infinita complexidade, e as leis da historia, com a sua immensa variedade, devem presidir e presidem sempre a esse grande phenomeno da fusão de diversos povos n'uma só nacionalidade.

Desconhecer essas leis, violentar essas fusões é dar provas, pelo menos, de incapacidade politica, pois que apenas se consegue uma agglomeração cahotica, um producto hybridado, que, por um atavismo fatal, ha de mais tarde ou mais cedo reverter aos productos originaes, ou perturbar por muito tempo a vida dos dois povos violentamente ligados, perturbando-lhes o natural desenvolvimento. E depois, nós sômos, talvez um pouco por sentimento, pelas pequenas nacionalidades, porque é n'ellas que vemos actualmente na Europa mais consolidada a democracia, mais respeitada a liberdade, mais honrada a po-

litica e mais honesta a administração. Nos grandes estados o augmento das despesas improductivas não é prôporcional á superioridade dos recursos economicos, mas quasi sempre relativamente superior.

E comprehende-se.

No presente estado de cousas, em que uma grande nação precisa de afirmar a sua importancia politica e diplomatica por grandes ostentações de força material, a concentração do poder e a centralisação administrativa são necessidades impreteriveis e como que as suas despesas de representação externa.

D'ahi um depotismo mais ou menos tranquillo e legal, um parlamentarismo mais ou menos ficticio e convencional. D'ahi as grandes infracções da liberdade, os grandes ataques á justiça, as grandes oppressões mansas, que todas se justificam pelas circunstancias extraordinarias, que tomam o nome de *razões de estado*, as eternas responsaveis de todos os crimes contra o direito.

A Hespanha tem diante de si um immenso trabalho de regeneração politica e economica, que a inibe moralmente, senão materialmente, de se dar mesmo o facil direito diplomatico de nos absorver para se constituir n'uma grande nação, com papel preponderante no alto jogo da diplomacia européa. Não tem jus a tal importancia politica em quanto estiver nas mãos sacrilegas d'um clericalismo repugnante e inepto, de um despotismo canceroso e imbecil e de um militarismo devorador e faustoso, que é a sua ruina e a sua vergonha.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

BIBLIOGRAPHIA

Contos Singelos, por Gabriel Pereira.—*Comedia do Campo*, por Bento Moreno.—*Conversão de São Paulo*, por José Romano.

A litteratura d'um paiz é incontestavelmente o instrumento mais sensivel e mais exacto para a avaliação da intensidade e da direcção da corrente das idéas e em geral do estado dos espiritos n'esse paiz n'uma dada epocha.

Occupando uma posição intermedia ás altas especulações de sciencia—da qual toma o espirito e as grandes afirmações geraes—e á rotina intellectual das classes estranhas ao movimento scientifico, a litteratura, nas suas concepções e nas suas tendencias, accusa rigorosamente, tomada nos seus productos caracteristicos, as mais elevadas conquistas da intelli-

gencia e as aspirações vagas e inconscientes do espirito publico.

É na litteratura que se reflectem, como espectros luminosos na superficie invisivel d'uma lamina de vidro, todas as transformações por que vae passando a alma d'um povo n'esta eterna ascensão do homem para a verdade.

É por isso que um litterato—na elevada accepção do termo—poeta, romancista, dramaturgo, folhetinista, critico, não pode ser estranho ao movimento social, e mais particularmente ao espirito philosophico e scientifico do seu tempo, sob pena de incapacidade fundamental para produzir obra duradoura.

Segue-se d'aqui que um litterato ha de ser por força um sabio, um espirito profundamente versado nas es-

pecialidades da sciencia? Não; e acontece mesmo que não são os sabios, os eruditos, os especialistas que dão os litteratos, á parte rarissimas excepções. O que o poeta, o romancista, o dramaturgo e sobretudo o critico precisam indispensavelmente é de ser homens do seu tempo; e chamam-se homens do seu tempo os que estão na corrente das grandes idéas da sua epocha, os que têm a comprehensão luminosa e fecunda das altas verdades scientificas, os que se prendem por todas as energias do seu talento e por todas as raizes do seu espirito ao solo convulsionado da vida contemporanea e que lhe bebem a seiva e que lhe assimilam as mais profundas aspirações para as transformarem nos grandes productos da arte, que são como a condensação, a incarnação missianica das esperanças d'uma epocha ou de uma nacionalidade.

A litteratura accentua de dia para dia o seu character vulgarizador, ou melhor evangelizador, e ao mesmo tempo que se levanta ás altas regiões da sciencia, procura novas formas, inventa novos processos e reveste-se de novos encantos para se tornar, na sua elevação, sympathica e accessivel á grande maioria do publico, que deseja saber, mas que não tem tempo para estudar.

É sob o influxo d'esta idéa geral que evidentemente foram escriptos os dois livros de contos que temos á vista, o do sr. Gabriel Pereira e o do sr. Bento Moreno.

O sr. Gabriel Pereira é um moço estudioso e erudito, que tem um formoso trabalho de investigações prehistoricas sobre as *antas* e *dolmens* dos arredores de Evora, e que vive na gloriosa obscuridade a que em Portugal estão condemnados a maioria dos homens mais positivamente prestadios e trabalhadores.

Em Portugal arranjam-se, pelas mezas dos cafés e pelas antecamaras dos noticiarios umas reputações estrondosas, que hão de dar uma deploravel medida da nossa cultura intellectual e mesmo da nossa probidade jornalística aos que de futuro se derem ao trabalho de estudar a litteratura portugueza contemporanea; e são taes as decepções por que a opinião publica tem passado com estas reputações de botequim, impingidas á admiração geral pelo entusiasmo theatral e pela rethorica dos noticiaristas, que o epitheto de *litterato* está sendo irrisorio e quasi offensivo, pois que é quasi synonymo de vadio e farçante,

Digamos, pois, que o sr. Gabriel Pereira é *litterato* na alta e genuina accepção do termo. Os *Contos Singelos* são uma afirmação brilhante da copiosa variedade e seriedade dos seus conhecimentos e da admiravel disciplina do seu talento, que se molda com igual facilidade ás mais cruas e aridas investigações scientificas como aos devaneios do conto suave e commovente, da narrativa marítima ou da historia ideal e ingenua d'uns amores infelizes.

Da *Comedia do Campo*, do sr. Bento Moreno, pouco diremos, porque foi livro que excitou uma certa curiosidade, e a critica occupou-se d'elle, e algumas vezes com comprehensão e delicadeza.

A *Comedia do Campo*, pela firmeza da execução litteraria, pela admiravel justeza da observação, pela correccção e verdade das paysagens, pela novidade entre nós, em obras d'esta natureza, do ponto de vista artistico, por uma certa originalidade e frescura no contorno da phrase e sobre tudo da adjectivação, que se affasta dos moldes consagrados, e na verdade já um

pouco gastos, é seguramente uma das mais auspiciosas estreias litterarias d'estes ultimos tempos.

A proposito d'este livro levantou-se ahi, posto que timida e modesta, a questão dos *realistas* e *romanticos*, como a proposito do admiravel livro do Sr. Eça de Queiroz—*O Crime do Padre Amaro*, do qual nos occuparemos detidamente n'um dos nossos proximos numeros. Parece-nos achar-se mal comprehendido o assumpto, ou, pelo menos, mal definidos os pontos da discussão. Precisa saber-se o que seja realismo, em litteratura, e qual a diversidade dos pontos de vista e dos meios de observação e de systemasição artistica e philosophica que separam os realistas dos romanticos. Sem nos entregarmos por hoje a tal genero de investigações, que nos parecem menos transcendentales e abstrusas do que, á primeira vista, as podem fazer suppôr as discussões desordenadas e sobretudo a paixonadas que ahi vão a proposito do assumpto, diremos apenas que entre as duas escolas, em nosso entender, ha com effeito a differença, ou melhor, o progresso que vae da metaphysica espiritualista ao positivismo scientifico, de que as mesmas escolas são a affirmação litteraria.

Deixaremos para outra occasião o desenvolvimento d'esta idéa, em que nos parece residir toda a questão.

O sr. José Romano, auctor e traductor de varias cousas theatraes, acaba de dar á carolice portugueza um grande *regalorio* na fórma de um livro, cujo rosto diz assim: *Conversão de São Paulo, romance sacro, visto e approvado pelo reverendo sr. padre Conceição Vieira e offerecido á illustrissima e excellentissima senhora condessa d'Edla, por José Romano*:

É um livro de folego, como se vê. Já o titulo se presta a grandes meditações piedosas. Depois um livro approvado pelo reverendo Conceição Vieira, cuja auctoridade scientifica e litteraria eguala a do Santo Officio, e dedicado á ex.^{ma} condessa d'Edla, deve ser indispensavelmente um bom livro, cheio de doçuras evangelicas, de arrebatamentos mysticos e de extasis celestiaes. Tem a gente vontade de se preparar com uma confissão e tres dias de jejum para saborear condignamente os favos de tão piedosa cousa.

O livro com effeito vale o titulo, e o titulo está á altura do livro. Tudo ali é extraordinario e piedoso, como a approvação que o sanctificou. A comprehensão da epocha, o estudo dos caracteres e em geral a assimilação historica é tão verdadeira e profunda que a apostolos tem uns ares sornas e semsaborões de comparsas da Trindade; as matronas parecem centros comicos da rua dos Condes; as virgens tem os ares dolentes, romanticos e pretenciosos das leitôras dos annuncios amorosos do *Diario de Noticias* e os martyres são parentes proximos do padre Pancada. As paysagens são evidentemente copiadas dos pannos do fundo do theatro lyrico. As arvores abanam a cada passo dos actores e as montanhas estremezem e ondulam a cada entrada de córos. Os velludos são de panninho ver-vermelho e o ouro é casquinha. Todos aquelles rostos estão cheios de alvaiade e de carmim. Conhecem-se-lhes os bigodes postiços e as sobranceiras de cortiça. Vê-se que toda aquella gente veio ali para ganhar o seu dinheiro e retirar-se depois para suas casas, tomando de passagem *meio forte* n'um botiquim da Ribeira Nova. Os milagres são todos copiados dos dramas espectaculosos do sr. Braz Martins. Ha apenas um que nos parece original do sr. José Romano:

é o milagre da orelha de Malcho, que pôde ler-se Macho, com menos esforço lingoal.

Consiste o sobredito milagre n'uma comichão extraordinaria que o sobredito Malcho sente na sobredita orelha, quando está para acontecer algum caso estupendo. E' um milagre que faz coegas, como se vê.

Um dos caracteres que nos parece bem estudado é o de Simão Syrineo. Senão vejamos. A scena passa-se ás portas de Jerusalém, no anno I.

—«Muito tardam nossos irmãos, exclama afflicta Maria Magdalena, elevando a voz para ser ouvida por todos do grupo. Receio novas perseguições, novas vinganças. O Synedrio ha de buscar punil-os (*os apóstolos*).

—Punil-os!—disse Maria Jacob—De que? Quem os accusa? De que são réos?

—Não condemnaram elles o Justo?!—ponderou a Salomé.

—Bem disseste, irmã;—tornou a Magdalena—A malvadez dos homens vae tão longe!

—Terei de carregar com mais cruces?—exclamou em fôrma de interrogação, Simão de Syrene, com voz e gesto de afflicto.»

E' esplendido este traço da physionomia moral de Simão. Sancho Pança não dizia melhor e nem era mais amigo da propria pelle.

E eis como o sr. José Romano trata o apparecimento do Christianismo, o maior acontecimento da historia; eis como elle estuda aquella grande epoca de reformação religiosa, a mais espantosa da humanidade. E são estes os livros *approvados* pelo clero portuguez, encarnado na vermelha pessoa do reverendo padre Conceição Vieira, que tem escripto na *Nação* umas cousas deliciosas contra a impiedade dos *macaqueiros* de Coimbra.

O sr. José Romano tambem dá a sua unhada nos *philosophos* e nos *livres pensadores*, tambem lhes atira a sua punhalada. Conhece-se porém que o punhal é de lata e que a sua indignação é theatral, por que o travesso vae a rir-se para dentro dos bastidores. Todo o livro se resente d'estas travessuras de *vaudevillista*.

O sr. José Romano escreveu a *Conversão de São Paulo* como quem escreve o *Alto Vareta* para o Antonio Pedro, ora assobiando uma aria da *Gran Duqueza*, ora trauteando um *rondó* da *Giroflé*. E' por isso que o livro é delicioso de seriedade comica. Devidido em actos e em scenas era seguramente a melhor comedia do sr. José Romano. Porque não aproveita a idéa? Estão em moda as operetas... o sr. Cardim que lhe faça a musica.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

Á CRITICA

A *Correspondencia de Coimbra*, excellente jornal politico e de muita competencia litteraria que se publica n'esta cidade, accusando a recepção do 2.º numero da *Evolução*, á qual dispensa expressões de extrema benevolencia, diz a proposito da poesia *A debil*, do nosso amigo e intelligente collaborador Cesario Verde:

«A poesia do sr. Cesario Verde é aberração monstruosa d'um poeta, que pôde ter talento, mas que não possui gosto, nem senso, nem arte, nem escola.» E para comprovar o asserto, que se nos afigura sobremodo dogmatico, aponta o verso:

Adoravel! Tu muito natural

Por mais que attentámos n'este verso não podemos descobrir-lhe nem monstruosidades, nem falta de gosto, nem falta de senso, nem falta de arte, nem falta de escola. Pareceu-nos simplesmente um verso como qualquer outro regularmente metrificado, um verso constitucional, um verso ordeiro e fazendo até parte d'uma quadra que se nos antolha aceitavel. É esta pelo menos a nossa opinião tanto ácerca do verso em questão, como de toda a poesia em geral.

O nosso intelligente collega da *Correspondencia de Coimbra* aponta tambem como absurda a expressão *existencia de crystal*, que nos parece tão absurda como *existencia luminosa*, *existencia dóce*, *olhar brando*, *sorriso claro*, *estyllo alto*, *expressões duras*, *luz crua*, *olhar de fogo*, e mil outras que seria fastidioso enumerar e que andam por ahi já em prosa chã e sem levantar reparos de ninguem. Não nos parece me-

thodica a critica, que tomando do producto litterario que se aprecia uma expressão isolada, que por si só pôde não dizer nada ou tornar-se mesmo absurda sob um certo ponto de vista, firma sobre ella observações, que perdem ás vezes muito do seu valor, logo que se applicuem a toda a composição. Em litteratura não se conhecem os gigantes pelos dedos, e nem a critica litteraria é trabalho de anatomia comparada, que permita a reconstituição de todo um ser pela analyse de uma só das suas partes.

Não estamos auctorizados pelo nosso amigo e collaborador Cesario Verde a defender-lhe as suas composições litterarias e nem entrariamos nesta discussão, se o nosso estimado collega da *Correspondencia* não accusasse a *Evolução* de falsear o seu programma, publicando aquelles versos. Parece-nos mais falseada a critica, que, avançando proposições tão absolutas, não tenta ao menos justifical-as com o preciso desenvolvimento para que os leitores se convençam com conhecimento de causa e os accusados se defendam com vista do processo.

Não podemos tambem comprehender a razão por que uma revista theatral é contraria á indole da *Evolução*, revista de litteratura e de critica. Será isto um fino epigramma ao theatro e á litteratura dramatica nacional, que já nem litteratura é, mas simplesmente um commercio repugnante de especiarías eroticas e adulterinas, vertidas do francez para o calão fadista dos marialvas do Dá-fundo?

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO

Dezembro

1876

NUMERO 4

A SUPPOSTA NECESSIDADE DA RESOLUÇÃO DO PROBLEMA METAPHYSICO DAS CAUSAS PRIMARIAS E FINAES

(A THEOPHILO BRAGA)

Apenas a philosophia theologica da Edade-Media perde a preponderancia, que durante alguns seculos tivera sobre os espiritos, surge como nova tentativa de explicação do universo a metaphysica, philosophia revolucionaria, sob um certo ponto de vista progressiva, e que devia apressar a eliminação definitiva da doutrina anterior, cada vez mais decadente á medida que a sua rival florescia em novos e mais ousados systemas.

A metaphysica, ou se considere como um estado mental, se bem que provisorio, no entanto sufficientemente caracterizado, ou se considere, como o proprio Comte o dá a entender, uma decomposição do theologismo sob o influxo das primeiras noções positivas das sciencias, não tem cessado desde então de bater a primeira em brecha, vingando-se por sua vez do affrontoso epitheto de *ancilla theologiae*, a qual oppoz por tanto tempo á liberdade das suas especulações a insuperavel barreira da fé.

Apossou-se successivamente de todos os problemas que a theologia resolvia pela auctoridade da revelação e procurou demonstral-os racionalmente, enfeitando o criterio da fé, que substituiu pelo criterio infallivel da razão (segundo o seu ponto de vista) auxiliada pelas idéas absolutas e innatas ao espirito humano, que ella elevou acima da experiencia, a qual nada tem que vêr com ellas, conforme affirmam os metaphysicos.

Durante muito tempo foi esta a posição da philosophia. Estando as sciencias ainda n'um estado de verdadeira infancia, não podendo dos seus resultados deduzir-se ainda uma concepção superior, as construcções metaphysicas *à priori* seduziam na verdade o espirito, ao qual poupavam as arduas fadigas da experiencia e da observação.

Não tendo elementos para construir o universo real e para explicar as leis da sua phenomenalidade, a philosophia metaphysica lançou-se no campo da divagação, da hypothese phantasiosa, e apresentou-nos

os seus resultados puramente subjectivos, como a expressão da realidade.

D'ahi a desprezar as sciencias, que não podiam aspirar por então a construcção alguma synthetica, ia apenas um passo.

Foi o que aconteceu.

A verdadeira philosophia, como naquella epocha se lhe chamava, sorriu desdenhosamente ante a genial tentativa de Bacon de dar á sciencia por base a observação e a experiencia.

Reservou para si o vasto dominio do *à priori*, povoado de principios absolutos e immutaveis, e d'elles deduziu uma philosophia inteira, que pôde sustentar-se com diversas vicissitudes até que as sciencias, com os seus progressos lentos mas constantes, mostraram a inanidade de taes especulações.

Mas estes mesmos progressos, levando a physica, a chimica e a biologia a constituirem-se definitivamente, do mesmo modo que a astronomia, como sciencias positivas, ameaçaram a metaphysica com uma eliminação completa, se por ventura persistisse no seu primitivo isolamento.

Do mesmo modo que a theologia vira pouco a pouco cada uma das suas soluções auctoritarias substituída por uma solução racional, assim tambem agora a cada uma das soluções phantasticas de uma philosophia idealista, a sciencia oppunha, escudada pelo irresistivel testemunho da observação, uma descoberta experimental de todo o ponto irrefutavel.

O phlogistico desapareceu da chimica, do mesmo modo que a theoria dos turbulhões desaparecera da astronomia, que o horror ao vasio desaparecera da physica, e que mais tarde havia de desaparecer da biologia o principio vital, e da psychologia uma alma distincta do corpo.

A metaphysica teve que ceder o terreno n'estas questões.

Mesmo dentro d'esta philosophia houve uma reacção a favor da sciencia, representada pelo syste-

ma materialista, contra o espiritualismo que mais propriamente ficou representando a doutrina da escola.

Collocada, pois, no dilemma de abandonar o campo ou de reconhecer a supremacia da sua rival, julgou poder salvar-se com uma meia transacção, que não pôde de fórma alguma satisfazer os espiritos verdadeiramente scientificos. Reconheceu os progressos das sciencias, reconheceu-lhes os seus methodos particulares, aceitou todos os seus resultados, sem reserva, diz ella, guardando para si a missão de colher todos esses resultados e d'elles deduzir uma philosophia.

É a posição do moderno espiritualismo em face da sciencia.

Infelizmente esta escola tem hoje ainda na Europa um certo numero de illustres philosophos que lhe prestam o realce dos seus nomes. Na França, Vacherot, que no seu livro intitulado—*Metaphysica e sciencia*—se esforça por estabelecer o enlace entre a philosophia metaphysica e a escola experimental; Paul Janet, Caro, Thomaz Ribot, etc.; na Inglaterra, Hamilton, Flint, etc.; na Allemanha, sobretudo, grande numero de espiritos eminentes, com Hartmann á frente, o celebre philosopho do Inconsciente, discipulo e continuador de Schopenhauer, cujas obras tão grande sensação têm produzido recentemente do outro lado do Rheno.

Como se vê, a posição actual da metaphysica não é apezar d'isso das mais lisonjeiras, porquanto feita *amende honorable* da sua repugnancia pelo realismo da sciencia, tem a final que se lhe lançar nos braços.

Mas vejamos qual é a objecção que a metaphysica formúla contra a sciencia, e com a qual pretende legitimar a sua existencia.

«As sciencias, diz ella, reconhecemol-o, com os seus methodos experimentaes estudam as leis dos phenomenos e páram ahi. Por mais que se esforcem nada mais podem, e portanto nada mais desejam alcançar. Pelo contrario, julgam até prejudicial á sua marcha todas as questões de origem e finalidade.»

«O astrónomo estuda as leis da gravitação, sem se importar saber se existe realmente uma *atração*, ou se uma impulsão universal não será, pelo contrario, mais provavel, como o proprio Newton parece dal-o a entender.»

«O physico estuda as leis da electricidade, do magnetismo, do calor, da luz, sem se importar saber qual é a essencia d'estes phenomenos, a realidade d'estas apparencias.»

«O chimico estuda as leis das combinações e decomposições dos corpos, sem procurar saber o *porque*, mas simplesmente o *como* d'estas transformações moleculares.»

«O biologo, pelo menos o moderno, deixa de parte como ociosa a questão do principio ou essencia da vida, para se occupar das leis estaticas e dynamicas do organismo, etc. E assim nas demais sciencias.»

«Mas porventura o espirito humano pára ahi, e se a sciencia positiva se contenta com a lei do phenomeno, não tenta elle, pelo contrario, comprehender o *miomeno*, a sua essencia e o porque da sua existencia?»

«A astronomia positiva pára no systema solar, e quando muito, avança algumas hypotheses a respeito da nebulosa, a cujo systema nós pertencemos. Mas porventura o espirito detem-se ahi e não se esforça por *imaginar* toda a serie infinita de mundos e de espaços?»

«A biologia não vae além das leis estaticas e dynamicas do organismo. Deixa de parte o problema da essencia da vida, isto é, da força que faz mover o organismo, e o problema da finalidade, isto é, da razão porque elle foi creado. Mas acaso o espirito se accomoda com tal limitação, e não procura saber mais alguma cousa?»

«Eis para que serve a metaphysica (além da physica, como significava na encyclopedia de Aristoteles), isto é, um gráo mais transcendente do que a sciencia, e que serve no momento em que a sciencia se cala.»

«E estes problemas, verdadeiro dominio da metaphysica, são reaes, não são illusorios. Formulou-os pela primeira vez o espirito humano ha tres mil annos e ainda hoje os repete com a mesma pertinacia e egualancia.»

«Não ha, pois, que duvidar da realidade de taes problemas.»

(*Continúa*).

Z. CONSIGLIERI PEDROSO.

LEMBRANÇA

Lembro-me bem de ti, eras franzina e airosa,
Teu rosto era d'um talhe insigne e esculptural,
E nunca a estatuaria erguera em pedestal
A vulto mais gentil, ó criação formosa.

A trança de ouro e luz, cahindo caprichosa,
Cobria-te do seio a curva virginal
E vinha brandamente em fórma de espiral
Beijar tua cintura esbelta e primorosa.

Porém... tudo cahiu na immensa ruinaria,
E eu desde ha muito em vão procuro noute e dia
A tua branca sombra, o teu olhar piedoso.

Só, muitas vezes, creio ouvir na voz sombria
Dos ermos pinheiraes, o vago da harmonia
D'aquelle teu cantar tristonho e suspiroso.

M. DA COSTA PINTO.

A SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Ha cerca d'um anno escrevemos para a mallograda *Revista Occidental* um extenso artigo, cujo assumpto era definir pela voz dos grandes mestres as sciencias geographicas e marcar-lhes o campo d'acção, os limites, a correlação com as suas outras irmãs e affins, e *ipso facto*, evidenciar com o maximo relevo a altissima importancia d'um ramo do saber humano, que, apropriando-se das multiplices noções dos outros seus congeneres, lhes ministra subsidios valiosos e elementos de vitalidade d'uma pujança e alcance inestimaveis. Deploravamos amarga e profundamente o desamor, com que olhavam para aquelles estudos, lamentavamos a carencia reprehensivel de bons methodos de ensino geographico, de livros, de compendios, de manuaes, de revistas, e apontavamos para a lacuna imperdoavel de não haver em terra portugueza uma sociedade geographica, timida, modestissima, balbuciante sequer.

Hoje, porém, o mal reparou-se; accordámos para a vida geographica com o estabelecimento da *Sociedade de geographia de Lisboa*. Os manes de Ritter, de Malte-Brun, de Pomponio Mela, de Strabão, nos perdoem o tardio despertar.

Aquella associação conta limitado numero de mezes de vida. Affirma-a comtudo pondo em acção todos os proficuos meios, e aproveitando os poucos recursos de toda a especie, capazes de produzir os beneficios, de que tanto havemos mister, para se operar uma revolução no cultivo official e particular da geographia.

Dividida como está em tantas secções, quantos os departamentos, que constituem os dominios d'aquella formosa sciencia, a sociedade excita os seus membros á applicação da actividade d'elles para o que lhes fôr mais predilecto e familiar.

As varias secções já se organisaram. As de geographia militar e a de ensino iniciaram os seus trabalhos, a primeira nomeando a commissão que redigirá o programma da complexa missão, que á secção releva exercer, e a segunda ouvindo d'uma sub-commissão a leitura dos programmas de ensino elementar e secundario.

Este assumpto é de tal magnitude e por conseguinte merece tão desvelada attenção, que fiamos dos poderes publicos lh'a concederão inteira e persistente.

Quando contemplamos a transformação radicalissima, operada quanto aos modos e methodos d'ensino da geographia e ethnographia nos varios paizes, ainda

nos que não caminham na vanguarda da civilização, e pensamos nos poderosos meios e processos, executados sob mil fórmãs, á custa de quantiosas sommas, — tendentes aos progressos multiformes do conhecimento accurado, scientifico, fecundo, do globo terrestre e de quanto respeita ás linguas e raças da especie humana, e depois volvemos os olhos, offuscados por tamanho resplendor, para este paiz, revesso ás lutas incruentas da intelligencia em actividade febril d'investigação e critica, percorre-nos momentaneamente as veias o frio do amargo e lethal desanimo, e perguntamos melancolicamente onde buscar remedio para tamanho mal? Será elle curavel? É-o seguramente.

Assim como em outras sciencias vamos a par e passo com os estranhos, por ventura com tenacidade no assimilar os fructos sasonados, colhidos pela Russia, Estados Unidos, Allemanha, Inglaterra, Suissa e França, das suas vigalias e canceiras, assim amanhecerá para nós a aurora da regeneração. E já desponhou. A semente lançou-a a *Sociedade de geographia de Lisboa*.

Ha muito por ahi quem no silencio do seu gabinete esteja lidando em não se deixar para retardario na marcha accelerada do movimento geographico da Europa e da America. Envidem-se esforços, congreguem-se os elementos productivos e postos elles em elaboração activissima surgiremos — para a vida de applicação séria á geographia.

Iniciemos a cruzada sacrosanta pela reforma completa no ensino; adoptemos os processos e methodos já provados bons em terras estrangeiras. Urge abolir de vez o fazer da geographia resenhas de nomes fastidiosos, e voltemos olhares de curiosidade scientifica para o relevo do terreno, sua structura geologica, bacias hydrographicas, fauna, flora, condições climatericas variadas e diversissimas do meio, o qual, actuando poderosamente nas sociedades humanas, lhes imprime feições moraes, que as caracteriza e lhes dá papeis diversos na historia da civilização.

A geographia é uma sciencia, ao presente, de tal vastidão, que nos assombra esta, por incompativel com a brevidade da vida do homem; comtudo não invadamos os limites marcados ás outras, onde ella tenta dessedentar-se da sua insaciabilidade de assimilação, e usando de tão discreta maneira de obrar, ainda nos sobrarão immenso para ver e esquadrinhar no campo proprio da sciencia do globo terrestre.

ALFREDO OSCAR MAY.

FATALIDADES!

Tinha o garbo phantastico das cobras
A gentil fada das *soirées* da móda,
Quando arrastava n'um salão as dobras
Da longa saia—a sua graça toda!

No *high life* aristocratico moderno,
O nome honroso d'essa gloria viva
Tinha attingido o pedestal eterno
Da grande fama de rainha altiva.

Era d'uma elegancia na *toilette!* . . .
Trajava sempre no rigor do estylo
A veste e o riso, a posição *coquete*
A phrase e o gesto e o seu olhar tranquillo.

Por isso quando alguém lhe perguntava
Um nome ou outro do rebanho ingente
Das borboletas que febril queimava
A chamma azul do seu olhar ardente;

Ella curvava a fronte e respondia
Com toda a magua d'uma negra ideia:
—Eu sei lá da ave que arrebatou o dia?
—Conheço agora cada grão d'areia?! . . .

Hoje, cousas do mundo, desaparece
Toda essa gloria que viveu da . . . saia (?)
Porque um sugeito a fulminou, parece,
Mostrando-a apenas de manhã na praia.

NUNES DA PONTE.

AS FESTAS LIBERAES

A commissão patriotica lisbonense do 1.º de Dezembro solemnizou este anno, como em todos os anteriores, o anniversario da restauração de 1640, com uma missa cantada e o indispensavel sermão gratulatorio.

O pregador da festa, o sr. Padre Serrano, aproveitou o ensejo e despejou do alto da preveligiada tribuna do pulpito um diluvio de maldições sôbre o liberalismo e sôbre a irreligiosidade dos governos republicanos e constitucionaes, attribuindo a essa irreligiosidade todas as nossas calamidades e dando pelo contrario á influencia do clero e das ordens religiosas, que Deus guarde, as honras de todos os factos mais gloriosos da nossa historia e particularmente da restauração de 1640. Parece-nos que é levar muito longe o espirito de seita, e que a critica despreoccupada da historia portugueza não auctorisa conclusões tão absolutas; é certo, porém, que se nos antolha perfeitamente coherente e honrado o procedimento do sr. Padre Serrano, sobretudo se o confrontamos com o dos promotores de todas as nossas festas liberaes, posto que a solemnisação do 1.º de Dezembro tenha mais character patriotico do que liberal.

Em Portugal, com effeito, o liberalismo rethorico dos partidos constitucionaes dá ás suas festas o character lithurgico das funcções aos oragos de freguezia: *te-deums*, missas cantadas e sermões, do mesmo modo que o clericalismo e a Igreja romana, a infallivel, celebra as suas datas memoraveis. Ora a Igreja e o partido catholico estão perfeitamente dentro da logica das suas doutrinas, das suas convicções e do seu programma imprimindo ás suas alegrias o character religioso, e nem mesmo lhe pódem dar outro. O partido liberal é que commette um acto de torpe hypocrisia, por que em sua consciencia não acredita na efficacia real de taes manifestações de jubilo.

O partido catholico tem por base de todas as suas douctrinhas a crença na intervenção permanente e directa da divindade nos negocios da vida.

O mundo foi creado por Deus por um acto espontaneo da sua vontade suprema e segundo uma intenção moral.

A vida das sociedades desenvolve-se segundo um plano providencial anteriormente concebido.

Tanto os grandes como os pequenos acontecimentos da historia, estavam previstos pela omnisciencia divina e são a realisacão fatal e indeclinavel do programma concebido pela divindade na sua impenetravel sabedoria ao formar do nada o universo das cousas. É isto o que diz, é isto o que defende, é isto o que proclama alto e com louvavel coragem o partido catholico, hoje como ha mil annos, contra todas as impugnações mais ou menos decisiveis da sciencia e da philosophia.

Por isso o partido catholico é coherente, é logico e como tal é digno e é honrado, agradecendo á divindade os favores com que lhe apraz confundir os seus crentes.

É ainda coherente e logico o partido catholico attribuindo as honras de todos os grandes acontecimentos da nossa historia á energia da fé, ao enthusiasmo religioso, não só por que isso é com effeito uma verdade, dentro de certos limites e com algumas restricções, mesmo perante a critica despreoccupada e scientifica, mas principalmente, e sob o ponto de vista das convicções catholicas, porque não pódem taes acontecimentos attribuir-se senão aos favores da divindade, preparadora e motora d'esses acontecimentos.

Os partidos liberaes é que não acreditam n'isto, e commettem por tanto um acto de baixa hypocrisia agradecendo á divindade, segundo o ritual da lithurgia romana, acontecimentos, aos quaes suppõem a divindade estranha, pelo menos como despensadora immediata de taes acontecimentos.

Todos os partidos liberaes tem por base das suas convicções, e não pódem deixar de ter sob pena de incoherencia fundamental, a liberdade, e porisso a negação da fatalidade, a independencia da vontade individual, dentro dos limites da intelligencia humana, das condições historicas, das condições sociaes e das condições do meio. Pódem porisso ser deistas, acreditar na personalidade consciente de Deus, nas origens divinas do universo, nas intenções moraes da sua

formação; mas o que não podem é aceitar a acção immediata e permanente da divindade nos acontecimentos da vida, mas, quando muito, a acção remota, por intermedio das leis immutaveis que regem os phenomenos do universo.

Para os liberaes deiistas o milagre é o absurdo, é a negação da propria divindade, que elles atiram para as profundidades metaphysicas e insondaveis d'um quietismo asiatico.

Para os catholicos o absurdo é a negação do milagre, que é a manifestação mais clara da omnipotencia divina, á qual nada é impossivel.

O partido liberal perde por isso com taes incoherencias e hypocresias banaes, que já não illudem ninguém, o direito de chamar hypocrita ao partido clerical. É preciso pois que o partido liberal, como partido, como collectividade politica, busque outros meios mais serios, e por isso mais dignos para memorar as suas datas gloriosas.

Em quanto os patriotas liberaes celebravam com missas e sermões o anniversario do 1.º de Dezembro a familia real, a personificação do direito divino, o rei de Portugal, *por vontade de Deus*, como o affirma a Constituição, solemnisava o mesmo anniversario presidindo á instituição d'uma *creche!*

É d'esta incoherencia, d'esta duplicidade, d'esta ausencia de character, d'esta falta de energia moral em moldarmos os nossos actos pelas nossas convicções que provêm a esterilidade organisadora, a debelidade incuravel e a feição hesitante, convencional, aventureira e lyrica que tem todos os partidos constitucionaes, que pensam transigir pela moderação velhaca e não fazem mais, pelo menos presentemente, do que comprometter pela hypocresia lorpa. É ainda d'esta ausencia de probidade dos partidos constitucionaes na affirmação das proprias convicções que provêm a vitalidade teimosa do partido clerical, o ar dominante e soberbo com que elle ainda combate, hoje que tem a negal-o e a destruil-o todos os grandes interesses

da politica e todas as grandes affirmações da sciencia.

É que o partido clerical tem uma fé, tem um credo, tem uma philosophia, tem um fim, tem unidade, tem uma disciplina intellectual, tem uma auctoridade moral, tem uma organização forte, sábia e maduramente estudada; e os partidos constitucionaes debatem-se na impotencia d'um fraccionamento infinito, sem unidade de intuitos, sem programma confessado, sem disciplina, sem auctoridade historica, sem philosophia professada, sem finalmente nenhuma das grandes energias moraes que caracterizam os partidos robustos e bem constituidos. É uma desvantagem enorme e que dá, melhor que nenhum outro symptoma, a medida exacta da esteridade actual das doutrinas theologicas, que perdem terreno de dia para dia, apesar de tão mal combatidas.

O partido clerical tem o grande merecimento da coragem das suas opiniões: é preciso que os partidos liberaes saibam adquirir egual vantagem, sob pena d'esta luta secular entre o espirito theologico e o espirito positivo se prolongar indefinidamente, com prejuizo da natural evolução da sociedade portugueza, a cujo desenvolvimento espontaneo o moderantismo burguez e somnolento d'estes partidos, longe de servir, está prejudicando. Para isso é preciso que os partidos liberaes, como collectividades, se desprendam, mesmo aparentemente, de todos os interesses religiosos, entregando-os á consciencia individual, unica auctoridade legitima para gerir taes interesses. Quando não seja opportuno desde já estabelecer na legislação a liberdade de cultos, é indispensavel desde já que os partidos liberaes dêem á solemnisção extra-official das suas festas um carecter puramente civil.

Vae n'isso uma questão de seriedade e de dignidade, e é de dignidade e de seriedade que a partidos vivem.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

OFFERTA

Eis aqui um *bouquet* e uma violeta escura,
Marqueza, não traduz por fórma alguma, creia,
Este mimo gentil a mais pequena ideia
De conseguir o fim que o meu rival procura.

Feriu-me a austera luz da sua formosura,
—A graciosa altivez dos typos da Judêa—
Mas quanto á distincção que de mim fez, tomei-a
Como uma cousa ideal, muito innocente e pura;

Por consequencia eu fico alegre e satisfeito,
Se vir o meu *bouquet* nas curvas do seu peito,
Sobre os flócos subtis das rendas transparentes.

E a violeta (meu Deus! que phantasia louca!)
Entre os finos carmins da sua fresca bôca,
Sob a casta pressão dos seus pequenos dentes.

ANTONIO DE MACEDO PAPANÇA.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

—Uma tumefacção no nariz e um lenço com sangue é o que afinal restará da aventura.

—O lutador poderia ter passado a noite na casa da guarda, que é aqui perto. E, como vizinho, não me custava nada trazel-o cá.

—E o outro combatente?

—Foi-se a rir, como tinha vindo. E foi mesmo por causa do riso que elles se pegaram de razões. Quer V. Ex.^a ouvir a historia, emquanto o ferido se arranja no seu gabinete? É uma historia deliciosa, e de que os jornaes só amanhã fallarão.

—Vamos a ella.

—Não é uma historia, é uma questão celeste resolvida a murro.

—É como todas essas questões se resolvem.

—Eu estava, ha uma hora, no tribunal da policia correccional, onde se julgavam tres espiritistas accusados d'uma insigne patifaria. Um era um photographo, que confessou tudo com uma boa fé admiravelmente tranquilla, e de que raras vezes usam os exploradores da credulidade publica. É o caso que o homem vendia aos feis a sua photographia d'elles emparelhada com a do defuncto mais querido que se lhe pedia: pae, irmã, irmão ou mulher.

—Bem sei, já vi d'isso: uma imagem um tanto vaga envolvida n'um sudario. Adeante.

—O caso, porém, não é esse. O photographo mostrou sobre a mesa do tribunal dois objectos encontrados em sua casa, e que eram uma boneca sem cabeça e uma caixa contendo duzentas ou trezentas photographias. «Eu sou photographo espiritista, disse o homem; o crente que procura o meu estabelecimento é recebido pela minha caixeira, uma mulher intelligente, que, primeiro que tudo, se ajoelha e ora com elle para invocar o espirito. Acabada a oração obriga-o a fallar e sabe assim qual a idade e a figura do defuncto que eu devo photographar miraculosamente. Envia-me por isso á socapa uma pequena explicação. Eu procuro então n'esta caixa que aqui está uma photographia que não destoe das informações da minha caixeira, fixo essa photographia com um alfinete n'esta boneca sem cabeça, envolvo-a n'um pedaço de pano branco em fórma de sudario, e passo-a para um cliché n'um gabinete secreto. Levo em seguida este cliché para o objectivo deantê do qual deve collocar-se o crente e a sua imagem juncta-se á primeira, e eis toda a partida, que, espero-o, meus senhores, não vos parecerá muito digna de castigo. Finalmente, eu trabalho e com isto não faço mais do que comer e beber da parvoice humana tão honradamente como muitos outros».

—E essa proibidade valeu-lhe alguma cousa?

—Um anno de cadeia; mas ainda isto não é o

melhor da historia. O melhor está nas vinte e cinco testemunhas, nos vinte e cinco logrados que desfilaram diante do tribunal.

O juiz conta a cada uma d'ellas os promenores da mystificação, mostrando-lhes e fazendo-lhes apalpar a boneca e a caixa das photographias. Nenhuma das testemunhas acredita o juiz. O photographo levanta-se e repete lucidamente a confissão das suas prácticas, explicando-as com a boneca; mas nenhuma das testemunhas dá crédito ao photographo. Todos ficam convencidos do milagre photographico; muitos zangam-se.

Tres coroneis, e entre elles dois de artilheria, replicam com entono militarmente feroz que se não rendem, que estão promptos a verter o seu sangue! Paulo Didier—o ferido que está lá dentro—e que era segunda testemunha, ergue-se irado contra os mofadores das cousas sagradas e pede para demonstrar que o tribunal labora em erro. O auditorio estava estupefacto, consternado. Como se annullaria a confissão do accusado, as provas da mystificação, a evidencia emfim de tudo isto? A que levava o amor proprio, a vergonha de confessar a burla, a impotencia para se rirem de si mesmos!

—A fé!,.. a fé!,.. exclamou o doutor. A fé é uma doença mental. E aqui basta ella pena a explicação do facto. Tenho visto muitos casos semelhantes. O cerebro humano é capaz de tudo.

—Pois bem, doutor, como medico alienista tractará o sr. Paulo Didier. Eu devia ter trazido a procição inteira das testemunhas.

—Devagar, meu caro, porque seria preciso então trazer-me toda a humanidade sobre-naturalista.

—Emfim a audiencia terminou, e o bom do photographo foi condemnado a um anno de cadeia. E' este que elles encarceram! Sahi do tribunal, e no fim da Ponte-Nova encontro o sr. Paulo Didier, de olhar incendiado, fallando com uma animação selvagem a um sujeito, que ria a bandeiras despregadas. Este sujeito, espectador da audiencia, tinha sido arpoado pelo nosso homem, que o queria convencer da patifaria do photographo e da seriedade dos espiritos. O espectador continuava a rir como uma criança; Didier fila-o pela gola, sacode-o; esmurram-se....

—A materia exalta-o, a metaphysica foi sovada.

—Aqui debaixo das suas janellas, doutor; e em quanto o vencedor se retira a rir como um doido, conduzo eu a metaphysica para aqui. Acabe agora com ella.

E dicto isto o attencioso guia de Paulo Didier despediu-se.

(Continúa.)

UM DEMOCRATA... THEORICO

(A MANUEL DUARTE D'ALMEIDA)

Eu vi-te hontem de tarde, ó grande democrata,
 Declamador banal, rethorico soez,
 las de luva branca e rendas na gravata
 Na grande procissão, grave como um chinez.

Pendia-te do peito o habito de Christo,
 Luzia-te no rosto o jubilo alvar
 De te mostrares bem no pallio, de ser visto
 Roçando nos galões d'um velho titular.

Depois vi-te beijar a mão á Magestade,
 Humilimo e boçal. curvado para o chão,
 E ouvi dizer a alguém: «Este homem, na verdade
 Nasceu para lacaio e aspira a cortezão.»

Tinhas em cada gesto o acanhamento idiota
 E o plebeismo audaz que tem os *parvenus*;
 A mão dentro da luva e o pé dentro da bota
 Suavam de aflicção para se verem nus.

No outro dia á tarde o teu jornal, monturo
 Da tua consciencia, a enorme podridão,
 Vinha insultando o rei, que, espirito obscuro,
 Inda se não lembrou de te fazer barão.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

PUBLICAÇÕES

O SECULO

PUBLICAÇÃO DE PHILOSOPHIA POPULAR E DE CONHECIMENTOS
PARA TODOS

REDACTORES

F. A. Corrêa Barata, lente de philosophia e A. Zeferino Candido,
 doutor em mathematica.

É quasi vergonhoso que Coimbra, centro official
 do nosso movimento scientifico, tenha apenas um jornal
 dedicado a sciencias—*O Instituto*—e nenhum es-
 pecialmente destinado á philosophia e á vulgarisação
 dos grandes trabalhos da sciencia contemporanea.

Destina-se a preencher esta importante lacuna
O Seculo, cujo primeiro numero temos á vista e que
 é rigidido pelo nosso amigo e collaborador Dr. Zeferino
 Candido e Dr. Augusto Corrêa Barata, lente de
 chimica na Universidade, onde, pelo seu saber, pela
 elevação do seu talento, pela integridade do seu car-
 acter e pela coragem das suas opiniões scientificas,
 tem conquistado um lugar que lhe promette farta co-
 lheita de louros e de sympathias intelligentes na car-
 reira que tão brilhantemente encetou.

Tanto o sr. Dr. Corrêa Barata como o sr. Dr.
 Zeferino Candido são dois moços perfeitamente mo-
 dernos, cheios de entusiasmo e dedicação pela sciencia,
 educados na forte meditação dos estudos mathe-
 maticos e das sciencias physicas, e sectarios convictos
 e confessados da philosophia positiva, a grande phi-
 losophia que está regenerando moral e intellectual-
 mente a França e que promette regenerar o mundo.

O 1.º numero do *Seculo* traz os seguintes artigos:
Preambulo—*Sciencia e catholicismo*, por Corrêa
 Barata—*Instrucção publica*, por A. Zeferino—*A ul-
 tima viagem em volta do globo*—*A imprensa nos Es-
 tados-Unidos da America*.

O artigo do sr. Corrêa Barata é a defesa e a jus-
 tificação das idéas expendidas pelo auctor n'um ar-
 tigo publicado n'um dos ultimos numeros do *Instituto*
 ácerca das origens do Homem e da sua lingoagem.
 O auctor é sectario das theorias de Darwin, ampliadas
 e completadas em parte pelos trabalhos ds Haeckel,
 e mereceu por isso as coleras sagradas e rubras de
 um dos mais divertidos collaboradores da *Nação*.

O artigo do sr. Dr. Zeferino Candido é o desen-
 volvimento e o complemento indispensavel das idéas
 expendidas pelo auctor no folheto publicado ha dias
 e que tem por titulo *Resposta ao questionario da*
Commissão de Instrucção Secundaria.

Reservamos para mais tarde, e quando estes di-
 versos artigos se acharem publicados integralmente,
 mais demorada opinião sobre cada um d'elles.

Por hoje lemitamo-nos a recomendar a leitura do
Seculo como a de um jornal utilissimo.

CARTA A M.^{elle} PREZIOSI

POR

JOÃO TRIGUEIROS

A litteratura portugueza está tendo a preocupação
 da graça, do dicto, da phrase coceguenta. Dá tratos
 á imaginação empobrecida e esteril para encontrar
 assumpto que faça rir os leitores de 10 reis. Esgota
 todos os seus recursos inventivos para achar um dicto,
 uma comparação, um traço grotesco que nos descerre
 os labios n'um grande sorriso expansivo.

Lança mão de todos os expedientes, toma conta
 de todos os assumptos, de todas as questões, de todos
 os successos, de todos os escandalos, revira-os, vol-
 ta-os de baixo para cima, de um lado para o outro,

de dentro para fóra até lhes encontrar um lado irrisório, uma feição burlesca que se preste a um graço de mais ou menos mau gosto, com tanto que faça rir os srs. caixeiros, os grandes estroinas domingueiros que vivem nas orgias do peixe frito e que se entregam ás devassidões do meio bife.

Parece-nos um pouco humilhante esta posição da litteratura lusitana barata perante a seriedade maior do leitor portuguez.

Não queremos por certo que a litteratura corrente e fugitiva da nossas publicações periodicas tenha os ares compostos e pesados d'um doutor em theologia ou de um embaixador turco; mas parece-nos tambem ridiculo o proposito de arranjar facecias por empreitada e de collocar ao serviço das cocegas dos nossos burguezes ou da hypochondria dos nossos guardas-livros o nosso talento, a nossa penna e mesmo as nossas convicções para que elles se dignem lêr-nos e acharem que temos pilherias.

Esta posição de litteratura jornalística é um symptoma característico do abaixamento intellectual do nosso publico e da sua futilidade de espirito.

Não ha questão politica por mais grave, interesse nacional por mais momentoso, successo litterario por mais interessante que possa excitar-lhe a sua infantil e grosseira curiosidade. Tudo isso é nada perante uma local piccaresca, um dito de graça, um successo ridiculo, um traço grotesco, uma palhaçada ou uma partida grosseira de estudante *rué*.

A politica corrompe-se, a administração abandona-se, o commercio arruina-se, a industria definha-se, a agricultura empobrece-se?

O publico não quer saber d'isso... lá está o governo para tractar de todas essas cousas como poder e souber.

O governo em Portugal é uma especie de imperador celeste, que o publico não vê nem conhece, mas que reina e governa ao sabor dos seus caprichos, e da sua compleição mais ou menos lymphatica, nervosa ou sanguinea; é uma especie de *deus ex machina* das tragedias antigas, que tem obrigação de nos resolver todos os casos complicados: de nos dar a carne barata, as casas em conta, a agua de graça, o theatro com subsidio, os divertimentos com luxo, os transportes rapidos, o dinheiro para os nossos bancos, os recursos para as nossas crises, as machinas para as nossas fabricas, os utensilios para as nossas industrias, enquanto nós lemos o *Diario de Noticias* e tractamos de arranjar um emprego publico, o modo de vida por excellencia em Portugal.

Os governos sabem isto e fazem por tanto o que lhes apraz, sem contarem com o publico para cousa nenhuma, a não ser para o regalar de quando em

quando com uma parada ou com uma funcção patriótica theatral por descargo de consciencia de lhes pedirem o costeo d'essas exhibições apparatusas. Os governos em Portugal são por isso liberaes, ou fingem sê-lo unicamente por que perderam de moda os governos despoticos, e Portugal quer por força andar na moda.

O publico, de facto, está tão disposto para ser governado pelo conde de Basto como pelo sr. Marquez d'Avila.

Lisboa, que é o cerebro d'este paiz, está apaixonada pelo theatro. A capital envenena-se pelo enfecionamento da sua atmospheria, a vida encarece espantosamente, a familia corrompe-se, os escandalos multiplicam-se, mas Lisboa diverte-se, enriquecendo as casas de penhores.

A paixão do theatro mesmo não é uma paixão de artista, é uma paixão de brasileiro gasto e corrupto. Não se ama o theatro pela arte, mas pelo escandalo, pela excitação erotica. Vae-se ao theatro para vêr a perna a M.^{elle} Preziosi, para gozar o decotado das figurantes, para apreciar os equivocos grosseiros e pôdres da baixa opera comica franceza. A belleza insolente de M.^{elle} Preziosi, a sua carnação abundante, o contorno esculptural da sua perna tomam por isso a importancia d'uma questão nacional, d'uma questão exclusiva e absorvente. Escrevem-se por isso locaes, artigos do fundo, communicados, folhetos a proposito do assumpto, como se a litteratura estivesse ao serviço do *quartier Breda* lisbonense ou do empresario do *Mabille*.

Que os brasileiros arruinados pela devassidão, que os marialvas corrompidos por toda a sorte de excessos amem o genero e applaudam freneticos estas corrupções nojentas e baixas, entende-se; mas que a litteratura se colloque ao serviço dos brasileiros e dos marialvas é o que não podemos perceber.

A carta a M.^{elle} Preziosi é um escripto com que ninguem adianta nada, nem o auctor nem o publico. É uma bagatella escripta com talento litterario e com sentimento da fórma. Mas nós não comprehendemos a arte pela arte. A arte tem um fim, um destino social, que é a elevação do sentimento e da intelligencia. Aconselhamos por isso ao auctor que dê uma direcção mais práctica, mais elevada e mais digna aos seus aliás excellentes dotes artisticos e litterarios. Ficam muito mal á litteratura os ares faceis e os gestos equivocos e provocantes das *cocottes* vagabundas. É outro o destino da arte, é outra a dignidade da litteratura, é outra a tarefa dos talentos como o do sr. João Trigueiros.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

EXPLICAÇÃO

A poesia publicada no nosso numero anterior com o titulo de *Lyra moderna*, do nosso amigo e collaborador Manuel Duarte d'Almeida, é o fragmento d'um trabalho mais completo e mais desenvolvido do auctor. Por uma inexplicavel irreflexão deixámos de fazer

esta observação quando publicámos aquelles excellentes versos, que precisam d'ella para sua melhor intelligencia.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.



A EVOLUÇÃO

Janeiro

1877

NUMERO 5

A SUPPOSTA NECESSIDADE DA RESOLUÇÃO DO PROBLEMA METAPHYSICO DAS CAUSAS PRIMARIAS E FINAES

(A THEOPHILO BRAGA)

(Conclusão)

Eis a argumentação da moderna metaphysica e o novo terreno em que ella se colloca em frente do movimento scientifico contemporaneo, que já não pôde negar.

Vejam os valor d'esta objecção.

Dizem os metaphysicos, que sendo impossivel ao espirito humano renunciar aos problemas de origem, de finalidade e de essencia, devem estes problemas forçosamente ter uma realidade, que convem a todo o custo indagar, não merecendo o nome de philosophia todo o systema que não dê uma satisfação a aspiração tão legitima e além d'isso tão constante.

Ora, tal argumentação é evidentemente viciosa; primeiro: — porque conclue do que até hoje se tem passado para o que se ha de passar no futuro, quando a inducção em taes termos não é legitima; segundo: — porque affirma que ainda hoje os problemas metaphysicos se impõem como uma necessidade a todos os espiritos, quando, pelo contrario, a immensa maioria dos homens de sciencia já d'elles se emancipou. E não é legitima a inducção no primeiro caso, porque a opposição contra as especulações metaphysicas vae todos os dias augmentando com as novas descobertas scientificas, podendo prever-se, com bastante certeza, ou pelo menos com grandes probabilidades, o momento da sua eliminação completa.

E não é isto mesmo o que nos mostra a historia?

Durante seculos consideraram-se tambem como problemas urgentes a resolver, e n'isso se gastaram tantas discussões estereis — as virtudes occultas dos numeros, a essencia do movimento, a alma dos magnetes, a pedra philosophal e tantas outras superstições que a propria metaphysica hoje engeita como ridiculas.

Dizia-se então que esses problemas tinham uma

realidade incontestavel, por isso que se impunham a todos os espiritos.

No fim de contas não passavam de devaneios subjectivos, filhos de uma educação intellectual defeituosa.

Em identico caso estão hoje os problemas de origem, finalidade e essencia. São restos de um estado mental inferior, que estão condemnados a desaparecer do quadro da sciencia.

Dizem os metaphysicos que ha tres mil annos que elles pela primeira vez foram formulados, e que ainda hoje o espirito moderno os formula de igual modo. Poderá adduzir-se prova mais frisante da sua inanidade?

Desde Platão até Hegel, o ultimo dos grandes metaphysicos, que é o que se tem adiantado ácerca das idéas absolutas de Deus, da essencia da alma humana, da origem da materia, da finalidade da criação e ácerca dos demais problemas da alta especulação idealista?

Que progresso se manifesta do Logos do philosopho-poeta grego á IDÉA do metaphysico germanico?

Esses problemas estão exactamente no mesmo estado em que estavam ha trinta seculos. Cada nova escola que os apresenta limita-se a adornal-os, por assim dizer, com os trajes da época; o fundô persiste essencialmente o mesmo. Que argumento mais concludente poderá adduzir-se contra a sua supposta necessidade?

É na verdade extraordinario, que aquelles que combatem a sciencia positiva por pretender limitar as forças investigadoras do espirito, passem tal diploma de impotencia á intelligencia humana, que a supponham capaz de andar tres mil annos em torno de um problema sem conseguir, não dizemos já resolvel-o, mas sequer enuncial-o de um modo claro e evidente!

E, comtudo, no mesmo espaço de tempo essa mesma intelligencia logrou constituir o enorme edificio da sciencia, logrou surprehender, desde o immenso dos céos até ao microscopico da terra, as leis da evolução do universo!

Que differença de resultados, e como ella deve fazer cahir em si os apóstolos do *à priori*!

Não existe, pois, tal necessidade de resolver problemas que estão fóra do alcance da experiencia e da observação, e ainda quando o nosso espirito se obstinasse em formulal-os, era mister corrigir essa aberração, evidentemente filha de uma educação defeituosa e producto de uma perniciososa illusão.

As causas primarias e as causas finaes são inacessíveis ao nosso espirito. Pertencem ao dominio do incognoscível, e portanto nada têm que vêr com a philosophia nem com a sciencia, sob o ponto de vista humano, por isso que nós nada conhecemos em absoluto.

Como Berkeley o demonstrou com toda a evidencia contra Locke, n'este ponto em manifesto erro, nós sómente conhecemos o mundo exterior por intermedio dos sentidos, isto é, sómente o conhecemos pelas nossas sensações, e estas sensações são-nos despertadas pela phenomenalidade externa e nunca pela essencia das cousas.

Como é, pois, que podemos afirmar aquillo para que não temos elementos? Podemos, sim, phantasiar hypotheses sobre a natureza e a extensão dos infinitos mundos do espaço; podemos perder-nos em conjecturas mais ou menos improvaveis com relação á causa primaria do universo, á essencia da vida, etc., etc., mas como não temos elemento algum experimental para equilibrar taes especulações, não passarão essas hypotheses nunca de ficções imaginativas, e como taes serão inadmissíveis no campo da sciencia.

Nem têm que desconsolar-se, com esta asserção, os espiritos ávidos de sciencia e desejosos de descortinar todos os segredos.

Pelo contrario. O estudo positivo das leis da na-

tureza, a synthetisação das leis particulares a cada sciencia n'uma harmonia superior, n'uma hierarchia racional, crêmos que é campo bastante vasto para saciar os desejos de saber, ainda mesmo os mais ardentes.

Pois não resta ainda tanto que fazer em cada sciencia particular?

A mathematica não tem ainda tantas fecundas deducções que tirar dos seus principios fundamentaes?

A astronomia e a physica celeste não têm ainda que investigar o nosso systema solar, penetrando mais intimamente na constituição e nos segredos de cada astro?

A physica não tem ainda tantas hypotheses que corrigir como a do ether, e tantas outras que confirmar, por exemplo, como a da unidade das forças physicas?

A' chimica não lhe restam tantas syntheses que effectuar, tantas analyses que emprehender, tantas composições e tantas decomposições, cujas leis é mister fixar?

A biologia, sobretudo na sua parte dynamica e taxonomica, não tem tantas theorias e factos que precisar, emancipando-se de hypotheses prejudiciaes para os progressos da sciencia?

E finalmente a sociologia não é um campo, por assim dizer, virgem, onde quasi tudo ha a fazer, apesar dos eminentes trabalhos de Comte e d'alguns dos seus discipulos e successores, como Littré e Herbert Spencer?

Eis aqui a tarefa de muitas gerações de trabalhadores, sem ser preciso irmos lançar-nos em especulações, onde nos falta o unico guia seguro—a observação. A todos aquelles que nos fallárem, pois, de causas primarias, causas finaes, essencia, substancia, primeiro motor, etc., respondemos-lhes como o auctor do *Systema do Mundo* respondeu a Bonaparte: «são hypotheses desnecessarias para os progressos da sciencia.»

Z. CONSIGLIERI PEDROSO.

AS FESTAS LIBERAES

(CARTA A EDUARDO AUGUSTO FALCÃO)

Meu caro Falcão.

Dirigiu-me v., por intermedio do excellente jornal *A Actualidade* e a proposito do meu artigo *As festas liberaes*, publicado no numero 4 da *EVOLUÇÃO*, uma carta, que, salva a consideração que me deve o seu admiravel talento, me parece escripta com uma

precipitação, que está pouco na sua indole, essencialmente reflectida e séria, e nos seus habitos de estudo e de concentração de espirito.

Quem lêr a sua carta e não tiver lido o meu artigo, ha de fazer de mim o deploravel conceito de um jacobino exaltado e ardente, que pretende subordinar os complicadissimos factos da vida social e a

morosa evolução das instituições politicas ao ideal de uma organização theorica, desprendida de todas as considerações positivas e estranha a todos os dados prácticos do problema. Ora eu venho pedir-lhe que rectifique tão errado juizo a meu respeito, por que se ha cousa que eu deteste, como anti-scientifica e rethorica, é o jacobinismo dos partidos theoricos, que julgam resolver todos os problemas sociaes pela exhibição das suas idealidades abstrusas e ermas de todo o senso evolucionista.

Eu, em politica como em muitas outras cousas, destingo o que é puramente especulativo e theorico do que é práctico e applicavel nas condições do meio social.

Sou tambem *relativista* e tomo como minhas aquellas admiraveis palavras do manifesto do *centro eleitoral republicano democratico do Porto*:... «nos trabalhos politicos ha a distinguir entre o ideal e o immediatamente realisavel. Muitas revoltas e revoluções provieram de não se ter feito esta importante distincção. Nós não esquecemos as condições da sociedade humana; por isso, ainda que tendo sempre em vista um ideal bem definido, iremos, sem impaciencia de utopistas, marchando para elle segundo as circunstancias reaes e positivas da sociedade. Reconhecendo a impossibilidade da immediata applicação integral dos nossos principios, preferimos ser uteis realisando pouco, a ser prejudiciaes tentando tudo.»

Estas formosas palavras traduzem o meu pensamento mais intimo e mais fundamental em materia politica.

Que havia de contraditorio a esta profunda convicção no meu artigo *As festas liberaes*?

Chama-me v. dogmatico e pergunta-me pela procuração que os partidos liberaes me deram para formular a sua nova crença.

Onde viu o meu amigo dogmatismo n'um escripto essencialmente critico e pessoal?

Que novas crenças formulei eu collocando os actos publicos de um partido defronte das suas convicções politicas e concluindo pela contradicção entre estas convicções e aquelles actos?

Que procuração precisava eu para formular o meu juizo, meramente individual, ácerca de convicções confessadas altamente por uns certos grupos politicos e os actos publicos e solemnes d'esses grupos?

Eu tenho pelas crenças religiosas, logo que estas se mantenham dentro da moral commum, todo o respeito que me devem as convicções sinceras. Esse respeito, porém, votado á sinceridade não vae até á inviolabilidade da hypocrisia, que detesto e que estou no meu pleno direito de apontar com nojo ao escarneo das almas justas e dos espiritos rectos. Ora é hypocrisa o partido liberal, que, como collectividade, como partido, agradece com *te-deuns*, *sermões* e outras fórmulas consagradas pela lithurgia romana, os acontecimentos prosperos da sua historia á Providencia, como *dispensadora immediata* d'esses acontecimentos.

Isto é o que eu affirmo e que sustento com todos os recursos de que possa dispôr a minha critica, cuja

independencia não precisa de procuração de ninguem para affirmar uma proposição de que acceto a plena responsabilidade.

Pergunta-me v. ainda se é ponto decidido no meu programma liberal acabar com o catholicismo, se vou estabelecer nova religião ou se na *minha nova ordem de cousas* prescindindo d'essas bagatellas!

Palavra de cavalheiro que lhe não respondia a sério se não tivesse pela sua amizade e pela sua intelligencia a alta consideração que ambas me merecem.

Se o meu amigo se tivesse dado ao improductivo trabalho de ler este jornal desde o seu primeiro numero, e nomeadamente a Introducção, não faria ao meu espirito a humilhante injustiça de o suppor ainda envolto nas nebulosidades coruscantes da metaphysica dos *phalansterios*. Tenho a ambição, talvez illegitima, de me considerar um pouco mais *positivo*, e o proprio titulo d'este jornal lhe indicaria isso, se o meu amigo tivesse olhado para elle com alguma attenção.

Para mim a religião, quando mesmo conseguisse demonstrar-se *scientificamente* — o que julgo impossivel — que todas as suas idéas fundamentaes não passam de méras concepções theoricas sem realidade objectiva nem significação real, havia de impôr-se ao meu respeito e á minha veneração como uma das mais altas especulações do espirito humano, como a instituição mais culminante e mais dominadora da historia das civilisações, como a grande educadora do mundo moderno, como a consolação de muitas almas boas, como o amparo de muitas fraquezas, como a unica recompensa de muitos heroismos obscuros, como a iniciadora da Moral, como a fundadora do Direito, como a defensora da Justiça, no tempo em que a moral era o roubo, o direito a força e a justiça o assassinato.

A religião, pois, quando se não recomendasse ao meu respeito como crença, havia de impôr-se á minha critica como o facto mais capital da historia da humanidade, e só os futeis e os ignorantes podem encontrar no seu espirito sarcasmos para o que constitue a caracteristica da nossa especie e a gloria da nossa raça. Sabe que lhe não digo isto para armar ao applauso dos burguezes ou para captar a benevolencia das almas pias. Não tenho preocupações de popularidade, e já agora espero morrer sem cheiros de santidade, por que até v., que melhor devia conhecer-me, me tracta como um jacobino.

Fez-me uma injustiça, e eu vingo-me avizandoo de que esgrimiui com o vento, por que tendo-me ao seu lado, deu um golpe em falso suppondo-me na frente como seu inimigo. Cegou-o o seu enthusiasmo democratico, o seu amor de proselytismo.

Acalme-se e verá que não é aqui que estão os seus inimigos. Procure-os n'outra parte; procure-os nos falsos liberaes que andam atrazando e empecendo o natural desenvolvimento da sociedade portugueza com umas transacções hypocritas, filhas do cynismo e não do *opportunismo*.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

CABELLOS

Não sei porque hei de amar esses cabelos,
Tão cheios de attractivos para mim,
Tão flúidos, tão d'ebano, tão bellos,
Não sei porque hei de amal-os, se hei de vêl-os,
Sempre captivos, torturar assim!

Os enfeites que pões os desfiguram,
Esses pesados jugos os offendem!
E, cada vez que as tranças se desprendem,
Como estes dedos ávidos procuram
Logo as soltas cadeias que me prendem!

E tu, — a desprezar tanta opulencia!
Sacrificas á moda em demasia.
Compõe-os para mim tambem um dia,
Deixa-os cair, soltar sem resistencia,
Como eu por ti, sendo mulher, faria...

Ou dá-lhes essa fôrma antiga e casta
Que o rosto enquadra em maternas *bandós*;
Bem sei que é velho, e que, decerto, afasta
Muitos d'aquelles que esse olhar arrasta...
Mas, aqui junctos, gozaremos sós!

Ha nessa antiga e dôce compostura
Não sei que vago, que suave encanto,
Que me accorda na ideia um templo santo

E, no côro, uma pallida figura
D'alvo capêllo, a soluçar um canto...

E foi assim que eu vi representada,
Nas puras linhas de ideal gravura,
Do doutor Fausto a amante inda illibada,
Mas em funda tristeza mergulhada,
Já presentindo a amarga desventura!...

E essas velhas pinturas que possues,
Essas loiras, formosas raparigas
De cabellos em cachos, como espigas,
E, cheios de malicia, olhos azues?...
Ah! não gostas tambem, que são antigas...

D'accôrdo. Isto é um capricho de momento,
O que eu mais quero é vêl-os sem prisões!
Dá-lhes a vida, a febre, o movimento,
Atira-os como as chammas, quando o vento
As quebra em rectilineas projecções!

Mas liberta-os do jugo que os opprime!
Põe termo um dia á dura escravidão!
Perante a moda será isso um crime,
Mas, quando a sós commigo, — sê sublime!
Desencadeia o negro turbilhão!

M. DUARTE D'ALMEIDA.

O ENSINO GEOGRAPHICO

O brevissimo artigo, que escrevemos sob o epigraphe—*A sociedade de Geographia de Lisboa*, e publicado no numero anterior d'este jornal, é como um curto proemio d'uma série d'outros escriptos ácerca dos momentosos problemas da geographia, cujo estudo está affecto ás sociedades que a cultivam e patrocinam.

O primeiro que se nos depara mais sério e mais grave, é o da refôrma radical dos methodos e programmas actualmente enraizados no ensino official e particular da sciencia dos Ritter, Petermann, Kiepert, Vivien de S. Martin, Levasseur e outros muitos sábios, que tamanho impulso scientifico tem imprimido no seculo actual á geographia na marcha d'esta, brilhantemente progressiva e admiravelmente fecunda em utilissimas noções de toda a especie, ácerca de questões vitaes sujeitas á jurisdicção de outras sciencias.

A geographia não é pertença das sciencias naturaes nem das politicas, mas tem um character especial. É um elo entre umas e outras, na longa cadeia dos conhecimentos humanos.

As causas, que determinam os phenomenos sociaes, repartem-se em duas classes ou categorias: causas provenientes da natureza, que envolve o homem, e causas chamadas do *meio social*, o qual deriva da estrutura do homem, encarado como producto physico da natureza organica e como ser moral e material.

O objecto da geographia é, pois, o complexo dos phenomenos da natureza, que influem na existencia da sociedade humana.

Os factos que originam o meio social têm, nos ultimos tempos, formado o objecto ou fim de não poucos ramos das sciencias politicas e sociaes.

A geographia deve abranger sómente os factos,

que respeitam á actividade da sociedade, aquelles que se dirigem a explorar as forças da natureza com o fito de preencher as necessidades sociaes e individuais. São elles que constituem a segunda categoria das noções comprehendidas nos ambitos da geographia, á qual não lhe cumpre espalhar-se demasiadamente em dissertações sobre as materias das demais sciencias.

Exemplifiquemos: — A nossa sciencia registra o numero de habitantes d'uma região; examina as causas pelas quaes existe essa população e não outra: tambem lhe cabe indicar o influxo, que aquelle numero exerce no existir das modernas sociedades; o que a geographia, porém, não tem a fazer é estudar os pormenores do movimento da população e os meios postos em prática, para se realisar o censo: á estatística incumbe essa tarefa.

Descrevendo-se v. g., uma tribu, a geographia commenta-lhe as qualidades dependentes da natureza que a rodeia; vae até testificar, que, afóra as causas naturaes, a decorrida existencia d'um povo actua parcialmente na actual vida social. Não deve, contudo, a geographia estudar criticamente esses alludidos factos; não deve, em summa, investigar a historia d'um povo. Ha de pôr de lado os successos historicos, que não tiverem influencia no character e nas condições de existencia contemporanea da tribu.

Mantendo para a geographia as raias syntheticamente acima delineadas, essa sciencia ha de impreterivelmente progredir, como qualquer outra. E não nos arreciemos das chimericas complicações que alguns, menos avisados, supõem resultar do emprego e applicação á geographia das leis que regem as demais sciencias naturaes e politicas. A physica usa frequentemente da mathematica e da chimica, e sem embargo de tão benefica ingerencia e mutuos serviços, ella sustenta e guarda cautelosa e triumphantemente a requerida e evidente independencia.

O ensino de qualquer ramo dos conhecimentos humanos, na instrucção secundaria, deve mirar ao desenvolvimento das faculdades intellectivas e criticas do estudante, e por tão ponderosa razão é mistér

conceder-se a mais desvelada attenção á disposição dos materiaes geographicos, e conduzir tão methodicamente o ensino que cada phenomeno haja de ser explicado pelas leis e phenomenos anteriormente enunciados e descriptos. Devem estes ultimos ser analysados desde os mais simples e comprehensíveis até aos mais complicados, accomodadamente ao gráo de maturação do entendimento do discipulo.

Registramos acima o principio, ou proposição, sobre que ha de architectar-se o edificio da instrucção secundaria geographica, *explicar cada idéa por aquellas que a precedem*; conseguintemente no curso da geographia professado nos lyceus, ou nos estabelecimentos d'indole similhante, elle, a nosso parecer, começará não pela localidade da escola, como é indispensavel no ensino elementar, e tal o praticam os americanos ha longo tempo e entre nós a *Casa-pia*, mas por noções elementares do aspecto e grandeza do globo terraqueo. Cumpre, ao depois, ordenar as noções elementares de geographia physica e politica em uma ordem methodica, e organizar com ellas um systema racional, applicando-as ulteriormente a pontos em particular do globo terrestre, escolhidos com lucido discernimento e muito tacto.

Até aos 10 annos, proximamente, siga-se o estudo da localidade, onde demora a escola (*Heimathshunde*), todavia este ensino não corresponde ás exigencias intellectuaes de idade mais elevada. Para os primeiros annos é elle d'uma vantagem incalculavel, porque penetra no espirito das creanças pela observação dos objectos visiveis; é um methodo completamente concreto e como tal vantajosissimo; imperfeito é comtudo na geographia secundaria, por intorpecer e retardar a evolução da intelligencia dos discipulos já crescidos em annos.

No proximo artigo esboçaremos o programma da geographia mathematica, como elle é adoptado nos estabelecimentos modelos dos paizes mais avançados nas sciencias geographicas.

(*Continúa*).

ALFREDO OSCAR MAY.

NIHILISMO

And hnow, wat ever those hast been,
'T is someting better, not to be.
BYRON.

Ó sonho predilecto
Da minha phantasia,
Quem é que te seguia
Com esse olhar inquieto.

N'esse febril aneio
Das tragicas paixões,
Por entre as multidoes
Da missa ou do passeio!

Pois que suaves horas
Em noites de luar
Passei a contemplar
A casa em que tu mórás!

Dormias tu ali,
Venusta maravilha,
E mãe, esposa e filha
Eu concentrava em ti.

Ficava então scismando
N'um extasis tão doce,
Como se a alma fosse
N'um paraíso entrando.

Sonhava a natureza
Um sonho immenso e vago,
Qual esse em que divago
Nas horas da tristeza.

A luz d'alguma estrella,
Que muita vez suppuz
Do teu olhar a luz,
Doirava-te a janella.

Ardia dentro em mim
Do pensamento a lava;
Um rouxinol cantava
Nas sombras do jardim.

Sonhavas tu talvez
Noivados opulentos,
E eu n'esses momentos
!Chorando tanta vez!

Chorando sim; que importa
Que alguém se ria d'isto,
Se o pranto, á dôr bemquisto,
Nas mágoas nos conforta!

Mas eu, que andava affeito
Á dôr silenciosa,
Guardei a ingenua rosa,
Do amor dentro do peito.

Votei-lhe uns igneos cantos,
Cobri-a de carinhos;
Por fim sómente espinhos,
E tão agudos, tantos!

Depois tomhou na haste
A casta flor celeste,
E nunca tu soubeste
Do amor que me inspiraste.

Vaes perguntar-me, vaes,
Porque murchou tão cedo?
É este o meu segredo,
Respondo, e nada mais.

Não me acreditas, não?
Cuidas talvez que eu minta,
Agora já extincta
A febre da paixão!

Pois ouve: foi tão fundo
O amor com que eu te quiz,
Que o coração me diz
Não pôde haver segundo.

E crê-me, nada eguala
Essa tremenda luta;
Ainda se me enlucta
A alma ao recordal-a.

Bem sei que não te importa
A minha escura vida,
E esta illusão perdida,
Esta paixão já morta.

Nem eu te peço agora,
Em vez do esquecimento,
A graça d'um lamento,
Minha gentil senhora.

Por isso tambem hoje,
Vê como tudo passal—
Meu triste olhar se enlaça
No teu olhar, e fogel!

E foge, pois procura
Outra mulher amada
Bem mais formosa—o Nada,
A eterna formosura.

É sempre assim. N'um dia
Doirados arreboes,
Perfumes, rouxinoes...
No outro, a cinza fria.

Embalam-se primeiro
Nos braços das amantes
Uns sonhos delirantes...
Depois, nos do coveiro.

Se tudo é falso, e mente!
Se tudo enfim se esquecel
Tão só o Nada, esse
Rebrilha eternamente.

PAULO DE ANDRADE.

A EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA PORTUGUEZA AO INTERIOR DA AFRICA

A sociedade de geographia de Lisboa acaba de dirigir a el-rei uma representação, excellentemente pensada e escripta, pedindo para que os poderes publicos tomem a iniciativa de organizar uma expedição scientifica, devidamente dotada, ao sertão africano, offerecendo a sociedade para essa expedição todos os recursos intellectuaes de que possa dispôr, e promettendo abrir desde já uma subscrição nacional para tal fim.

O problema de exploração do interior da Africa occupa hoje todos os espiritos elevados, e por isso a attenção de todos os governos que se prezam de comprehender e de encaminhar a alta corrente das idéas do mundo scientifico contemporaneo.

Para nós a exploração do interior da Africa é, além de uma questão de grandissimo alcance politico e economico, uma obrigação moral indeclinavel, que nos impõem as nossos tradições historicas, que são ainda hoje o titulo mais valioso que podemos produzir em favor da nossa autonomia nacional.

A sociedade de geographia presta por isso um

valioso serviço ao paiz, promovendo o interesse da opinião publica e do governo em favor d'esta grave questão, verdadeiramente nacional.

Os alumnos de todas as escholas superiores do paiz e particularmente o estudante da universidade de Coimbra, entre os quaes este jornal se honra de ter muitos assignantes, tinham n'esta questão um bello ensejo de affirmar a sua elevada comprehensão dos grandes problemas da sciencia moderna e o seu entusiasmo juvenil e intelligente pela regeneração politica e economica de Portugal, alcançando alguns meios pecuniarios para ajuda das despezas da expedição scientifica ao interior da Africa, realisando espectaculos theatraes, promovendo subscrições, solicitando donativos, etc.

É uma lembrança despretenciosa que lhes apresentamos, e cuja gloria pertencerá por inteiro aos que conseguirem convertel-a em facto.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUCÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

(Continuação)

N'este momento um grito rouco, medonho, retumbou no gabinete. O alienista, que conhecia perfectamente este grito, correu logo para alli, e entrou no momento em que o ferido cahia redondo, de costas. O doutor reconheceu, pelos movimentos convulsivos do corpo, pela boca escumante, pelas mordeduras na lingua e pelas numerosas echymoses que lhe appareciam no rosto, que o ferido estava com um ataque de epilepsia. O doutor tomou immediatamente as suas precauções, porque sabia que ao accesso podia seguir-se tanto a prostração como o furor immediato.

Certificou-se de que o doente não trazia armas consigo, arrecadou um punhal, que estava sobre uma mesa e que servia de faca para cortar papel, chamou pelo creado, homem robusto, acostumado a estas scenas e ordenou-lhe que ficasse á porta.

Dentro em pouco o ataque cessou, seguindo-se uma excitação maniaca simples e uns movimentos mais desordenados que violentos.

Paulo Didier passeiava no gabinete recitando versos de Homero misturados com um vasconso arrevésado e umas palavras francezas pouco decentes contra os photographos; tombou a escrevaninha, desatou a rir,

e, depois, agarrando n'um vaso de flores que estava sobre a pedra do fogão, fel-o em pedaços.

Foi tudo. Parou, cahiu sobre um camapé, e, depois de uma longa somnolencia, accordou como de um sonho, perguntando onde estava e o que fazia ali.

A recordação da audiencia, da luta a sôco e do seu proprio rosto ensanguentado reapareceu-lhe pouco a pouco; não tinha, porém, a minima consciencia do accesso epileptico e das suas consequencias.

O doutor acompanhou-o a casa, soube do porteiro que Paulo Didier era a mais pacata, a mais dôce e a mais saudavel das creaturas; que morava n'aquella casa havia seis mezes, e que quasi todas as semanas sahia de Paris para uma das provincias do meio-dia, d'ende era natural.

No dia seguinte o doutor recebeu a visita de agradecimento de Paulo, que elle convidou para almoçar. O moço mostrou-se muito expansivo e contou que era orphão, que tinha quinze mil francos de renda, que nascera em Castel-Sarrazin e que vivia em Paris ha seis mezes para estudar na bibliotheca nacional manuscriptos, de que estava extrahindo uma historia da guerra dos Albigenses.

Tinha a locução facil, clara e muita delicadeza e doçura de maneiras, junta a uma figura agradável e intelligente.

Recordou a audiencia da vespera, excitou-se a proposito do photographo, e tanto, que o doutor desviou a conversação para outro rumo.

—Com effeito, disse Paulo, a questão devia ficar hontem esgotada, porque eu entrei para casa tardissimo. E, a proposito, doutor, os murros far-me-iam taes estragos que entendesse indispensavel dar-se o incommodo de me acompanhar a casa? Mas esta manhã a tumefacção do nariz tinha-me desaparecido quasi completamente.

—Esteve na verdade indisposto muito tempo.

—Dar-se-ha caso que eu adormecesse... diga?

E empallideceu um pouco ao dizer isto. Mas continuou.

—Talvez o meu pesadello?... Seria o terceiro com este. Ha um anno que me deu o segundo, e ha deseiseis mezes o primeiro, proveniente de um grande susto que apanhei em Castel-Sarrazin em casa de minha tia. Uma noite, ao atravessar a mata, dei de frente com um enorme cavallo, vermelho de sangue, e que desapareceu depois de muitos corcovos e de uns grandes relinchos terriveis. Na noite seguinte, segundo minha tia me disse, tive um enorme pesadello, e mais tarde, e ainda em casa d'ella, um segundo.

—Viu-o algum medico?

—Minha tia não quiz medico nenhum.

—Sua tia acompanhou-o a Paris?

—Não; a velhice tornou-a imbecil ha alguns mezes.

—É preciso tractar de si.

—Mas, doutor, disse Paulo empallidecendo novamente, eu não estou doente.

—Mas é nervoso. É preciso cortar por algum tempo as suas relações com os espiritos, que lhe fazem muito má companhia, e tractar exclusivamente da historia dos Albigenses... e mesmo os Albigenses... hum!... ha muitos photographos n'essa cousa. O meu amigo devia entregar-se ao estudo da botanica, dar grandes passeios. Tome banhos frios, beba agua com vinho, falle de longe ás mulheres e venha ver-me de quando em quando.

Paulo Didier voltou. O alienista affeiçoou-se-lhe. Era um bello coração paternal o do doutor La Minière, apesar da sua longa carreira de medico e da sua celebridade. As miserias humanas magoavam-n'o até á preocupação dolorosa de lhes não poder dar grande remedio.

—Tenho mais remorsos, dizia elle, do que aquelle que, segundo se diz, os inventou.

Passadas tres semanas Paulo desapareceu. O medico inquietou-se, tomou informações e não conseguiu tranquillisar-se completamente com a explicação, que lhe deu o porteiro, das viagens que Paulo costumava periodicamente fazer á sua provincia.

Para que fazia elle estas viagens? Paulo, interrogado sobre este ponto, guardára um silencio absoluto.

(Continúa).

UM INCIDENTE ACADEMICO

Na aula de direito ecclesiastico portuguez da Universidade deu-se ha dias um incidente, que classificaríamos de extraordinario, se em Portugal se não vivesse no profundo cahos intellectual e moral caracteristico das grandes epochas de decadencia e precursor das fundas transformações sociaes. O sr. Dr. Ayres de Gouveia, bispo eleito do Algarve, lente da Universidade, e regendo actualmente a cadeira de direito ecclesiastico portuguez, marcou aos seus discipulos, antes de ferias e para ser entregue depois d'ellas, uma dissertação. Os alumnos apresentaram com effeito essa dissertação, mas oito dias depois de ferias, visto s. ex.^a não ter fixado o dia para a entrega. O sr. Dr. Ayres de Gouveia viu n'esta demora, se o era, uma tal quebra de disciplina e um tal attentado á inviolabilidade dos estatutos universitarios, —attentado que estava no seu direito de castigar tranquillamente, apontando as competentes faltas aos alumnos — que censurou asperamente todo o curso do quinto anno juridico, taxando-o, segundo se affirma, de menos brioso e pouco digno, e espriando-se em considerações de alto cathurno philosophico sobre a funda depressão moral da raça latina, á qual s. ex.^a o sr. Dr. Ayres de Gouveia tem a desfortuna de per-

tencer como doutor e como bispo. A não ser o excessivo amor pela rethorica, amor que caracteriza o talento eminentemente phantasiado do sr. Dr. Ayres de Gouveia, não comprehenderíamos os rigores do sr. bispo eleito do Algarve contra a depravação moral da raça latina, que conta entre as causas mais poderosas d'essa depravação o auctoritarismo religioso do catholicismo romano, de que s. ex.^a é adepto infallibilista.

Devemos applaudir a sinceridade do doutor ou censurar a incoherencia do bispo?

Devemos acreditar na critica do philosopho ou duvidar da orthodoxia do theologo?

Em que ficamos?

É ainda o antigo jacobino incoherente e lyrico que falla, ou é o moderno infallibilista que préga?

Ha tambem uma proibidade intellectual e philosophica que se não illude impunemente. A coherencia é tambem uma virtude, que não consta das theologaes, mas que não deixa por isso de ser menos legitima e austera.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO



Fevereiro

1877

NUMERO 6

VESTIGIOS DO PERIODO GLACIARIO NOS AÇORES

A noção talvez mais importante conquistada modernamente na vasta e formosa provincia das sciencias geologicas é a do periodo glaciario, durante o qual grandes massas de gelo envolveram mais de metade do hemispherio boreal. Nessa época, segundo os testemunhos geologicos, imperou aqui um clima analogo ao que se confina hoje nas regiões polares; e existindo já formadas todas as grandes elevações que actualmente subsistem, em todas se formaram geleiros, e pelos mares, então limitados já proximamente no contorno dos modernos littoraes, estrellaram-se grandes accumulações de massas geladas.

Os geleiros das montanhas da Suissa, da Escossia, da Scandinavia, attingiram desenvolvimentos só comparaveis aos dos que revestem agora o Spitzberg e a Groenlandia; os gelos fluctuantes que hoje, no hemispherio boreal, raras vezes salvam o 6.º paralelo, desceram muito áquem vindo demandar as nossas latitudes.

Ha muito já que certos factos despertavam a attenção dos naturalistas; não se podia assentar em explicação razoavel da existencia de flóras analogas nas sumidades montanhosas mais eievadas e nas suas intimas relações com as que povoam latitudes mais frias; do apparecimento de grandes fragmentos de rocha, não rolados mas faciados ou estriados alguns, que em diversas direcções se encontram como marcando rotas, fragmentos evidentemente depositos e não rolados por conservarem vivas as arestas, e transportados, por não mostrarem parentesco com as rochas mais proximas.

Finalmente era assumpto sempre para novas hypotheses e cogitações a singular existencia de flóras semilhanes, vegetando algumas em terras muito afastadas e que ha muito se acham separadas pelas grandes extensões oceanicas: as correntes maritimas e as aerias não podiam dar solução bastante a taes problemas; os outros meios de transporte eram ainda menos admissiveis.

Dois sabios que a sciencia perdeu ha pouco, Lyell e Agassiz, foram dos primeiros a mostrar a resolução d'estas questões. O ultimo principalmente nos seus estudos notabilissimos sobre os geleiros da Suissa, nos

quaes conquistou titulos mui valiosos ao reconhecimento dos estudiosos, marcou á custa de improbas fadigas a formidavel acção dos geleiros durante o periodo glaciario; póde até affirmar-se que foi elle o denunciante de tal época (1).

Os geleiros arrastam no seu movimento descensional diversos fragmentos de rocha que mais tarde, pela fusão dos gelos, são depositos nos terrenos. Taes fragmentos ora marginam os geleiros, ora seguem a linha média dos convalles, formando grandes fileiras ou *moraines*, segundo a designação franceza.

Antes mesmo de Agassiz, outros naturalistas haviam notado taes enfileiramentos de rochas em sitios onde ninguem soubera nem suppozera jámais a existencia de massas geladas: foi elle, porém, o tão celebre sábio, para o qual a sciencia do nosso paiz não teve uma palavra de commemoração, que explicou a origem d'essas *moraines*, verdadeiros monumentos d'um estado climaterico mui diverso do hodierno; e logo, por simples generalisação, se firmou a noção scientifica do periodo glaciario.

Claro era que tal regimen não dominára só nas altas regiões e que nas inferiores e nas maritimas deveriam apparecer tambem testemunhos do phenomeno; de facto as pesquisas dos geologos revelaram logo que a semilhante origem se devia a formação de *drifts* e outras alluviões, e tambem a deposição de rochas extranhas em muitos pontos.

Multiplicaram-se as observações, acudiram muitos dados, e verificou-se a grande extensão do resfriamento, cujos effeitos abrangem grande parte do hemispherio boreal, pois *drifts*, *moraines*, *rochas erraticas*, se encontram nos convalles do Himalaya, em grande parte da Europa, nas planuras do Canadá.

Segundo, porém, outras indagações mais recentes, parece confirmar-se a existencia de varios periodos

(1) Na sessão de 24 de julho de 1837, a Sociedade helvetica, reunida em Neuchatel, ouviu as curiosas demonstrações de Agassiz; a esta memoravel sessão assistiram homens como E. de Beaumont e L. de Buch. V. Revue des deux mondes, do 1.º de julho de 1875.

glaciaris, sendo o ultimo ou o mais moderno o da época post-pliocene, alva, por assim dizer, dos terrenos quaternarios. E se um dia, tal noção se poder confirmar, terá a sciencia assignalado um grande progresso, porque da existencia de taes resfriamentos periodicos se poderá talvez chegar á chronologia, isto é, á classificação no tempo dos grandiosos phenomenos geologicos.

O sabio geologo inglez Carlos Lyell dedicou-se com muito esmero ao estudo dos phenomenos glacia-rios, e nos seus trabalhos lhes consagrou capitulos notaveis e definitivos. É especialmente aos gelos fluctuantes que attribue maior papel. Insta notar-se que a formação de grandes massas geladas não é actualmente igual nos dois hemispherios; no meridional abrangem ellas região muito mais vasta.

«Estes phenomenos, diz Lyell, têm hoje lugar entre o 45.º e 60.º parallelos de latitude sul, em quanto que a zona correspondente na Europa está livre de gelos: mas, cousa ainda mais notavel, acham-se no proprio hemispherio sul, a 1400 kilometros tão sómente da Georgia do Sul, onde as neves perpetuas chegam até ao mar, terras cobertas de florestas, como a Terra do Fogo. A differença da latitude não basta aqui para explicar a luxuriante vegetação num ponto, e a sua falta absoluta noutro, e é preciso admittir, entre as outras causas de resfriamento na Georgia do Sul, estes innumeraveis gelos fluctuantes, que vêm da zona antarctica, e que abaixam, fundindo-se, a temperatura das aguas do oceano assim como a do ar, que enchem de espessos nevoeiros. O contraste entre as condições glacia-rias e o clima nas zonas correspondentes nos hemispherios norte e sul, e mesmo nas latitudes correspondentes do mesmo lado do equador, faz presumir que a America septentrional e a Europa não experimentaram simultaneamente um frio extremo no periodo glaciario (1).

Esta supposição final está cada vez mais confirmada. O grande resfriamento não foi simultaneo, foi successivo; acompanhou provavelmente, acompanha, póde talvez dizer-se, a deslocação periodica do pólo.

Comtudo Lyell affirma ainda no seu livro, sem duvida pela falta de documentos geologicos, que na America se encontram testemunhos glacia-rios em latitudes mais meridionaes que na Europa: «—A extensão dos erraticos americanos durante o post-pliocene em latitudes mais baixas que aquellas a que chegam na Europa, concorda bem com a inflexão actual para o sul das linhas isothermicas. Parece que outr'ora, como hoje, dominou no lado occidental do Atlantico um clima mais rigoroso e maior abundancia de gelos fluctuantes».

(1) Lyell. Geologia, cap. XII.

Basta effectivamente olhar para uma d'essas cartas, tão vulgarisadas hoje, onde estão lançadas as linhas isothermicas ou de igual temperatura média annual, para ver o formidavel golpho de calor, permitta-se a expressão, que ellas formam ao norte do Atlantico.

Siga-se, por exemplo, a linha boreal zero, importante na materia presente, e ver-se-ha como ella depois de cortar o Labrador, ao encontrar o mar, inflecte de subito para o norte, vai rasar o cabo Farewell, bordeja a Groenlandia, salva ainda a Islandia, e ainda sobe mais; vai interceptar o extremo norte da Noruega, inflectindo agora para o sul em precipitada curva, descendo cada vez mais, mantendo-se em harmonia quasi com o paralelo 55.º ao percorrer o sul da Siberia, para outra vez se erguer ao entrar no Pacifico. A flecha do primeiro arco descripto não é inferior a 20 grãos! Mas para isto temos explicação facil e sem replica, é o *gulf-stream*, essa maravilhosa torrente de aguas tropicaes, que vem no seu decurso mitigar os frios numa grande extensão do Atlantico.

Assim, na hypothese de Lyell, teria esta corrente uma funcção já consideravel na época glaciaria, e comtudo urge admittir para estes phenomenos grandes variantes no nivel das terras, logo no regimen aquoso tambem: porque *drifts* e erraticos suppõem grandes massas de gelo; estas precisam de aguas bastante profundas para fluctuarem, e em ambas as margens atlanticas se encontram taes testemunhos a muitas dezenas de metros acima do actual nivel das aguas.

Lyell observou na America rochas erraticas até 42º de latitude; na Europa as conhecidas por elle não desciam tanto; d'aqui a sua affirmativa. Agora podemos asseverar que, se não na Europa, porém mais perto d'ella que da America, nos Açores, existem legados do periodo glaciario. Ora os Açores estão entre 36º57' e 39º41' de latitude norte.

É ao geologo allemão, Jorge Hartung, que devemos uma descripção especial e scientifica do archipelago açoriano (1).

Do mesmo sabio ha estudos sobre a Madeira e Porto Santo.

Algumas palavras de divagação. Muitos accusam Portugal de desleixado; outros lamentam a sua infelicidade, outros emfim taxam-n'o de ingrato.

O que nos parece verdadeiro e para sentir é a vida da sciencia portugueza em regiões inacessiveis ao commum, a sua pouca tendencia para a vulgarisação; não conseguiu por isto ainda ser estimada e acatada geralmente. Aqui, como n'outros paizes secundarios, a gente scientifica fórma uma parcialidade insignificante; como não tem união não tem força. Os nossos homens de estudo carecem de arrojo, e se arrojados, não encontram auxilio nem favor.

(1) Die Azoren. Leipzig, 1860.

Não admira, pois, que estrangeiros estudem mais e melhor assumptos nossos. O que se pôde sim estranhar é que sejam entre nós ignorados da maior parte esses trabalhos. Aqui pôde caber a nota de certa dóse de desleixo e ingratidão. Felizmente nos ultimos annos alguns espiritos, seguindo novos caminhos, têm attendido e aproveitado esses labores de forasteiros. Muito devemos á Allemanha; basta citar Racksinski, Wolf, Diez, Schaeffer, Hubner, Bellermann. Estes os mais conhecidos e citados.

Nas sciencias naturaes poderíamos mencionar ainda mais; entre os naturalistas allemães que têm estudado assumptos relativos a Portugal ou suas possessões, tem hoje Hartung logar entre os mais eminentes. O mais elevado sem duvida pertence a W. Peters, que durante oito annos explorou Moçambique, e cuja obra é um verdadeiro monumento. H. Schacht, Heer, W. Reiss têm-se occupado muito de assumptos portuguezes. E onde estão as justas recompensas dadas a taes homens, tão desinteressados nos grandes serviços que prestam a Portugal?

Não fallemos do caso triste de Welwitsch, ha pouco felizmente concluido pelo sr. dr. B. Gomes. Onde estão ao menos os testemunhos de respeito e agradecimento; ao menos a prova de que seus trabalhos são conhecidos, estimados, aproveitados entre nós? A este respeito os nossos homens de letras podem responder mais satisfactoriamente que os de sciencia.

Um exemplo só. O importante trabalho de Hartung sobre os Açores foi publicado em 1860. Em 1875 um portuguez publicou um livro que a imprensa applaudiu; incontestavelmente encerra esse livro muitas e mui curiosas noticias. O auctor não se poupou a pesquisas; teve ao seu alcance os melhores dados, goza ha muito de merecida reputação. Pois bem, esse escriptor descrevendo numa parte do seu livro os Açores, e tratando da sua geologia, diz: — «Á excepção de alguns calcareos que dizem encontrar-se na ilha de Santa Maria todas as rochas são basalticas, etc.» — Dizem encontrar-se! Hartung descreve muito extensamente estes calcareos, notabilissimos por serem os unicos naquelle grupo de ilhas vulcanicas; Bronn foi especialmente convidado a examinar e descrever os seus fosseis, e todavia estas cousas são ainda ignoradas pela sciencia portugueza.

Como dissemos, é ao sr. Jorge Hartung que devemos um reconhecimento sério e completo dos Açores; foi elle quem descobriu e descreveu os importantes testemunhos glaciarios que hoje ali subsistem. Sem demora vamos transcrever na integra a noticia que nos dá o sabio geologo: — «Sobre o apparecimento de rochas não de origem vulcanica nos Açores.» — Na costa sudoeste da ilha de Santa Maria, na «bahia da villa do Porto apparecem numerosos fragmentos de *gneiss* grosseiro, contendo grande porção «de mica preta e branca. Estes fragmentos jazem com

«outros de lavas basalticas ao longo da praia, mas em «tamanha quantidade, que se não podem attribuir a «antigos lastros. Nestas circumstancias deve accredi- «tar-se que as rochas, que propriamente constituem a «ilha, são devidas a primitivas erupções, emquanto «que taes fragmentos foram mais tarde com as lavas «basalticas lançados á praia. Mas tambem em outros «logares dos Açores apparecem grandes fragmentos «de rochas, que não são de origem vulcanica, em cir- «cumstancias taes, que permitem outra interpretação.

«Na costa oriental da ilha Terceira, cobrem o lit- «toral da villa da Praia, além das rochas vulcanicas, «calhãos polidos pelo transporte, de grés vermelho, «de calcareo rijo, de quartzo, de granitos varios com «feldspatho branco amarellado, quartzo, mica preta e «branca e turmalina. Todos estes fragmentos, cujas «dimensões variam desde algumas polegadas até mui- «tos pés, não apparecem sómente á beira-mar, mas «jazem tambem a distancia consideravel para a inte- «rior, espalhados na superficie, onde, juntamente com «fragmentos de lava, os têm accumulado para fazerem «as paredes de pedra solta que circumscrevem os «campos cultivados. É tão incrível que estes fragmen- «tos hajam sido trazidos pelo homem do afastado sitio «da praia, como é impossivel que, no modo de ser «actual, possam ter sido rolados pelas vagas á sua «presente posição. Para o norte é este espaço limi- «tado pela altura que vai de levante a poente, cujo «declive principal deixa ao material a fixidez em que «estão os numerosos rochedos estranhos, e cuja parte «inferior, na extremidade oriental da ponta de Malme- «rendo, está coberta por uma duna arenosa. Para o «sul dilata-se um terreno pantanoso cercado de jun- «caes; sobre uma pequena elevação assentam as casas «da villa da Praia. Para o inferior, finalmente, desap- «parecem as rochas estranhas exactamente onde a pla- «nura, que desde baixo vem subindo docemente, se «torna mais aspera e irregular. As rochas estão por- «tanto aqui espalhadas numa depressão em amphi- «theatro, que para o lado do mar é mais larga e aberta, «emquanto que o volume das terras para o interior, «assim como para o sul e para o norte se eleva gra- «dualmente. É pois provavel que estes fragmentos «estranhos fossem depostos durante o periodo gla- «ciario na Terceira e Santa Maria, comprehendidas «entre 37° e 39° de latitude norte. No Canadá e nos «Estados Unidos encontraram-se taes detritos moder- «namente até 38°. Notando assim o apparecimento «de taes raridades, podemos concluir mais que nas «duas ilhas mencionadas, no periodo glaciario, e nos «mencionados logares, estava já firme approximada- «mente o seu actual relevo orographico ou conforma- «ção da superficie. Na Terceira o modo porque ap- «parecem estas rochas indicam uma certa elevação; é «provavel que os gelos encalhassem em aguas pouco «profundas da bahia antigamente formada pela depres-

«são do valle da Praia, que mais tarde se ergueu sobre o mar. Nestas ilhas, podemos accrescentar, «não só apparecem consideraveis massas lavicas de «apparencia moderna, mas ha documentos da sua acti- «vidade vulcanica desde a descoberta até aos tempos «actuaes. Portanto, é muito crível, que durante a de- «posição das muitas formações vulcanicas modernas, «tenha havido uma elevação ou dilatação das forma- «ções mais antigas».

Carlos Darwin vê nestes factos a explicação mais razoavel da flora açoriana. «=O numero considera- «vel de plantas europeas que habitam os Açores, em «comparação das que povoam outras ilhas oceanicas «mais proximas do continente, e, assim como notou «Watson, o character de certo modo septentrional da «sua flora relativamente á latitude, nos leva a crer «que estas ilhas foram povoadas em parte pelos grãos «trazidos por gelos fluctuantes durante o periodo gla- «ciario (1).»

Do que se leu, consinta-se-nos deduzir, ou antes suppôr, vista a nossa nenhuma auctoridade, a conclusão seguinte. Apparecem vestigios do periodo glaciario em duas ilhas do archipelago açoriano; e denotam que numa d'ellas houve oscillação consideravel: não apparecem nas outras ilhas, ou será talvez mais prudente dizer não os viu Hartung; porque se não pôde exigir que um geologo visite minuciosamente todas as localidades. Se não apparecem, ou as ilhas não existiam então, ou têm de tal arte oscillado e abatido, que encobriram esses testemunhos. Todavia as formações calcareas em Santa Maria, os erraticos aqui e na Terceira, as linhites de S. Miguel, são factos notaveis e dignos da especial attenção dos naturalistas.

Cabe agora de molde uma pergunta. Se na America septentrional, e se nos Açores, em latitude igual á de Portugal, existem vestigios do grande resfriamento, não os haverá aqui tambem? Nada encontro nos poucos trabalhos geologicos publicados entre nós: chamo, porém, a attenção para o facto seguinte. Os terrenos quaternarios occupam especialmente no sul do paiz enorme extensão; parece que ao terminar das edades terciarias um golphão formidavel, ornado de caprichosas angras, semeado de algumas ilhas, se dilatava pelos valles do Tejo e do Sado, futuros valles, desde

as assentadas calcareas de Monte junto aos altos e escarpados flancos de Monchique. A essa época tambem se referem as camadas argilosas, alluviões marinas, dunas arenosas que em muitos pontos do litoral mostram consideraveis desenvolvimentos. Ao sr. Carlos Ribeiro devemos o estudo cuidadoso d'esses terrenos.

Num ponto de tão notavel trabalho, para não multiplicar citações, nos lembrou a possibilidade da acção glaciaria. Diz o sr. Carlos Ribeiro, escrevendo da terceira parte do tracto do Sado, num paragrapho que designa: *Massas de rocha estranha ao deposito, dispersas no sólo quaternario dos valles do Sado e de seus affluentes*. — «Cabe igualmente dizer aqui que «sobre o sólo d'este tracto encontram-se massas de «calcareao jurassico, identico em seus caracteres litho- «logicos ao calcareao jurassico de S. Thiago de Cacem «e da Arrabida; massas de calcareao arenoso grosseiro «ochraceo do peridio terciario inteiramente semelhante «ao das camadas terciarias de Palma e Alcacer do Sal; «calhãos de rocha dioritica micacea semelhante á da «serra de Cintra, e mais particularmente á do grande «affloramento sobre que está assente a aldeia de Col- «lares; em fim, grossas massas angulosas de quartzite «jaspoide inteiramente igual em seus caracteres áquelle «que se vê em grosso affloramento atravessando os «schistos crystallinos na freguezia de Santa Catharina «a 9 kilometros a lésnordéste d'Alcacer. Algumas «d'estas massas terão de 500 a 1000 kilos. É nas «encostas do valle do Sado, a montante e a juzante «d'Alcacer, que semelhantes massas têm sido en- «contradas. Não pertencem ao deposito das camadas «do grupo inferior, representam porém acções ou «phenomenos posteriores ao mesmo deposito e pos- «teriores tambem aos grandes abalos que produziram «a abertura dos valles do Sado e seus confluentes na «parte occupada pelas camadas do referido grupo (1)».

Descripções como esta, e outras de varios depositos e alluviões, trazem á lembrança a possibilidade da acção de massas e formações glaciarias. Se tal acção se sentiu nos Açores, é deveras mui natural suppôr que tambem aqui funcionasse, e que podemos achar ainda vestigios, testemunhos authenticos, do periodo glaciario em Portugal.

G. PEREIRA.

(1) De l'origine des espèces, pag. 439.

(1) Descripção do sólo quaternario das bacias hydrographicas do Tejo e Sado. Lisboa, 1866.

SONETO PAGÃO

De Armand Sylvestre

Não julgues saciar os soffregos desejos,
Que eu sinto em fogo vivo arder dentro de mim!
Porque eu tento fugir do lubrico setim
De teus braços febris e d'essa bôcca aos beijos.

Nas tripodes fataes da Pythia, entre os lampejos
Da fornalha voraz, ardia outr'ora assim,
Em dôr cruel, atroz, igual á minha, emfim,
A serpente roubada á fresquidão dos brejos.

Eu sou como um veado á frente da matilha,
Que em vão por campo e bosque enreda aos cães a trilha
E brame em vão, levando as carnes retalhadas!

Acerta contra mim os olhos teus ardentes,
Os labios sensuaes, esses formosos dentes,
E, em vez de me beijar, oh! morde-me ás dentadas!

PAULO DE ANDRADE.

O ENSINO GEOGRAPHICO



(Continuação)

Indiquemos os principaes phenomenos, que, conforme a doutrina que summariamente acima expozemos, devem ser estudados na geographia mathematica.

1.º *Horisonte*. É o circulo que recae desde logo no campo da observação. É por onde começará o ensino da geographia mathematica elementar.

2.º *Aspecto da terra*. Determinação das dimensões do orbe terraqueo, particularisando-se criticamente os diversissimos contornos dos continentes, cujo influxo é manifesto na maneira d'existir das sociedades. Na geographia physica, ou, melhor, na physica do globo, este capitulo tomará as desenvolvidas proporções, a que o tem levado os grandes geographos modernos.

3.º *Noções geraes da esphera celeste*. Historie-se o seu movimento visivel e quotidiano, e conseguintemente o da rotação da terra. Ver-se-ha que este ultimo origina a alternada e constante successão do dia e noite. Quem porá em duvida a enorme importancia d'esse movimento, quanto á vida dos homens, e outrosim á de toda a natureza organica?

4.º *Grandeza da terra*. É este um ramo essencial do estudo do nosso planeta. Por elle vemos, que inexgotaveis recursos e riquezas de toda a especie encerra o globo, recursos de que o homem constantemente se utiliza por meio da sua intelligencia e industria. Note-se que n'este capitulo se indica apenas o numero d'esses bens materiaes, visto como na geographia physica e na geologia se determinará a natureza d'elles.

5.º *Movimento annual da terra em redor do sol*. Produz elle a distribuição geral da temperatura ao de cima da terra. Outra consequencia: — derramamento por igual, entre os habitantes d'um e outro hemispherio, da fruição das riquezas naturaes.

6.º *Pontos, linhas, circulos*. Utilidade d'essas creações ideaes na composição das cartas geographicas, as quaes são como o panorama da superficie do globo, quando a geodesia lhes serve de base e não a phantasia dos desenhadores, posta ao serviço da insaciabilidade mercantil dos editores de mappas geographicos, à *bon marché*.

7.º *Lua*. Sua grande influencia no fluxo e refluxo do mar, e nos movimentos analogos da atmosphaera, cujas leis não são ainda bem conhecidas.

Compartilhamos da opinião dos geographos, que excluem do programma d'ensino secundario geral tudo, que não prepondera fortemente na vida social.

A geographia physica é formada pelo complexo dos phenomenos, occorridos na superficie do orbe terrestre, e influindo directamente nas sociedades humanas.

Desenvolvamos, agora, a lista das materias, que hão de constituir o corpo doutrinal e descriptivo da geographia physica.

1.º Descripção da posição geographica, contorno, relevo e extensão do paiz.

2.º Descripção das propriedades da atmosphaera, que envolve o paiz, — clima.

Será incontestavelmente proveitoso iniciar essa investigação pela distribuição da temperatura á superficie do paiz. Marcar cuidadosamente a dependencia da temperatura das seguintes causas: — *latitude geographica; influencia dos ventos principaes; affastamento dos mares; influxo das correntes maritimas; orographia do paiz*.

3.º Adquiridas as noções respeitantes á distribuição da temperatura, occupar-nos-hemos do grau de humidade do ar, e da repartição dos residuos atmosfericos, que dependem directamente de todas as condições já mencionadas.

Haverá muito desvelo em attentar na influencia dos ventos, do mar e das correntes d'elle. Accentuar, com individuação, que do mar e não das aguas interiores procedem os residuos, caídos á superficie da terra, por elles regada. Influencia dos ventos na distribuição d'esses residuos.

4.º Determinada a quantidade de residuos atmosfericos, assignalem-se as principaes fórmulas, que tomam as aguas interiores: — rios, lagos, lagôas, pantanos e seguidamente tractar das aguas interiores, propriamente assim designadas, quanto á qualidade e á quantidade, dependentes, como se deve crêr, da *humidade, do relevo e da natureza dos terrenos*.

Ha muitos, que julgam a temperatura e a humi-

dade dependentes das aguas interiores. Examinemos o valor d'essa opinião.

Consideremos uma dada região, n'um determinado momento. Imaginemol-a riquissima d'aguas interiores. É inquestionavel o influxo d'ellas na temperatura e no gráo hygrometrico do ar. Essa humidade, porém, não póde ter uma influencia perduravel. O vento arrasta-a. A região secca-se, torna-se até arida, se a humidade do ar e a do sólo não fõrem alimentadas por novos residuos trazidos pelos ventos pluviosos do mar, — esse inexgotavel reservatorio dos vapores aquosos, que se derramam na atmospherá e regam a terra.

Não será, pois, logico preceder a descripção das aguas interiores, da do modo pelo qual o paiz é irrigado pelas aguas das chuvas? É verdade que a humidade está subordinada á distribuição da temperatura, á direcção dos ventos principaes e ao relevo do paiz; será então indispensavel determinar os contornos da região, o seu relevo, a distribuição da temperatura, a influencia produzida sobre a ultima e a direcção dos ventos, anteriormente ao estudo da humidade do ar e á irrigação da terra.

Como se explicará a humidade? Pelo que vimos — expliquemol-a com a direcção dos ventos, com a posição do mar, com o relevo do sólo e com as correntes maritimas. Estas e os ventos são corollarios das propriedades dos liquidos, da distribuição da temperatura á superficie da terra e do movimento de rotação d'esta.

O exame da natureza organica da terra vem como ultimo topico reclamar-nos algumas considerações. É facil é de presumir, que o estudo em questão se apoiará no dos phenomenos precedentemente relatados e analysados.

Elle derivará como um corollario fatal da natureza, estructura e humidade do sólo, da temperatura, da actividade e industria humanas. Se houver, v. g. para descrever a natureza organica das regiões tropicaes, não se olvidará a qualidade ou especie do clima sujeito ao exame, se é *continental* ou *maritimo*. Facil é de comprehender, que tão ponderosa particularidade encontrará no explicado até áquelle ponto os elementos conducentes á sua determinação. É n'elles que o estudante beberá a materia prima e os elementos analyticos da requerida exegese. Vem, depois, por um pendor irresistivel, o olhar attentamente para a orographia.

Do que ultimamente e melhor se ha dito e assentado no estrangeiro ácerca d'esta materia, infere-se que as noções, acima indicadas, são bastantes para a explicação das propriedades geraes da natureza organica—fóra dos limites do influxo da sociedade humana, entenda-se.

Nos magestosos e uberrimos plainos tropicaes, haverá irrigação natural, e portanto vegetação frondente e luxuriante no periodo das chuvas periodicas. No periodo de escassez d'estas desapparece a vegetação. A formosa planice converte-se em um terreno resequido, visto como ali não ha, em geral, vastos

reservatorios, onde se accumulem as aguas subterraneas derivadas das chuvas. Por feracissimo que seja o sólo, desecca-se, e as plantas, estioladas, tornam-se em pó corrosivo. D'ahi a existencia de plantas periodicas annuaes. As florestas, os bosques, que reclamam humidade perenne do sólo, subsistem com as irrigações artificiaes.

Acompanhemos, agora, com a observação, o que ocorre nas regiões montanhosas e continentaes das referidas latitudes.

As chuvas torrenciaes dão origem a grandes lagos, formados nos valles por effeito das inundações. Não seccam elles, em virtude da fraca evaporação, a qual, por sua vez, promana da temperatura pouco elevada d'essas altas regiões. Dos lagos vem rios permanentes, que percorrem os valles e o sopé das montanhas. A isso accresce o encherem-se de agua pluvial as cavidades dos montes, e assim se formam enormes reservatorios subterraneos. Haverá, pois, a necessaria humidade para a producção da vegetação riquissima e esplendidamente variada, com que se enlevam os viajantes e exploradores. Concebe-se facilmente que o numero de lagos e reservatorios subterraneos, augmenta com a altitude das montanhas, e por isso quanto mais alterosas estas, melhor abastecidas serão de agua.

Examinemos, desde já, o que acontece nos paizes tropicaes, de clima *maritimo*. Nas campinas, regadas pelas chuvas ordinarias e pelas periodicas, a humidade e o calor chegam ao *maximum*. A consequencia d'esse facto é o maior desenvolvimento da vegetação. Esta reveste as proporções grandiosas e a magestade inexprimivel, que caracterizam as florestas virgens tropicaes. Nas planices regularmente horisontaes ostentam-se, formosas e admiraveis, as altas hervas, verdadeiros oceanos de verdura.

D'esta maneira de observar, infere-se o seguinte: a ordem no ensino não deve de ser *ad libitum*. As diversas deducções explanar-se-hão da seguinte fórma: —Descripção da planice de clima *maritimo*; descripção das regiões montanhosas com igual clima; descripção das regiões montanhosas de clima *continental*, e por ultimo descripção das planices de clima *continental*.

Quanto aos phenomenos da flora e fauna, cumpre indicar-lhes summariamente as propriedades geraes. Digam-se quaes as plantas e os animaes caracteristicos, que mais importa ao homem conhecer e estudar pelos serviços, que lhe prestam.

5.º Em derradeiro relance de vista apreciem-se os effeitos, originados pelo complexo de todas as condições physicas do paiz, actuando sobre o clima e determine-se a influencia d'ellas na saude do homem e na dos animaes domesticos.

(Continúa).

ALFREDO OSCAR MAY.

SONETO A UM LYRIO

Ó grande amante ideal! ó lyrio immaculado!
Serenos como o ceu da casta consciencia,
Desprendes, ao abrir o calice nevado,
As lagrimas do amor e os sonhos da innocencia.

Vens-me fallar talvez da doce transparencia
Dos ceus, a patria d'onde eu ando desterrado!
E julgo ir-me perder ao aspirar-te a essencia
N'um mar cheio de luz ethereo e socegado!

Tu és a flor do Bem, ó grande flor suave!
Feita do olhar das mães, do cantico da ave,
E do infantil amor d'um peito virginal.

Por isso, quando vaes as petalas abrindo,
Eu julgo presentir angelica, sorrindo,
A alma de Jesus no calix de crystal.

COELHO DE CARVALHO.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

(Continuação)

Um mez depois o doutor recebeu a visita de um homem de boa apparencia, mas um pouco acanhado de maneiras e que gastou um certo tempo para se resolver a fallar, tal era a commoção de que parecia possuido.

—Senhor, começou o desconhecido, eu tenho uma filha, que, depois da morte da minha santa esposa, é a minha alegria e a minha consolação. É uma criança adoravel, bella, sadia, meiga, o espirito mais ingenuo, mais suave, mais virginal.... emfim, é minha filha. Ha dois annos que esta criança é amada por um excellente rapaz, razoavelmente rico e de boa familia. Este rapaz é orphão; o casamento depende por isso apenas da minha vontade, e estando minha filha para fazer os seus dezoito annos, eu não tive duvida em dar o meu consentimento. Dá-se, porém, ha tres dias o mais triste e o mais inexperado dos successos. O futuro marido de minha filha tinha na provincia uma tia, a senhora Lormier, fallecida ha oito dias. Ora uma outra senhora, muito de bem e muito respeitavel, amiga da fallecida, procurou-me para me dizer a chorar que o noivo padece uma doença gravissima. Foi a propria senhora Lormier que lhe fez esta revelação por descargo de consciencia, segundo ella diz, e sem revelar cousa nenhuma ao sobrinho, com receio de o affligir. A senhora Lormier não declarou qual a doença de que seu sobrinho padece, mas essa doença, se existe, é v. ex.^a que a conhece, por que na vespera mesmo d'este grave acontecimento o moço fallou-me de v. ex.^a, como de uma pessoa que visitava a miudo. Deixei immediatamente tudo para vir a Pariz com minha filha, que está n'uma casa proxima d'aqui com a sua creada.

—A quem tenho eu a honra de fallar, senhor?

—A Humbert, negociante em Toulouse.

—De quem me falla v. s.^a?

—Do senhor Paulo Didier.

O doutor levantou-se.

—Eu não conheço o senhor Paulo Didier. Vejo que v. s.^a ignora, para se ter apresentado d'esse modo em minha casa, que todo o medico está ligado por um segredo de profissão.

—Um segredo?

—Justamente, e sem o qual a segurança, a independencia e muitas vezes a honra dos individuos e das familias estariam á mercê da sua descripção. Eu fui surprehendido, porque julguei que a sua conversação visava a interrogar-me sobre uma questão geral, do contrario ter-lhe-ia posto ponto mais cedo. Permitta-me por isso que lhe não roube mais o seu tempo.

O senhor Humbert balbuciou algumas phrases de desculpa e sahiu.

Esta visita, posto que não fôsse para o doutor a primeira no genero, inquietou-o por alguns dias. Seguir a lettra estRICTA da lei, parecia-lhe d'uma prática commoda para as pessoas que sacrificam tudo á sua propria tranquillidade; mas a balança da sua consciencia era extraordinariamente sensivel. O seu espirito era d'estes que voltam uma questão de todos os lados e sabe-se que a questão mais insignificante é octogona. Além de que o doutor tinha coração; a emoção d'aquelle pae, o seu aspecto grave, o futuro, a vida e a imagem entrevista da noiva, commoviam-n'o tanto como a desgraça e o amor de Paulo Didier.

—É mais facil cumprir o seu dever do que conhecê-lo, pensava elle, e os nossos melhores actos de consciencia têm uns geitos de não poderem caminhar sem tropeçar em alguém ou em alguma cousa.

(Continúa)

PUBLICAÇÕES

—LA ACADEMIA—*Revista de la cultura hispano-portuguesa, latino-americana—Madrid.* Acha-se publicado o 5.º numero d'esta excellente revista, cuja formosa execução typographica rivalisa com as melhores publicações francezas e inglezas d'este genero. A redacção é esclarecida e toda a parte intellectual d'esta publicação está á altura da sua parte material.

—O INSTITUTO—*Revista scientifica e litteraria—XXXIII anno—Janeiro de 1877—2.ª serie—n.º 7—Coimbra.* É uma publicação importante, mas que muito mais o poderia ser, se tomasse o caracter de orgão do movimento scientifico e litterario da Universidade e mesmo da alta cultura intellectual dos outros estabelecimentos superiores de instrucção do nosso paiz, dando ainda conta resumida do movimento scientifico das principaes universidades da Europa. Oppõe-se a isso talvez razões ponderosas, mas que se nos antolham superaveis com a boa vontade, com a forte união e sincera camaradagem entre todos os homens, que no nosso paiz tem a seu cargo o ensino superior das sciencias, e entre os quaes só pôde haver a destincção que dá a competencia individual e não a que provém do velho formalismo universitario. A universidade de Coimbra, onde ha grande cultura scientifica e muitos talentos de primeira ordem, precisa de ser melhor conhecida, mesmo entre nós, pois que não é raro apparecerem por abi uns ledores inscientes de Julio Verne a declamar contra a ignorancia da universidade, sem terem a minima noção do que alli se estuda e se pensa. Estas declamações banaes tem a sua explicação na ignorancia dos declamadores, mas tambem é certo que a universidade precisa de levar para além da *porta-ferrea* a acção do seu ensino, por meio da publicação d'uma revista á altura da sua cathogoria scientifica. O *Instituto* é uma boa publicação, mas parece-nos que, congregados na sua redacção, como julgamos possivel, todos os talentos de que dispõe a universidade e as outras nossas escolas de ensino seperior, poderia tornar-se uma publicação de primeira ordem.

—O SECULO—*publicação de philosophia popular e de conhecimentos para todos—1.ª serie—4.º n.º*—Continúa á altura da sua bella missão de vulgarisação de sciencia esta excellente publicação quinzenal. Ha n'esta revista um espirito de independencia philosophica e de probidade scientifica que nos captaria todas as nossas sympathias, quando o jornal não tivesse, como tem, outros e muitos titulos á nossa mais subida consideração. A sciencia tem hoje interesses tão proprios e tão distinctos, que mal lhe ficam umas certas cortesias hypocritas com que ás vezes muitos dos seus sacerdotes pretendem lisonjear as susceptibilidades senis dos velhos preconceitos theologicos. Que os senhores preconceitos se accomodem

como poderem com a sciencia; esta é que não deve pensar em se accomodar com elles. Demais os tem ella poupado, e elles, os biltres, sempre a darem-se ares de menina romantica e nervosa, mal lhes tocam. O *Seculo* não tem taes preoccupações. Diz o que sabe, e sabe o que diz.

—LETTRE A M.^{LLE} MARIE DENIS SUR L'IMMORALITÉ PARISIENNE, *par Rouget de la Presqu'île. Lisbonne.* Paris tem na opinião publica portugueza a feroz reputação d'um antro de corrupções babilonicas. É certo que nos não consta que nenhum dos nossos Josésinhos tenha por lá deixado a capa de *briche* nacional pelas mãos felinas das Hiempsals do Mabile. Mas corre como certo entre a nossa pudica burguezia que Pariz é um horror de torpezas.

E de que provém esta medonha reputação? Simplesmente d'um facto, e vem a ser—que a maioria dos viajantes portuguezes vão a Pariz unicamente para ver e saborear essas torpezas, e não vêem e não saboream mais nada. Isto é simples, concludente e até symptomatico. O auctor do folheto, de que estamos dando noticia, diz a este e outros respeito cousas cheias de bom senso, posto que tome para pretexto do folheto um motivo futilissimo. O talento artistico de M.^{lle} Denis fica pela capa de livro, e é do que n'elle menos se trata. Apesar d'isso, é bem escripto este folheto e bem pensado.

—AMOR DIVINO—*Estudo pathologico d'uma santa, por Bento Moreno.* Temos de occupar-nos mais detidamente d'este notavel trabalho litterario, e porisso limitamo-nos hoje a agradecer ao seu auctor o offerecimentó honroso que nós fez d'este livro.

—DO REALISMO NA ARTE, *por Silva Pinto.* O sr. Silva Pinto é um escriptor intelligente, estudioso e de uma inteireza litteraria que se revela a cada passo na phrase desprestenciosa e franca, na energia, ás vezes rude, da censura, na sinceridade e consciencia da critica, na seriedade do elogio e na hombridade do applauso. Vê-se que escreve o que sente e o que pensa, o que não é merecimento tão commum como talvez a muita gente pareça. Agradecemos-lhe as expressões benevolas com que se refere a nós naquella publicação, e esperamos ter occasião de mostrar n'um dos numeros proximos d'este jornal, quaes os pontos, ácerca do realismo na arte, em que concordamos e quaes os de que divergimos das idéas do sr. Silva Pinto.

—Por falta de espaço deixamos de noticiar hoje algumas publicações que nos foram enviadas, e das quaes fallaremos n'outra occasião.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO



Março

1877

NUMERO 7

TRAÇOS GERAES DA PHILOSOPHIA POSITIVA

Duas concepções fundamentaes servem de base á philosophia positiva: a chamada *lei dos tres estados* e a *classificação hierarchica dos conhecimentos humanos*: mas estas duas concepções pertencem principalmente á ordem historica dos factos, posto que pela sua analyse e deducção conduzam á noção dogmatica de todo o positivismo, isto é, a impossibilidade de conhecer as sugestões subjectivas de principio e finalidade, e a necessidade da limitação dos nossos conhecimentos á inducção experimental e deducção relativa.

A origem historica d'estas duas bases dá-lhes esse character de realidade, d'onde todas as que d'ella derivam se fortalecerão com a possibilidade de uma verificação e com a tendencia para estabelecer a unanimidade do assentimento nas intelligencias.

A determinação d'estas duas bases do systema philosophico foi um resultado da analyse do estado mental do mundo moderno e da filiação d'este estado, como consequencia da evolução intellectual da humanidade atravéz da historia.

Com a dissolução do regimen catholico feudal, o espirito critico e de livre exame não acceitou mais as explicações cosmogonicas e moraes apresentadas pelos dogmas religiosos. D'esta marcha historica resultou, da parte da religião uma definição estreita da sua orthodoxia nos concilios e nos *Syllabus*; da parte do espirito scientifico um grande numero de descobertas na astronomia, na physica, nas industrias e na grande navegação vieram apoiar a nova direcção mental com factos decisivos, para procurar-se a verdade unicamente no dominio da realidade das causas e pelo instrumento da experimentação.

Á medida que novas demonstrações dos phenomenos da natureza se agrupavam em corpo de doutrina, alargava-se a dissidencia dos espiritos que já não podiam vergar-se á adhesão de todo o systema dos dogmas religiosos, e não tendo, apesar da multiplicidade dos factos scientificos, um systema integral ou theoria que dirigisse as suas concepções, fluctuavam em um estado de criticismo indisciplinado ou de anarchia mental, que atrasou os grandes esforços de renovação philosophica do seculo XVIII, apesar da

gigante phalange dos genios encyclopedistas, que a emprehenderam.

O estado anarchico mental que se reflectiu nas crenças, nos costumes, na politica e nas sciencias é esse phenomeno a que se chama Revolução, com manifestações intermittentes desde a renascença até 1789: no campo das crenças foram as heresias; no campo dos costumes foi a preponderancia da classe burgueza pela industria; na politica foram os estados geraes; e nas sciencias o criterio exclusivo da observação e da experiencia, que assignalaram essa marcha revolucionaria, tendendo para disciplinar-se em um regimen consciente e evolutivo. Se a religião se subtilisava nos devaneios metaphysicos, e a philosophia explicava o universo unicamente por deducções subjectivas, sem outro trabalho mais do que a im ginação submettida a uma coherencia logica, julgando-se assim independente dos processos scientificos, as sciencias accumulavam os seus factos sem nexos, sem a luz da theoria para dirigir a observação e sem a dependencia mutua das diversas especialidades como comprovações anteriores. Em poucas palavras, a Philosophia, isto é, a theologia e a metaphysica, julgavam-se independentes das sciencias para formularem a explicação integral do universo; as sciencias desenvolviam-se sem a preparação nem o intuito de um ponto de vista philosophico.

Foi no auge d'esta crise mental, que o genio de Augusto Comte terminou a sua educação polytechnica; e, tendo descoberto pelos vicios do ensino e pelas perturbações sociaes e conflictos da sua propria individualidade, o facto da anarchia dos espiritos, procurou descobrir uma base positiva sobre a qual as concepções humanas achassem um apoio natural, que as harmonisasse em uma completa unanimidade. O seu trabalho consistiu, primeiramente na analyse das concepções subjectivas que constituem o dominio de toda a philosophia *á priori*, caracterizando a progressão e variabilidade das explicações gratuitas da theologia *tradicional* e da metaphysica *provisoria*, e substituição d'essas explicações por *demonstrações definitivas* das sciencias

A esta successão progressiva e ascendente das concepções mentaes da humanidade, estado theologico e metaphysico, determinando o ponto em que começa a positividade, chamou Augusto Comte a *lei dos tres estados*, a qual se verifica mais ou menos amplamente nas civilisações historicas; foi assim que deduziu a natureza espontanea e provisoria das noções theologicas e metaphysicas.

Para conhecer que a somma das demonstraões accumuladas pelas sciencias, desligadas entre si e sem plano synthetico, era já bastante para determinar o estado positivo mental da humanidade, Comte tentou primeiramente deduzir se existia algum nexu doutrinario ou dogmatico entre todas as sciencias, quaes os processos de methodologia peculiares a cada uma, e quaes os problemas irreductiveis ou inverificaveis, que as sciencias haviam rejeitado para poderem progredir. Do primeiro trabalho resultou a *classificação dos conhecimentos humanos*, fundada, na parte dogmatica, na generalidade decrescente e complicação crescente dos phenomenos da natureza observados pelas sciencias, e na parte historica pelo modo como a propria humanidade, na sua marcha evolutiva, foi explorando gradualmente cada ordem de phenomenos, desde as theorias theogonicas-sideraes até ás formulas aphoristicas da moral social. D'este modo a classificação dos conhecimentos humanos deixou de ser um luxo erudito ou uma systematisação arbitraria, como em Bacon ou Ampère, e passou a ser a primeira subordinação das sciencias a um regimen philosophico.

D'este regimen ou disciplina resultou — a determinação do campo proprio de cada sciencia, e portanto uma clara comprehensão do seu objecto e uma maior perfeição no seu methodo especial; resultou um maior poder de demonstração, pelos recursos fornecidos por outras sciencias correlativas; uma maior e mais evidente utilidade pelos subsidios prestados a outra ordem de investigações, e por ultimo um systema de educação intellectual partindo do estudo das sciencias mais abstractas até ás mais concretas, estabelecendo a verdadeira capacidade geral no accordo entre os conhecimentos encyclopedicos como base dos conhecimentos especiaes.

Se a classificação dos conhecimentos humanos foi um primeiro processo de disciplina philosophica a que foram submettidas as sciencias, por seu turno a philosophia tambem foi subordinada ás sciencias, excluindo da sua synthese todos os problemas de natureza inverificavel, irreductiveis pela experiencia e inaquiesciveis pela demonstração. Por esta via o absoluto, a entidade-mãe de toda a metaphysica, foi excluido das soluções positivas, e o relativo foi dado como o objecto da actividade humana, como fonte de todas as verdades verificaveis, e como o meio de se extinguir a anarchia do espirito e da sociedade, modificando-se pela unanimidade das concepções a fôrma e o destino das instituições.

A consequencia prática da influencia da philosophia sobre as sciencias foi primeiramente a systematisação da biologia (zoologia, entmologia, conchyliologia, botanica, anatomia, physiologia, pathologia, etc.) e depois a subordinação do facto social aos methodos de observação e experiencia pelo criterio da filiação historica. D'este modo a philosophia positiva, pela organização scientifica da sociologia, recebeu o character de uma synthese integral, que a torna mais completa do que todas as theologias e metaphysicas, para as quaes a sociedade e as suas creações eram arbitrios providenciaes.

Pela dependencia da sociologia da biologia, no facto individual explicavel pela physiologia, no facto colectivo explicavel pela hygiene ou mesologia, a philosophia positiva separou-se dos systemas theologicos e metaphysicos como um verdadeiro estado mental do homem moderno; a theologia e a metaphysica partem do estudo do homem para a comprehensão do universo, e a philosophia positiva procede do conhecimento dos phenomenos do mundo exterior, cosmologicos e biologicos, para se elevar ao conhecimento dos factos psicologicos e sociaes por onde se manifesta o homem.

Aqui começa a formação de uma nova consciencia.

THEOPHILO BRAGA.

CHRONICA DRAMATICA

A FILHA DO SALTIMBANCO, DRAMA EM 4 ACTOS PELO SR. ANTONIO ENNES

A escassez de dramas originaes portuguezes é a causa unica do longo periodo, transcorrido desde a nossa ultima chronica. Surge, porém, a nova composição theatral do sr. Ennes, cuja rapida apreciação será o objecto unico d'este artigo.

Buscou o illustre escriptor para thema um senti-

mento, que posto em acção com os esplendores da linguagem da paixão e manifestado através a acção dramatica palpitante d'interesse, irá agitar profundamente a alma do espectador. Amor reciproco de pae e filha.

O primeiro, homem, exercendo a mais baixa das

profissões—politiqueiro de feira; a segunda, menina, que o pae apartára de si aos quatro annos para a arrancar á vida de immensa miseria e cruel aviltamento dos saltimbancos ambulantes.

O auctor não explica as causas, que determinaram Vicente Teixeira, já adulto, a escolher um modo de vida, que era a antithese da sua bella alma e do seu grande coração.

Alice crescera em annos e prendas, e alimenta o natural aneio de conhecer o pae. Fôra educada conjunctamente com una outra senhora, mais velha do que ella, possuidora de ruins instinctos e ambições desregradas. Como sabe que o saltimbanco é o pae de Alice, e que esta seria provavelmente repellida de um fidalgo, que está prestes a unir-se á irmã adoptiva, quando inteirado da ascendencia da futura viscondessa, explora insidiosamente o inexgotavel amor do pae e a curiosidade da filha.

Triumpho, reunindo-os em um abraço admiravelmente verdadeiro, lance culminante do drama, e levando por diante a sua nefanda obra, prepara o escandalo de se divulgar em pleno salão a baixa filiação de Alice.

Então o fidalgo, character tibio, inconstante, exulta com a fatal revelação, e com o acaso, que lhe desvia de casamento a pessoa que elle realmente não ama. Carlota, radiante com o triumpho, não o completará.

O visconde não a desposa. O saltimbanco leva consigo a filha depois de ter disparado violenta, rapida e essencialmente dramatica objurgatoria contra os dois.

Este final do terceiro acto é admiravel d'effeito, mas, para o suppôr verdadeiro, é mister phantasiar um pelotiqueiro, com uma alma não só extremamente amavel, senão tambem muito superior, porque, vendo destruido para sempre a ventura da filha, e nesta lançado o germen da morte, com a phrase do visconde, antevendo um futuro de rebaixamento tenebroso e inoportavel para o seu idolo, ainda encontra excepcional energia, em vez d'acabrunhamento para soltar uma palavra, realmente sublime — «Vós farçantes, nós saltimbancos!»

Suppomos, depois d'este acto, que, no quarto, Vicente Teixeira dispa as vestes do histrião, que tente qualquer outra profissão, que não aquella onde, exercendo-a, acorrentará a meiga, delicada, enfermeira filha ao seu supplicio atroz.

Volta o saltimbanco ao tablado de feira, e Alice, já com as sombras da morte a enublarem-lhe os olhos, vem, de manto e corôa, representar de D. Ignez de Castro. E morre quando subia os degrãos d'aquelle cadafalso, para ella mais ignominioso, do que o da morte por mão d'algoz para o scelerado.

O pae ante o cadaver da filha enloquece e brada, voz em grita, — «*Quem quer ver Ignez de Castro por um pataco.* E' dilacerante!

O drama contém outros personagens secundarios, cujo desenho é esmerado.

Em geral ha bom travamento no dialogo, propriedade de fallar, segundo as circumstancias a que a elocução deve subordinar-se.

A acção corre quasi sempre natural e sempre revestida de interesse, e em boa verdade achamos primorosamente desenhados os dois vultos principaes da peça. Reconhece-se que o 4.º acto foi escripto com uma intenção de effeito theatral.

A nosso ver o melhor acto é o segundo, onde se admira a verdade do lance e do estylo, e um estudo accurado da paixão. Reportamo-nos ao reconhecimento da filha e do pae.

Um sonho narrado por Alice, triste reminiscencia do passado já remoto, é admiravel de colorido poetico e de despedaçadora verdade.

Para os *romanticos* ferrenhos, o valiosissimo trabalho do sr. Ennes será uma obra prima; para os *realistas* intransigentes, uma composição, onde abundam todas as gastas molas da escola romantica. Nem somos d'uns nem d'outros.

Vêmos na peça a reabilitação da alma humana, observamos a grandeza do sentir sob os guisos do truão, e folgamos de que o affecto filial não esmoreça ante o envilecimento da carreira, ou modo de vida dos paes.

E', pois, rasgadamente nobre, sympathico, sublime o assumpto da peça e não lhe abocanhámos o merito, porque Victor Hugo escreveu *Le Roi s'amuse*, e *Le homme que rit*.

Sejam quaes forem os senões que um escarpello penetrante traga a lume, a *Filha do Saltimbanco* é uma peça de inexcedivel lição moral e mira a um fim de todo o ponto civilizador:—extinguir a horrivel escravidão do saltimbanco, que o fôr desde a mais tenra infancia.

Somos, pois, de opinião que a bella producção do sr. Ennes merece tudo quanto de justamente laudatorio se tem escripto a seu respeito, sem que por isso sejamos arrastados a classificar-a da melhor peça do theatro portuguez. E' uma das melhores, e isto lhe basta ao seu intelligente e illustrado auctor para gloria immorredoura.

Quanto a desempenho, foi elle o mais notavel, que, actualmente, os actores portuguezes lhe poderiam dar, crêmos. Antonio Pedro creou o papel de *saltimbanco*. Magnifico trabalho, muito consciencioso na expressão geral, dupla — pelotiqueiro e pae — e nas minucias de todas as multiplas transições, contra-scenas e movimentos d'um personagem, que, ora acceita submisso a chicotada, para que possa inebriar-se na contemplação da filha, ora cresce em tragica indignação contra os que fogem d'ella, apenas sabem do mysterio da progenitura. Aquelle mixto de esgares e lágrimas, de facecias e contorsões de agudo martyrio, teve interprete á altura do personagem. Antonio Pedro fel-o individual, completou-o.

De Amelia Vieira, louvamos-lhe a maneira intelligente e artistica, disfarçando bem a arte, com que traduziu as violentas sensações da filha heroica, amantissima e pura, que se vê repellida, como responsavel pela profissão degradante do pae!

ALFREDO OSCAR MAY.

A EGREJA

I

Ó Christo! ó Christo! ó alma de setim!
 Ó prégador do exemplo!
 Ha muito que tu estás pregado assim
 Á cruz, no improprio templo,
 Como quem dorme um somno, alegre, bom, eterno!
 Accorda, é tempo já! O espirito moderno
 Necessita de ti, das tuas theorias,
 Da vida socegada,
 E em vez d'essas profundas alegrias
 Na tua Igreja encontra uma farçada
 Ridicula, medonha, theatral,
 Sobre tudo incoherente
 Onde é o actor—o padre, o espectador—o crente
 E a peça—o teu missal.

Bem vês! Tu foste um lutador sem macula,
 E já que azurragaste as carnes purulentas
 Dos vendilhões d'então,
 Acaba-me esta orgia:—a Igreja-crapula,
 E padres, e latim, e resas e aguas bentas:
 —Uma especulação.

Da lampada singela a luz suave e triste,
 A luz serena e doce,
 Já se não vê brilhar, já não existe,
 Como se acaso, indigna de ti fosse!
 E expulsaram-a imagem veneravel
 Da pureza e do amor, da uncção e da virtude,
 Porque a acharam bastante miseravel
 E, além de froixa e baça, em demasia rude!
 Por isso, os padres bons, a seu talante
 Entraram nos cafés,
 Subiram aos salões
 E trouxeram de lá o gaz, que é mais brilhante,
 Para lançar-t'o aos pés,
 Como se fossem alumiar sultões!

A tua mãe, esse anjo de pobreza,
 Maria, a concepção das virgens ideaes,
 Vê-se nos templos cheia de riqueza,
 Como se fôra ahí qualquer burgueza
 Aquem não faltam gozos
 E aquem não faltam joias triviaes,
 Quando ella usava a hôa e pura singeleza
 Das candidas Vestaes!
 E tu não vês, ó Christo! Ó democrata!
 Que n'esses ouropéis insidiosos
 Querem tornar-te a Mãe em dama aristocrata!
 A tua mãe, mulher d'um operario,
 D'um pobre lutador,

D'um pobre carpinteiro,
 Que havia de ganhar, no misero salario,
 O fel de muita dôr
 Depois de trabalhar um dia inteiro!

Oh! irrisões d'agora!
 Supremas ironias!
 Para tornar uma mulher—aurora,
 Uma mulher que sente e ama e sofre e chora,
 Cobrem-a emfim de bellas pedrarias!...

Quando ha festa no Templo, a santa singeleza,
 Imagem da Virtude e da Verdade,
 Veste as gallas postiças da nobreza,
 Os damascos d'altissimo valor
 E os veludos da fina sociedade
 Com ornatos d'esplendido lavôr!
 Nem sabe alguem dizer se alli é com certeza
 O templo do Senhor.
 Depois, no côro, a orchestra então realça,
 Tocando alegremente
 Uma bonita valsa,
 Que por pouco não faz dançar a gente!
 E as musicas sagradas
 As musicas divinas,
 Que foram n'outro tempo as bellas alvoradas
 Das almas chryst. linas,
 Que corriam a orar, crentes em Deus,
 Agora gemem tristes agrilhoadas
 Quaes novos Prometheus!
 Nem sequer a egualdade que pregaste
 Aos padres escapou,
 Joia fina do teu precioso engaste
 Feita da immensa luz, que ainda não raiou!...
 No teu Templo distinguem-se os lugares;
 Os pobres, os plebeus
 Não podem ajoelhar-se aos teus altares,
 São reprobos de Deus!
 De resto a hypocrisia triumphante!
 Lança-se ao lodo o que ha de mais austero
 E passa-se adiante!
 Oh! sombra de Calvino! Oh! sombra de Luthero!
 Padres! continuae na torpe sordidez
 Das vossas leis antigas;
 Agarrae a Mentira, o Crime, a Estupidez,
 Atrophiae a infancia,
 E ide cantar depois as lubricas cantigas
 E os psalmos do terror,
 A's pobres raparigas,

E aos homens que professam a ignorancia,
Como se ella encerrasse a eterna paz do amor!
E em seguida lançaes o vosso olhar obsceno.

É muito tarde já, embora na consciencia
Do velho mundo exista a boa ingenuidade!
O sol é um atheu, e a vossa omnipotencia
—A simples negação do Justo e da Verdade.

Morrem a pouco e pouco os Deuses. Lentamente
O mundo vae seguindo a inspiração do Bem,
E n'essa evolução, purissima, attrahente,
Cantam psalms d'amor os paramos d'além.

Tudo o tempo destroel! Crenças, religiões,
A nossa velha fé nas gratas utopias,
E antigos ideaes, falsas philosophias,
Tudo morreu em nós—nos nossos corações!

O Christo não foi mais que um rijo lutador;
Mataram-o a final, e ha muito que descança,
Democrata febril, varado pela dôr,
Na eterna paz da terra, a paz serena e mansa.

As cousas saturnaes!
Depois, que mal faz isso? O Nazareno,
O Christo, já morreu, não pôde voltar mais!

II

O Jehovah lendario, o Deus que ninguem vira,
Foi expulso do azul, banido do real,
E sepulto no horror da estolida mentira
Pela sciencia moderna—a crença universal.

E o mesmo azul sublime, o largo ceu profundo,
Ó phantasistas vãos de crenças cadavericas!
Não é, como julgaes—um novo e eterno mundo,
São simplesmente, ouvis?—camadas atmosfericas.

Satanaz já morreu d'um mal muito moderno;
Matou-o a rude voz fatal da geologia,
Quando estudando o globo, á luz do claro dia,
Não encontrou logar no qual exista o inferno!

No meio de tudo isto, a Igreja é como um cacto,
Sanguinea, rubra, a côr que menos nos seduz,
E com quanto presente o maximo apparatus,
O cacto não quer agua—a Igreja não quer luz!

BARROS DE SEIXAS.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

(Continuação)

Estava o doutor, na noite subseqüente ao segundo dia depois d'este acontecimento, meditando nestas cousas sentado ao fogão, quando lhe entrou pela porta dentro Paulo Didier sem se ter annuciado, como pessoa conhecida na casa.

Paulo tinha as feições contrahidas, os labios pallidos e o olhar duro.

—Doutor, disse-lhe elle, o senhor Humbert de Toulouse veio hontem consultal-o ácerca da minha saude, e v. ex.^a declarou-lhe que eu estava gravemente doente.

—Como?...

—Declarou-lh'o com o seu silencio, que equivalia á mais clara e á mais terrivel das declarações. O segredo de profissão que v. ex.^a guarda tão fechado em Paris, parece que anda ás soltas por Toulouse, para onde alguma carta ou alguma bocca indiscreta o levou. Como se explicaria de outra fórma, com effeito, que o sr. Humbert o viesse consultar de tão longe sobre tal assumpto? Responder a essa consulta

com um silencio mysterioso, como v. ex.^a respondeu, é para se fazer ouvir dos proprios surdos. O sr. Humbert entendeu perfeitamente. Eu não venho aqui pedir as provas d'uma doença que não existe. Gozo felizmente d'uma saude admiravel. Venho apenas para lhe dizer o seguinte:—Ha dois annos que adoro Helena Humbert; estou para casar com ella, e declaro-lhe que v. ex.^a me não fará perder este casamento e com elle a vida! O sr. Humbert está a chegar ahi; fui eu que lhe pedi isso e que o resolvi a vir. V. ex.^a vae repetir-lhe deante de mim o seguinte: «Ha dois Paulos Didier, um que eu tratei—porque eu creio que v. ex.^a me prestou os seus cuidados—e outro que goza da melhor saude do mundo, e que é este.»

O segredo medico, continuou Paulo, não se oppõe por certo á reparação de uma falta.

O doutor chamou pelo creado, deu-lhe em voz alta ordem para não deixar entrar ninguem, e depois fez-lhe signal para se conservar ao alcance do primeiro chamamento.